

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 1969 N.º 16 674 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã
anda a roda
"TALUDA"
4 MIL CONTOS!



No momento em que o Chefe do Governo recebia a medalha de ouro do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito do Porto. (Telefoto)

Organismos corporativos e obras portuárias visitados no Porto pelo Chefe do Governo

PORTO, 22 — No segundo dia da sua visita ao Porto, o Chefe do Governo saiu do quartel-general, às 9 e 30, na companhia do ministro das Corporações e caminho do Estádio Salazar, da F. N. A. T., onde, era aguardado por elevado número de individualidades, entre as quais o ministro do Interior, secretário de Estado da Informação e o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, além do governador civil do distrito e seu substituto, presidente e vice-presidente da Câmara do Porto. No terreno do estádio estavam formados numerosos atletas dos centros desportivos.

(Continua na 15.ª página)

Anunciada a morte de outro general soviético

MOSCOVO, 22. — (F. P.) — O jornal «Estrela Vermelha» anunciou esta manhã a morte do general reformado Pierre Radtsig, que contava 76 anos. Durante a guerra civil, o general Radtsig foi comandante de tropas do chefe de comando do Exército Vermelho, Simeon Budyonny, indica o filho do general da Defesa soviética. Radtsig morreu em 1944. Trata-se do 17.º chefe de um general soviético anunciado até 10 de Abril.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

HOMENS A 15 KM DA LUA

HOUSTON, 22 — (R.) — Dois batedores especiais descem hoje até uma altura de cerca de 15 quilómetros da Lua durante o perigoso ensaio geral dos planos dos Estados Unidos da América para a conquista do satélite natural da Terra.

A mínima falha a bordo do estranho «módulo lunar», semelhante a uma aranha, que transporta os astronautas da «Apollo 10», Tom Stafford e Eugene Cernan em direcção às crateras lunares, sem ar, podia terminar em morte e em desastre a uma distância de 384 000 quilómetros da Terra.

A arriscada manobra para espreitar um local seguro de desembarque para a expedição da «Apollo 11» em Julho, principiará às 20 e 22 horas (T. M. G.) quando o transporte lunar se desligar da sua nave-mãe e mergulhar numa

órbita elíptica baixa em redor da Lua.

O «módulo lunar» — anteriormente apenas experimentado por astronautas em órbitas à volta da Terra — não transporta combustível suficiente para efectuar um desembarque na Lua e descolar novamente para se juntar à nave-mãe, pilotada por John Young.

Entretanto, os astronautas da «Apollo 10» puseram, ontem à noite, a funcionar o motor principal da nave para mudar a sua órbita elíptica em redor da Lua para uma rota de voo circular a cerca de 110 quilómetros da superfície lunar.

O astronauta Eugene Cernan comunicou para Terra: «Uma boa ignição a tempo».

Cálculos preliminares revelaram que a órbita era entre 61,5 a 60 milhas marítimas, extremamente perto da órbita escolhida.

A informação da ignição com êxito foi transmitida quando a nave espacial recomeçou as suas comunicações com os comandos de Terra a seguir a ter passado por detrás da Lua.

(Continua na 10.ª página)



A sr.ª Nguyen Thi Binh, chefe da delegação da F. L. N. às conversações de Paris. Thi Binh, em entrevista concedida à cadeia norte-americana National Educational Television declarou que as tropas estrangeiras, estacionadas no Vietnam do Sul, deveriam ser evacuadas antes de se realizarem eleições. (Ver notícia na pág. 11)

VAI TENTAR A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO NUM BALÃO



Isolado nas Desertas, a 23 milhas da Madeira, este homem de 40 anos, que abandonou a profissão de engenheiro para se dedicar à aventura, espera o tempo propício para tentar atravessar o Atlântico num balão. — LER NA PAGINA CENTRAL.

AVIÃO ISRAELITA ABATIDO PELOS EGÍPCIOS

BEIRUTE, 22 — (R.) — Aviões egípcios abateram um «Mirage» israelita durante um combate aéreo na região de Ghardaka no Mar Vermelho — disse um informador militar egípcio.

Cerca das 11 e 50 locais os aviões egípcios interceptaram seis «Mirages» israelitas que tentavam pe-

netrar no espaço aéreo egípcio.

Abrindo fogo contra os aviões, os egípcios abateram um que caiu no mar e obrigaram os outros a bater em retirada.

Todos os aviões egípcios

(Continua na última página)

Edição da noite

A criação dos passeios pelo Tejo elogiada na reunião do Município

— O porto de Lisboa criou uma barreira difícil de transpor — afirmou o general França Borges na reunião mensal do Município, em resposta a uma

curta oração do vereador Vasco Pimentel para elogiar a criação dos passeios fluviais.

O presidente da Câmara Municipal concedeu, entre-

tanto, que a ocupação da beira-Tejo pelo porto é aceitável, mas urgia dar a conhecer o rio a toda uma população de pequenos recursos — e daí as baixas tarifas do passeio.

Reunião morna, com a presença dos dois vice-presidentes e nove dos doze vereadores, foi realmente a de hoje. Leitura dum officio do Município português sobre a criação (em Lisboa) da Avenida Cidade do Porto, aprovação de alguns projectos (construção de habitações para funcionários da C. M. L. a norte da estação do Rego, montagem de colectores de reforço na Avenida de Berna), adjudicação de empreitadas e resoluções sobre a compra de parcelas de terreno.

Numa intervenção espontânea o vereador eng.º Santos e Castro referiu-se aos discursos do Chefe do Governo ontem proferidos no Porto. «Notáveis mensagens à Nação», chelas de «conceitos mais que razoáveis»,



Os dois jovens portugueses à partida para a Holanda

DOIS PORTUGUESES NO CONCURSO «PHILIPS» PARA JOVENS INVENTORES

Partiram hoje para a Holanda os estudantes portugueses Luís Henrique Borges de Almeida e José Augusto Legatheux Martins, respectivamente alunos do Instituto Superior Técnico e do Liceu D. João de Castro, que vão representar o nosso País no Concurso Europeu Philips para Jovens Cientistas e Inventores.

Os concorrentes permanecerão na Holanda até ao dia 30 deste mês e tomarão parte em diversas manifestações de carácter cultural e recreativo, estando incluída no programa uma visita aos laboratórios de investigação da Philips em Eindhoven e Waalre.

Os jovens estudantes portugueses terão uma tarefa

árdua no concurso internacional, pois competirão com cerca de 40 jovens cientistas e investigadores de todos os países da Europa.

CONCURSO NACIONAL DE MONTRAS TV-SEVEN SEAS

Começa amanhã a realização do Concurso de montras, organizado pela NOVEL, L.D., para promoção da linha «THE SEVEN SEAS», lançada internacionalmente pelo I. F. C. — INTERNATIONAL FASHION COUNCIL — e apresentada em Portugal pelas camisas TV.

Como prémios serão atribuídos seis Grandes Prémios Regionais e um Grande Prémio Nacional, constituídos, respectivamente, por ancores de prata e ouro e destinadas às montras concorrentes que mais se acentuarem nos aspectos artísticos e promocional. Para os decoradores das montras vencedoras serão igualmente atribuídos, e dentro da mesma ordem, troféus de colaboração.

ESCOLHIDO O TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO DO LICEU DE QUELUZ

QUELUZ, 22 — Após várias diligências efectuadas junto ao Ministério da Educação Nacional e a contento de milhares de pessoas que ansiosamente aguardavam a útil resolução governativa, vai ser um consolador facto a construção do tão almejado como um Liceu Nacional de Queluz, que muito contribuirá para o des congestionamento dos Liceus de Oeiras e de Lisboa, além de evitar futuras aglomerações no Liceu de Sintra (ainda por concluir).

Para o efeito, foi, há dias, lavrada a escritura de cedência do respectivo terreno entre o Ministério das Obras Públicas e a Direcção dos Monumentos e Edifícios Nacionais. Segundo o despacho do ministro das Obras Públicas o imóvel, que terá 85 acrias, um pavilhão gimnodesportivo e uma piscina, além dos indispensáveis refectórios, será brevemente construído numa área de terreno com cerca de 30 000 metros quadrados, situado na Avenida Paiva Couceiro, entre os terrenos da Igreja Nova e do Quartel do R. A. A. F. de Queluz, no qual já

foram iniciadas as convenientes sondagens.

A concretização deste melhoramento não só irá dar o maior desenvolvimento à freguesia de Queluz, composta por 50 000 habitantes, como ainda virá ao encontro dos desejos de milhares de famílias de alunos residentes na Damalva, Amadora, Queluz de Baixo, Belas, Barcarena, Cacém e povoações da linha do Oeste, das quais a vila de Queluz é centro geográfico.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Artur de Oliveira Ramos

Faleceu o sr. dr. Artur de Oliveira Ramos, de 70 anos, viúvo, natural do Porto. O ilustre advogado foi deputado, vereador da Câmara Municipal de Lisboa, director do Refúgio da Tuija de Menores de Lisboa, e do Centro de Observação anexo ao Tribunal de Menores de Lisboa e, ainda, chefe do gabinete de ministério no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O ilustre extinto era pai do sr. Artur Manuel Monteiro Ramos, casado com a sr.ª D. Maria Helena Fidalgo Ramos; da sr.ª D. Maria Inês Monteiro Ramos Monteiro, casada com o sr. dr. Rui Horácio Monteiro; da sr.ª D. Maria Clotilde Monteiro Ramos Franco Feijó, casada com o sr. eng.º Fernando Feijó; e do sr. Jaime Manuel Monteiro Ramos, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Ramos; irmão do sr. arquitecto Carlos de Chambers Ramos, casado com a sr.ª D. Cláudia Ramos, da sr.ª D. Inês Anália Chambers Ramos Guardado Lopes, casada com o sr. dr. José Guardado Lopes, director-geral dos Serviços Prisionais, e da sr.ª D. Maria de Chambers Ramos, e cunhado do sr. dr. António da Fonseca Monteiro.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realizou-se hoje para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

FALECIMENTOS

D. Argentina Mendes Simões Pereira

Faleceu a sr.ª D. Argentina Mendes Simões Pereira, de 62 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. João Simões Pereira e mãe da sr.ª D. Maria Dina Mendes Simões Pereira e do sr. João Abílio Mendes Simões Pereira.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda, da Avenida Almirante Reis, realizou-se, amanhã, às 10 horas, na Igreja de São João de Deus (capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

SUFRÁGIOS

Agripino José Martins

Por intenção do sr. Agripino José Martins, sua família manda celebrar amanhã, às 9 horas, na Igreja de Santa Engrácia, missa do 7.º dia.

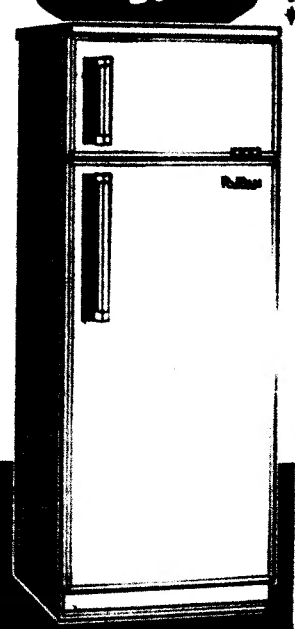
AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 334167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022



VEJA O QUE
RUTON
CRIOU PARA
SI



UMA GAMA
COMPLETA DE
FRIGORÍFICOS

Concessão de diamantes em Angola a uma empresa americana

O «Diário do Governo» de hoje publica um decreto que autoriza o ministro do Ultramar a assinar um contrato de concessão do direito exclusivo de pesquisas e exploração de diamantes com a Diversa-Internacional de Exploração de Diamantes, S.A.R.L., filiada portuguesa da empresa americana Diversa Inc., de Dallas, Texas, U.S.A., que subcreve 98 % do capital da empresa portuguesa e lhe dará toda a sua assistência técnica e financeira.

A concessão é por 35 anos e a área concedida de 27 500 km², abrangendo uma região ao sul de Benguela e que se prolonga até Sá da Bandeira em direcção ao sul, num total de 43 quadriculas.

A empresa portuguesa terá um capital de 10 000 contos e obriga-se, para além das rendas de superfície, «royalties» e contribuição para o Fundo de Fomento Mineiro de Angola, a um investimento mínimo de 15 000 contos e, no caso de as pesquisas serem bem sucedidas, aos investimentos necessários à boa exploração da área concedida.

O CHEFE DO ESTADO VAI AMANHÃ A PORTALEGRE

Festejando, amanhã, o dia da cidade (419 anos de existência), Portalegre recebe a visita do Chefe do Estado, que ali inaugurará diversos melhoramentos. Ser-lhe-á entregue a medalha de ouro do concelho, atribuída pela primeira vez.

Entre as obras a inaugurar, figuram: um Centro de Saúde Mental, no antigo Convento de Santo António; um bloco habitacional, para funcionários públicos e administrativos, no Bonfim; a segunda fase do abastecimento de água à cidade e um pavilhão gimnodesportivo.

JACQUES ESTEREL EM PORTUGAL



O conhecido costureiro francês, que também canta canções de sua autoria

Jacques Esterel, o famoso costureiro francês e seus manequins privativos chegam hoje a Lisboa, a fim de amanhã à noite, em espectáculo de gala que se efectua no Casino Estoril, apresentar os seus modelos. Entretanto, ao fim da tarde de hoje, Esterel inaugurará, na Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A, uma «boutique» com o seu nome, no decorrer de um «cocktail» em que estarão presentes diversos convidados.

Além de costureiro, Jacques Esterel é também artista — e amanhã, no Casino Estoril, interpretará algumas das suas canções, acompanhando-se à viola. Quatro manequins femininos e um masculino apresentarão a sua colecção para o Verão de 1969 — sendo apresentadores do espectáculo Fred Adison e Mlle. Gina Gardel.



AINDA NÃO!

Talvez um dia a FRIMATIO faça um frigorífico com um compartimento para você passar o verão, mas por enquanto, não. Entretanto aproveite a técnica FRIMATIO para conservar a saúde e o bem estar dos seus, utilizando-o para fins domésticos.



REPRESENTANTES:
REFRIGERAÇÃO POLAR Lda.
em actividade até 24 de Junho de 1969 - Lisboa
Rua Gaspar Estrela, 120 - Porto

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

DE AGOSTO A NOVEMBRO DE 1820

por JOEL SERRÃO

Aquilo que muito especialmente seduzia os mentores portugueses do fulhede pronunciamento republicano de 31 de Janeiro de 1891 era a hipótese da repetição do que, e seus efeitos, constituía o mérito supremo da acção política de constituição: a realização, no já longínquo menhê de 24 de Agosto de 1820: a reunião da tropa, uma proclamação solene ao País, e o discreto desmembramento, sem uma gota de sangue vertida, das instituições políticas consideradas obsoletas e impeditivas da ascensão do povo português à plena cidadania. A indignada frustração de um Sampaio Bruno ou de um Basílio Teles — e de tantos outros que na dobragem do século passado para o actual se egarravam com desespero à esperança da «virginal República» — radicava, além do mais, no apego ao espectro histórico do vintismo, essa tenaz miragem de uma «revolução» que principiara por não o ser...

Na verdade, quando a tropa da guarnição portuguesa se reuniu, pela calada da manhã de 24 de Agosto de 1820, no Campo de Santo Ovídio (logo após o triunfo denominado, muito significativamente, Praça da Regeneração), saberia ela que estava dando início à virtual mudança do antigo regime no sentido da institucionalização do liberalismo? É muito duvidoso que o soubesse, mas, sabiam-no sim, os conspiradores do Sinédrio que, com tão compreensíveis cautelas (estava fresca ainda a memória do suplício dos conspiradores liberais de 1817) haviam lançado a tela da conjura, realisticamente apoiada no papel decisivo que ao exército competia, — e haveria de competir pela força das circunstâncias portuguesas, no decurso da nossa história contemporânea.

Com efeito, o que ocorreu no Porto, a 24 de Agosto de 1820, foi um pronunciamento militar justificado pela «aclamação» que se pretendia: da religião católica, da monarquia na pessoa do «mais amado dos soberanos», D. João VI, e da Constituição que asseguraria a liberdade regrada pela lei. Não importa averiguar, neste ensejo, de que transacções entre os homens do Sinédrio e os maioriais da tropa resultou o compromisso político que se proclamou ao País, mas tão-só vincar que foi isso que aglutinou o desejo de mudança. A mudança, em primeiro lugar, numa situação de

facto não só humilhante mas também angustiosa: o Reino tornado em colónia do Brasil; a ausência do rei; a presença de Beresford e da oficialidade inglesa; a queda vertiginosa do volume do comércio luso-brasileiro. E, em segundo lugar, mas no âmbito de alguns apenas, o aproveitamento do ensejo para, ao sabor dos ventos favoráveis que sopravam de Espanha (de 1830 a 1833, o vizinho peninsular ensaiará a sua segunda experiência liberalizante), tentar-se a renovação e a inovação de instituições políticas aptas a assegurarem o futuro da grei, que, muito justamente, se considerava comprometido. No lábaro do pronunciamento de 1820 só o mote de *Constituição*, ainda que ambiguamente proclamada como um regresso às mais lídimas tradições nacionais, continha as virtualidades de uma revolução que só gradualmente viria a explicitar-se.

Constituída a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, presidida pelo brigadeiro António da Silveira Pinto da Fonseca, e constituída pelos militares Cabreira e Sepúlveda, pelo deão Brederode, e ainda por representantes da «burguesia» portuguesa, Pereira de Melo, Manuel Fernandes Tomás, Barros Lima, Xavier de Araújo, Sotto Maior, a qual era secretariada por José Ferreira Borges, José da Silva Carvalho e Francisco Gomes da Silva, ela aspira, naturalmente, ao domínio das alavancas do Estado, que se mantinham em Lisboa. Tendo o movimento alastrado sem dificuldades de monta ao Minho e às Beiras, de Lisboa, os governadores do reino contra-atacam procurando anular o que de revolucionário se continha no movimento do Porto (a promessa duma constituição), convocando, apressadamente, Cortes para 15 de Novembro. Era hábil o golpe, mas os nortenhos estão dispostos a levar por diante a empresa, mesmo que para tal se tornasse necessário recorrer ao auxílio espanhol: a nossa causa «é também a causa de nossos vizinhos os espanhóis, e por isso tropas deles ocupam já nossas fronteiras na Galiza, aonde se acham prontas a auxiliar a nossa independência».

Lisboa procura negociar com a Junta Provisional (9 de Setembro), enquanto a 14 desse mês, esta recusando-se a qualquer compromisso, sai do Porto com destino à capital, onde, a 15 se verifica um pronunciamento que se cifra pela deposição dos governadores e pela nomeação de um governo interino, constituído por Conde de Sampaio, conde de Rezende, conde de Penafiel, Matias José Dias Azedo, Hermínio José Braamcamp Sobral. Os dois governos, português e lisboeta,

tendem para a fusão, o que veio a ocorrer em 27 de Setembro, data em que se anuncia, de Alcobaca, quer a constituição de uma ampliada *Junta Provisional* quer uma *Junta Provisional Preparatória das Cortes*. O fermento revolucionário ia abrindo, paulatinamente, o seu caminho.

Instalada em Lisboa, a partir de 1 de Outubro, a Junta Provisional procura pôr a casa em ordem, consoante os designios de 24 de Agosto: pede ao Rei que regresse à metrópole ou que designe o seu representante (9 de Outubro); impede o desembarque de Beresford (10 de Outubro) que, entretanto, chegara ao Tejo, vindo do Brasil, munido de plenos poderes que lhe haviam sido outorgados pelo monarca; concede aos trabalhos preparatórios para a convocação das Cortes Gerais, e publica (31 de Outubro) as instruções para a eleição dos deputados que ergueriam a constituição, cuja falta é a origem de todos os nossos males.

Foi, por então, que o exército começou a perceber que se lhe escapava o domínio das coisas, das quais, até então, havia sido o árbitro supremo. Disposto a manter essa supremacia ante os burgueses promotores do sinédrio e cujo líder era Manuel Fernandes Tomás, a tropa tenta um golpe de estado, que ficou conhecido por *Martinhada* (11 de Novembro), prenúncio alarmante do que viria a acontecer, em 1823, com a *Vila-Francada*, que poria termo à primeira experiência liberal portuguesa, em estreita consonância, aliás, com a agonia do segundo liberalismo espanhol. Mas, por então, o litígio derriu-se a favor dos civis que lograram impor-se, desterrando para a sua terra natal, Vila Real, o homem que, até esse momento, encabeçara a Junta Provisional — António da Silveira Pinto da Fonseca, irmão do conde de Amarante, que, por seu turno, em 1823 desencadearia das terras transmontanas a onda tradicional-absolutista que subverteria as incipientes instituições liberais.

Sinal dos tempos, a luta pelo poder entre os militares e os juristas arvorava, de parte a parte, propósitos de extremismo liberal: os objectivos declarados dos maioriais castrenses que fizeram a *Martinhada* cingiam-se ao desejo de que a eleição para deputados se realizasse consoante o «método espanhol», tal qual figurava na Constituição de Cádiz (1812); e o Governo, na alternativa que lhe era posta, não viu outra saída agra senão substituir as anteriores instruções para a eleição dos deputados já tornadas públicas, por outras, dadas a lume a 22 de Novembro, «segundo o método estabelecido na constituição espanhola e adoptado para o Reino de Portugal».

ECOS

UMA rara vocação do rigor, o gosto da metáfora científica, a economia da palavra, o amor da construção difícil caracterizam desde «O Ângulo Raso» a ficção de Fernando Botelho. Porém, nunca a autora de «Calendário Privado» atingira, no domínio da arquitectura e da perspectiva romanesca, a originalidade autêntica e profunda, a segurança de ofício, o poder de surpresa que enriquecem «Terra sem Música», o seu último romance, obra de vanguarda no processo literário mas que não se divorcia embora sem concessões a um psicologismo esgotado, da pesquisa abissal da natureza humana e do seu destino.

★

A visita de Nicolau Ceausescu a Varsóvia introduz na panorâmica política e diplomática das democracias populares na Primavera de 1969 uma nota de franco desanuviamento. Sem abdicar das suas posições liberais e da sua teoria do respeito pela construção da sociedade socialista segundo as condições objectivas e as peculiaridades de cada país, Ceausescu preconiza o diálogo, a consideração pelos pontos de vista divergentes. A pedra de toque do dissídio entre Gomulka e Ceausescu era o restabelecimento de relações diplomáticas entre a Roménia e a Alemanha Federal. Verifica-se agora — e a Polónia começa a praticar já uma estratégia diplomática mais matizada — que afinal a tática da Roménia não era assim tão absurda, visto que poderá mesmo ter incorporado a aproximação da corrente social-democrática com os países do Leste, no Congresso de Nuremberga. Em artigo de fundo do *Le Monde*, estabelece-se uma relação entre esta abertura a Oriente e uma eventual necessidade da União Soviética de conseguir um descongestionamento na Europa, devido à progressiva intensificação do seu conflito com a China.

★

OS sucessos políticos têm sido nos últimos anos factor determinante e imprevisível de migrações turísticas. Assim acontece que, enquanto nos meses da Primavera de 1968, afluiam visitantes franceses, em bandos compactos, às estações balneares da Roménia, da Bulgária e da Jugoslávia, onde a água do mar é morna e os hotéis são acolhedores, a população amável e até carinhosa para com os forasteiros, agora, após os acontecimentos de Praga, diminuiu muito sensivelmente essa corrente turística. Qual a razão? Provavelmente o receio, segundo a opinião manifestada no *Express* por Monique Gilbert. Quanto ao Líbano, próximo de Israel, logo da ameaça de bombardeamentos e incursões militares, é ainda mais pronunciada a atitude negativa do turista francês, como no que respecta à Grécia.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MINISTÉRIO DA SAÚDE
E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL
MIGUEL BOMBARDA

Concurso
para o fornecimento
de MEDICAMENTOS

Até às 15.30 horas de dia
2 de Junho p. l. recebem-se
propostas feitas em papel selado,
dentro do sobrecoito fechado e
lacrado, para o fornecimento
das substâncias.

Condições pautadas no Serviço
de Abastecimento, todos os
dias úteis, dentro das horas de
serviço normal.

Lisboa, 20 de Maio de 1969.
O ADMINISTRADOR

SALÃO DE CINEMA
DO PALÁCIO FOZ

Ciclo «Os Filmes
da Cinemateca»

Motivos imprevistos obrigam a adiar para amanhã,
às 15, 18 e 21.30 horas as
sessões que hoje se deviam
realizar do ciclo em epígrafe.

FRIGORÍFICOS
EMERSON

A QUALIDADE NÃO SE VÊ

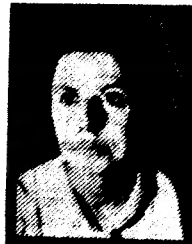
RECTÂNGULOS DA VIDA

OS MONSTROS

Todas as Primaveras, no dia 18 de Maio, abre a caça, meramente platónica, diga-se desde já, sem armas nem sangue inocente —, ao turístico monstro de Loch Ness. A época, chamemos-lhe venatória, estende-se até Setembro, mês em que o tempo começa a esfriar e o bicho, se bicho há, recolhe à sua antiquíssima gruta subaquática. A 18 de Maio as margens enchem-se pois de estrangeiros e nacionais, todos eles ansiosos por fixar na película a imagem do famigerado monstro, fósse vivo que a natureza esqueceu de fotografar para a breve posteridade de ser mostrada a amigos e conhecidos, e, quem sabe, de vir a ser publicada na «Life» ou no «Parie-Match». Esta época há uma novidade promissora: um mini-submarino equipado, está bem de ver, de câmaras fotográficas, propõe-se estudar as profundidades do lago onde o velho monstro talvez ainda esteja a espreçar-se do seu longo sono.

O proprietário de uma loja da região afirmou: «É a melhor promoção turística que há na Escócia, este famoso monstro. Os norte-americanos chegam aqui às centenas, passam horas à volta do lago e, como a Primavera deixa muito a desejar, acabam por se constipar e compram toda a espécie de abafos». E acrescentou: «Um ser tão valioso como é o monstro do nosso lago deve ser protegido a todo o custo».

por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



Ungem de aiaio, comboio ou camioneta, enchem os hotéis, constipam-se, vão a médicos e farmácias, compram abafos e lembranças para a família, compram também ou antes de mais máquinas fotográficas e de filmar, rolos, barracas de campismo, etc. Claro que o monstro deve ser protegido. É de ouro.

leto todos os anos, na Escócia. Na U. R. S. S., perto da fronteira com a China, há um lago que os camponeses da região dizem não ter fundo, e que tem, em todo o caso, mais de 500 metros de profundidade. Um sábio mediu-o com uma sonda desse comprimento e a sonda ficou suspensa na água. Pois esse lago, o Saratcheich, também possui, ao que parece, o seu monstro. E há o abominável homem das neves das montanhas Tsiang-Chiang, e há as célebres serpentes de todos os mares. Nas florestas siberianas consta que existem mamutes, e um professor mongol chamado Dachseveg, vê-los-ia mesmo fotografados em variadíssimas posições.

Esta misteriosíssima Terra em que vivemos!

A URGÊNCIA DE FISCALIZAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

— UM DOS TEMAS FOCADOS NO DEBATE

REALIZADO NO SINDICATO DOS FARMACÊUTICOS

Realizou-se ontem à noite, na sede do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, uma mesa-redonda sobre o problema das análises clínicas, que ultimamente foi agitado pela controvérsia entre várias classes profissionais quanto à



PEDRO COELHO

legitimidade do seu exercício. Contudo, o debate fechado que ontem decorreu na Rua da Sociedade Farmacêutica (em que só participaram especialistas) ignorou voluntariamente esses acontecimentos menos agradáveis e centrou-se numa discussão não profissionalmente sectorial ou setorial da questão, mas sim abordando-a de um prisma científico e sócio-estrutural. O moderador da sessão foi o dr. Pedro Coelho, que estava ladeado pelos drs. Henrique Santos Silva e Norberto Barreira.

Em relação ao ponto I da ordem de trabalho, de finição de análises clínicas, aquela que o dr. Santos Silva propôs, extraída da legislação francesa foi aceite por todos quase sem controvérsia. Ela: exame de laboratório destinado a facilitar o diagnóstico, o trabalho ou a profilaxia das doenças humanas. Quanto ao ponto II, referente às habilitações necessárias para a prática das análises, foi sublinhado que deveria ser exigido um grau de especialização para o director de um laboratório de análises clínicas, não devendo bastar pois a licenciatura (as licenciaturas, melhor, pois neste caso se admitem tanto Farmácia como Medicina). Foi a seguir muito discutido se os actuais estatutos são ou não explícitos quanto ao assunto. Depois de terem sido apreciadas pelas circunstâncias algumas expressões utilizadas para designar esta actividade, como a de patologista, que foi considerada inadequada ao nosso idioma (o seu emprego é predominantemente anglo-saxónico), foi inculcar uma exclusividade médica que não lhe deve caber, cuja origem estará precisamente (aventou o dr. Fernando Godinho) na intenção de os médicos se arrogarem privilégios neste campo. A dr.ª Elisete Sá Gonçalves sustentou, no que foi imediatamente secundada, que quando se fala de licenciados em referência às análises clínicas, não se podem deixar

de fora nem o químico, nem o engenheiro químico nem o veterinário, nomeadamente quando especializados.

Debruçando-se sobre a legitimidade legal da actividade do farmacêutico, o dr. Santos Silva nomeou três disposições legais, a saber: parágrafo 2.º do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 48 547, de 27 de Agosto de 1968, regulador do exercício da profissão, que diz: «Compete também ao farmacêutico a realização analítica em medicamentos com o fim da sua verificação e de análises qui-



SILVA TAVARES

mico-biológicas, nos termos estabelecidos por lei». Citou igualmente os artigos 14.º e seguintes do Decreto-Lei n.º 46 997, de 7 de Julho de 1968, e o 46 077, de 17 de Dezembro de 1964,

em abono das suas declarações.

Director-adjunto em questão

Os pontos III e IV diziam respeito à direcção e propriedade dos laboratórios de análises químicas. Depois de o dr. Santos Silva se ter pronunciado no sentido de a propriedade dos laboratórios dever pertencer, em regime análogo ao das farmácias, aos respectivos directores técnicos, foi levantado um problema que levantou grande celeuma, o dos directores-adjuntos. Suscitou-o a dr.ª Elisete Sá Gonçalves, que advogou a sua necessidade, no que foi contestada por um dos elementos da assistência. A esta questão parecia estar ligada a da existência dos postos de recolha de análises em aglomerados populacionais pequenos, o que foi considerado um mal menor enquanto uma melhor cobertura laboratorial do País não seja feita. Foram referidas as modalidades de postos que existiam e as necessidades que os justificavam, havendo mencionado o dr. Santos Silva a fraude que consiste em registar um posto como verdadeiro laboratório, o que, por vezes, impede quem esteja interessado em montar um verdadeiro laboratório nessa terra de o fazer.

Após ter tecido breves considerações acerca da propriedade do laboratório pelo técnico, que não julgou indispensável, o dr. Fernando Godinho pronunciou-se pela urgência da obrigatoriedade de existência de director-adjunto em certos laboratórios em que não só o número de análises feitas mas também a sua extensão técnica o justifiquem, no que foi sublinhado pelo dr. Alvarenga.

Foi focado logo a seguir um assunto momentosíssimo — o da fiscalização dos laboratórios de análises clínicas, juntamente com os da respectiva abertura e montagem. Como se sabe (ou talvez não) não existe entre nós praticamente qualquer fiscalização da montagem, apetrechamento, funcionamento, condições e métodos de trabalho, etc., dos laboratórios de análises clínicas em Portugal. Todos os intervenientes acentuaram então a necessidade de que seja instaurado o mais breve possível um operoso serviço de fiscalização das

análises clínicas no País, tanto mais preciso quanto é certo que os interesses que da saúde pública decorrem não podem estar à mercê do acaso ou do simples e não condicionado móbil do lucro. O dr. Alvarenga dissertou sobre as condições mínimas que uma legislação a criar deveria coninar, e o dr. Fernando Godinho alvitrou que fossem os próprios responsáveis dos laboratórios a enviarem ao Governo a notícia do que com eles sucede, não só com fins estatísticos, como numa medida de saneamento interno e de argumento junto das autoridades no sentido de aquela imprescindível fiscalização pública ser posta de pé. O dr. Damas Mora citou então a legislação francesa a propósito do tema em aberto, e preconizou a determinação pela lei do material mínimo segundo os laboratórios e funções respectivas. O dr. Pedro Coelho lembrou que provavelmente dentro em pouco o Sindicato estaria transformado em Ordem, o que daria ao organismo corporativo dos farmacêuticos o ensejo de resolver bem mais questões de ordem deontológica, por exemplo, que como



ELIZETE ALDINA DE SA GONÇALVES

Sindicato apenas, poderia mal abarcar e enquadrar. Honorários dos analistas

Discutiu-se também o registo de análises, propriedade dos resultados analíticos, segredo profissional e a publicidade. Todos concordaram na pertinência de uma lei que mandasse fazer aquele registo. Foi dito que a publicidade aconselhável deveria ser apenas de informação. Quanto à tabela nacional oficial e uniforme, não existe e é desejável; foi dito com amargura que os variados serviços sociais existentes impõem aos analistas os seus preços, em vez de este ser o fruto de um acordo; foi ainda salientado que determinados serviços sociais fazem preços diferentes conforme as regiões do País. O dr. João Silva Tavares insistiu particularmente em que no território nacional inteiro as tabelas sejam uniformes. Concordando embora, a dr.ª Elisete Sá Gonçalves salientou que o critério que actualmente preside à uniformização das tabelas é o da população (cliente) e não o do analista.

Foi então brevemente analisado o problema do automatismo, de que se a



MARIA LEONOR BARREIROS



SANTOS E SILVA

maior parte dos intervenientes assentado que ele era impossível em Portugal, devido à falta de movimento das análises químicas, que tornaria aquele economicamente inviável. Só o dr. Fernando Godinho sustentou que havia métodos que talvez interessasse automatizar entre nós.

O ponto 11 da agenda da mesa-redonda incidia sobre a cobertura laboratorial, laboratórios privados, anexos a farmácias, a consultórios, a casas de saúde, etc. Salientou-se que toda a cobertura laboratorial do País, independentemente do que as autoridades tenham querido, é praticamente assegurada pelos laboratórios particulares. Particularmente caloroso foi o debate acerca das farmácias com laboratórios anexos. O dr. Alvarenga frisou que sendo a situação da farmácia em Portugal tão mal economicamente e sendo tão frequente o domínio de amplos sectores da cobertura farmacêutica portuguesa por «trusts» que esconderam o farmacêutico-proprietário, não lhe parecia salutar associar as análises laboratoriais a essa situação. O dr. Silva Tavares interveio para considerar que se não concordava com os laboratórios imbricados nas farmácias, no entanto não via mal em que existam anexos laboratoriais às farmácias. O dr. Fernando Godinho, entretanto, acentuava que o óptimo seria, de facto, a divisão absoluta entre a farmácia e o laboratório, mas que se a prioridade, como parece, deve recair na cobertura razoável do País, então há que achar uma fórmula que, por enquanto, não prejudique aquela e admita ainda os laboratórios anexos às farmácias. O que é preciso — disse — é assegurar o «controle» técnico dos laboratórios.

A uniformização

O ponto 12 dizia respeito à bibliografia oficial sobre métodos e técnicas analíticas.

(Continua na 12.ª página)



NORBERTO BARREIRA

CRUZEIRO A ANGOLA

— O CRUZEIRO A ANGOLA que terá início no dia 17 de Julho é subsidiado pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pelo GOVERNO-GERAL DE ANGOLA.

— O CRUZEIRO A ANGOLA permite-lhe passar 10 dias em Luanda e arredores e conhecer S. Tomé e a Madeira e regressar a Lisboa a 17 de Agosto.

— O CRUZEIRO A ANGOLA dá-lhe a oportunidade de passar 30 dias em ambiente requintado só por 12 000\$00 que poderão ser pagos em 12 prestações.

— O CRUZEIRO A ANGOLA oferece-lhe tratamento especial a bordo só por 9000\$00, caso tenha familiares em Luanda que lhe forneçam alojamento, dentro das mesmas condições de crédito.

INSCREVA-SE na Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa — RUA DO COMÉRCIO, 85

No Porto — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 63

RECORTE ESTE TALÃO E ENVIE-O PEDINDO INFORMAÇÕES

A AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR
Av. Eça de Moura-Restelo-LISBOA

NOME

MORADA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «O Incêndio de Moscovo — a vitória» (3.º episódio de «Guerra e Paz»).

REALIZAÇÃO — Sergei Bondarchuk.

INTERPRETES — Ludmila Sadyeva, Sergei Bondarchuk, Vyacheslav Tihonov.

1. O terceiro episódio da versão russa de «Guerra e Paz» inicia-se com a batalha de Borodino, continua com o incêndio de Moscovo e termina com a fuga dos exércitos franceses e a euforia da vitória do povo russo. Como é fácil compreender para quem viu os episódios anteriores, o filme baseia-se predominantemente em descrições altamente espectaculares e em momentos líricos de meditação, evocação ou devaneio. Utilizando todos os recursos que conseguiu imaginar, transparências, desfocagens, planos fixos, câmara lenta, sobreposições, flash-backs, travellings vertiginosos, etc., Sergei Bondarchuk leva, no plano da realização, o mau gosto aos mais inaceitáveis limites. São disso exemplo o momento da batalha em que o príncipe Andrei é atingido, o momento da sua morte, os sonhos do jovem Nikolai Rostov, as congeminções de Pier junto ao poste dos fuzilamentos e o encontro final entre Pier e Natacha. Qualquer destas sequências poderá ficar na história do cinema — como exemplo do que se não deve fazer.

2. Na medida em que já formulei claramente a minha opinião sobre o filme, e que o 3.º episódio apenas a veio confirmar, não acentuar, resta-me fazer algumas citações da crítica portuguesa sobre a obra de Bondarchuk.

Em primeiro lugar, das páginas do «Século Ilustrado», a opinião de Lauro António, nosso amigo e companheiro de trabalho, que em breve voltará à crítica diária: «A «Guerra e Paz», de Tolstói, é seguida fielmente com a humildade de um copista sem talento. O meu gosto para consumo de massas».

Em segundo lugar, registo a apreciação de Manuel Machado da Luz, nas páginas da «Gazeta Nova» (Maio de 1969): «Da terça parte da «Guerra e Paz» (Novi i Mir)

de Sergei Bondarchuk que agora nos foi proposta sob o título de «Austerlitz», e numa cópia «excepcionalmente tirada, com *stallonnages* deficientíssimas, muito se pode, no entanto, dizer: o suficiente para constatar um fracasso que, quase pela certa, os dois episódios ainda inéditos não poderão anular. O episódio que agora vimos, e que corresponde às primeiras quinzenas e tal páginas do romance abunda em contradições formais que são insuperáveis nos termos em que a adaptação é posta e que, ainda por cima, são agravadas por uma patente queda desse sólido classicismo (Chame-mos-lhe assim) de que muitos cineastas russos se tornaram mestres e que — a par das graves limitações que lhe eram inerentes — possuía uma real coerência interna».

Recordemos agora a crítica que José Vaz Pereira publicou no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» (3 de Abril de 1969): «Bondarchuk esqueceu-se que há uma mancha criativa, ardente, transbordante, de conduzir grandes movimentos colectivos em que os seus antigos colegas eram especialistas. Assim, a grandeza de Tolstói transforma-se na gravura do apartamento burguês, bonita, estilizada, sem expressão. «Austerlitz» é uma parte imensa de um imenso filme de que Hollywood se poderia orgulhar e que mostra que também na U. R. S. S. o conflito entre uma arte verdadeiramente renovadora e uma arte convencional que dispõe de recursos prodigiosos se faz sentir com dolorosa agudeza (...) Temos, portanto, um filme de escrita antiquada. Haverá alguém a ignorá-lo? E temos também uma obra que trocou um classicismo que lhe poderia conferir nobreza por uma vontade demagógica de fazer inovações apressadas que fazem de «Austerlitz» um produto híbrido, oscilando entre o convencionalismo da imagem e a ingenuidade dos processos».

Por fim, transcrevemos parte da crítica de Adelino Cardoso, publicada na extremamente bem elaborada página de cinema da revista «Rádio e Televisão» (3 de Maio de 1969): «Natacha é um filme ou parte de um filme nauseantemente aborrecido, uma ilustração de mau gosto dos aspectos pitorescos de uma obra-prima da literatura, feito com uma ostentação de riqueza e com malabariamentos técnicos para espantar burguês. Gástam-se duas horas de tempo fílmico para narrar nada, a não ser longas manifestações piegas da menina Natacha, as caçadas, os bailes dos aristocratas, ou cenas de uma guerra em que o povo russo canta, canta. A guerra aparece-nos aqui, aliás, como um pretext-

to para exibição de esteticismos baratos, com recursos a gigantismos e a truques, que são o expediente dos mediocres sem talento. A guerra, como todas as outras situações deste período crucial da vida russa, está, diga-se também, desligada de enquadramento num real contexto histórico, o que nos parece pecha ideológica grave num filme «socialista». Não sabemos se os russos ganharam esta etapa da concorrência de coexistência pacífica aos americanos. O que sabemos é que foi cometido um grave atentado à arte cinematográfica. Seria mais um, e não valeria a pena gastar tanta tinta com ele, se não viesse de onde vem».

Creio que estas citações são bastante elucidativas. Desde a estreia do 1.º episódio de «Guerra e Paz» em Portugal morreram já dezasseis generais soviéticos. Terá a crítica cinematográfica portuguesa alguma responsabilidade nisso?

EDUARDO PRADO COELHO

• NO AVIZ

TÍTULO — «Os crimes de Dillinger» («Young Dillinger»).

REALIZADOR — Terry O. Morse.

INTERPRETES — Nick Adams, Victor Buono, Mary Ann Mobley.

Musica: Shorty Rogers. Um nome evocativo para os apreciadores de «jazz».

Um criminoso é o herói de «Young Dillinger», filme tão incompleto como as personagens que pretende retratar. De metralhadora em punho, Dillinger enfrenta a sociedade. O «herói» quer apresentar-se como um rebelde, mas a sua causa é apenas a do inadaptado que pretende impor aos outros as suas regras de indivíduo já deformado e anti-social. Evidentemente que esse indivíduo é de certo modo, um produto da sociedade em que vive. Contudo, determinado sociólogo considera ho-

je a agressividade como parte inerente da natureza humana, o que pode lançar nova luz sobre a violência entre os chamados «seres racionais».

Dillinger, embora reduza ao mínimo as suas relações sociais, não prescinde de criar a sua pequena «sociedade» — um «gang» —, da qual ele é, «naturalmente» (de metralhadora em punho), o chefe. O ódio, o desejo de vida fácil e uma inferioridade que só é compensada pela falta total de respeito pelo próximo são os motores da aventura, uma versão barata e pouco poética de «Bonnie and Clyde».

V. N.

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA, & C.
RUA DO CARMO

VIDA MUSICAL

FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

Hoje, às 21 e 30, decorre no Coliseu dos Recreios o terceiro e último espectáculo com «Les Grands Ballets Canadiens» integrado no XIII Festival Gulbenkian de Música. O programa inclui os bailados «Allegro Brillante», de George Balanchine, «Medeia», de Brydon Paige e «O Triunfo de Afrodite», de Norman Walker.

Este espectáculo será repetido, amanhã, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, e no sábado no Coliseu do Porto.

boutique
inauguração
Jacques Esterel dia 22
hippies
apresentação
Jacques Esterel casino
estoril
dia 23 às 23 horas
RUA RODRIGO DA FONSECA, 82 - A
Ponteado e maquiagem: Instituto Harriet Hubbard Ayer.
A equipa «Jacques Esterel», viaja com os aviões da TAP.
A «AUSTIN» transporta «Jacques Esterel» e a sua equipa.

• MARIA VITÓRIA •

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
APRESENTAM

• HOJE, ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS

A SENSACIONAL REVISTA

• MÃOS À OBRA! •

COM
SALVADOR • VIANA
MARIEMA

MAX • ANITA • DORA •
VITOR MENDES • HELENA
CARDINALI • MARIANO
FRANCO • VITOR
ESPADINHA • a atracção
MAY AVRIL com ALBERTO
CRAZIANO



ANITA • DORA
nas «Vidas Inocentes»

• DOMINGO, amanhã, às 25 e 26



Gina Lollobrigida, Phil Silvers, Telly Savalas, Peter Lawford e Shelley Winters constituem a «frente» de um grande elenco reunido por Melvin Frank, na atrevida comédia «Boa Noite, Senhora Campbell»

NO SÃO JORGE: «BOA NOITE SENHORA CAMPBELL»

O S. Jorge é, uma vez mais, centro de atenção do público amante de boas comédias.

TEATRO DA TRINDADE

(F.N.A.T.)

Hoje, dia 22, às 21.30
Última recita da Ópera

BODAS DE FIGARO

de MOZART

Pela Companhia Portuguesa de Ópera

Espectáculo para maiores de 12 anos

DIA 5 DE JUNHO —
ESTREIA DA ÓPERA «SERRANA»
de ALFREDO KEIL

Na realidade, a divertida história que Melvin Frank conta em «Boa Noite, Senhora Campbell» é daquelas que não esquecem facilmente, já pelas suas inesperadas e hilariantes situações, já pelo excepcional nível de interpretação que um elenco de autênticas «estrelas» lhe confere.

Não é, portanto, de estranhar que, nesta época do ano, a vasta lotação do S. Jorge seja insuficiente para conter os numerosos espectadores que pretendem divertir-se com a hilariante «odisseia» de Gina Lollobrigida... aliás, Senhora Campbell.

EXTRAORDINÁRIA
CORRIDA DE TOIROS



M/6 anos
DOMINGO 23 DE MAIO
AS 17.15 HORAS

CONCURSO DE GANADARIAS

6 LINDOS TOIROS

de GARCIA FIALHO (irmãos), JOAQUIM GRAVE, JOSÉ LUPI, D. DIAGO PASSANHA (Herdeiros), D. JOÃO DE MOKONHA e JOÃO MALTA

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
MESTRE BATISTA
L. MIGUEL DAVEIGA

FORCADOS:

AMADORES DE LISBOA
comandador por
SALVAÇÃO BARRETO
e AMADORES DE EVORA
comandados por
JOÃO PATINHAS



JOAQUIM MANUEL

NOVO DISCO DE JOAQUIM MANUEL

O cancionista Joaquim Manuel gravou para a R. C. A. o seu segundo disco, com letras de João Imaginário, Elisa Filipe e de sua própria autoria. Neste 43 rotações, Joaquim Manuel é acompanhado pelo conjunto de guitarras dirigido por Jorge Fontes.

Ainda no próximo Verão, Joaquim Manuel deve deslocar-se a Moçambique para actuar, durante um mês, num restaurante típico de Lourenço Marques.

CONTINUA A DIMINUIR A FREQUÊNCIA DOS CINEMAS

A Direcção da União de Grémios dos Espectáculos, no Relatório e Contas de 1968, ao falar da difícil situação das empresas respectivas, afirma, a certa altura:

«O ano que findou constituiu para nós mais um período de luta persistente orientada no sentido de não se deixar agravar a situação, que, sendo de crise efectiva, se tem mantido estável nos últimos anos, se bem que com uma ligeira tendência desfavorável, como se deduz das últimas estatísticas publicadas. Assim, por exemplo, no Cinema, que é o espectáculo mais concorrido e o que melhor reflecte os movimentos do público, houve um abaixamento da frequência de 600 000 espectadores de 1966 para 1967, e igualmente, no mesmo período, o número médio de espectadores por sessão baixou de 306 para 283».

Dex teatros em Lisboa e dois, (apenas) no Porto. No mesmo documento informa-se, ainda:

«Quanto ao Teatro, não há a assinalar qualquer facto de relevo. O reduzido número de teatros em funcionamento continua desfalcado das salas dos Teatros D. Maria II e Avenida. Em compensação

entrou em funcionamento o Teatro Laura Alves, e está em fase adiantada o novo «Maria Matos». Em 1968 estiveram em actividade 10 teatros em Lisboa, com uma lotação total de 7279 lugares, o Teatro Gil Vicente de Cascais e dois recintos na cidade do Porto. Foram apresentadas 70 peças, 50 das quais estrangeiras».

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto balcão de visita em relevo executado em placa de cobre ou canho de aço de absorção necessária em praxe protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSON, caso especializado

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E.

PORTO: Praça da Batalha, 3

estúdio
444

4.ª SEMANA

PARA A NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE
CHRISTIAN DE CHALONGE

O SALTO



UNITED
ARTISTS

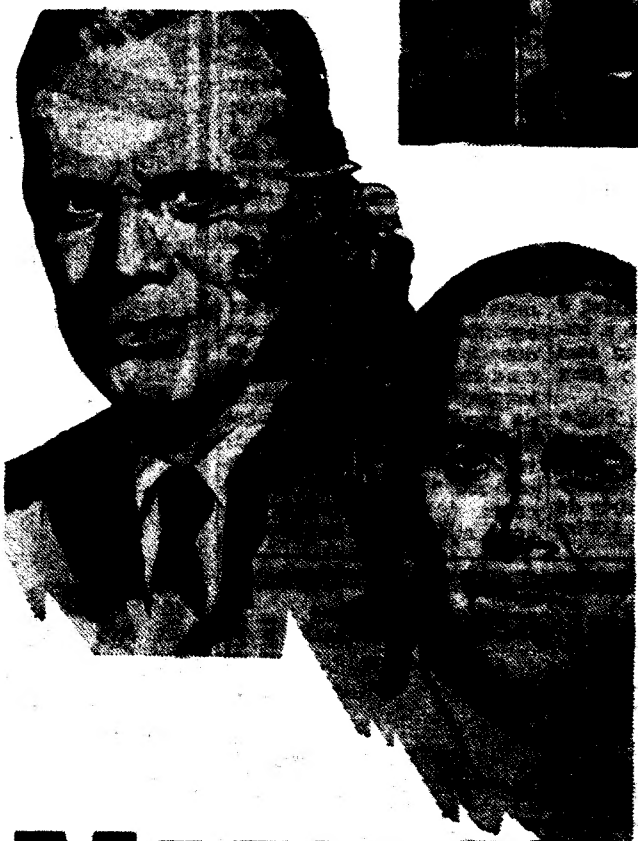
ADULTOS

«PRÉMIO DA OCIC»



vem aí a formiga

HOMENS DEMASIADO RUDES PARA SE DEIXAREM VENCER...
MULHERES DEMASIADO APAIXONADAS PARA VIVEREM NA SOLIDÃO!...



HOJE
SENSACIONAL
ESTREIA

VOX

AV. FREI MIGUEL
CONTREIRAS

Maiores de 17 anos

RICHARD
WIDMARK

HENRY
FONDA

INGER
STEVENS

HARRY GUARDINO
JAMES WHITMORE

SIGMUND
KRAUT
DANIEL

MADIGAN

ADAPTAÇÃO DE RICHARD WIDMARK E RICHARD WIDMARK BASEADO NA NOVELA «The Gambler» DE
DORIS BURNETT • REALIZAÇÃO DE RICHARD WIDMARK • PRODUÇÃO DA R. W. BURNETT

TECHNICOLOR - SCOPES UNIVERSAL - SONORO FILME

vem aí a formiga

OITO CANÇÕES PORTUGUESAS NO «FESTIVAL DO MUNDO CELTA»

ORENSE (Espanha), 22 — (A. N. I.) — Vinte e cinco canções de quatro países — Portugal, Espanha, Irlanda e País de Gales — concorrem ao quinto «Festival do Mundo Celta», que se efectua na cidade espanhola de Orense, no fim de Junho.

As canções portuguesas são: «A vida no próprio nada», de Armando Queiroz e José Guimarães, do Porto; «Cruzeiro da aldeia», de Miguel de Oliveira e Fausto da Cruz, de Monção; «Plentitude», de Rocha Oliveira, de Lisboa; «Manhã cedo», de Américo Patela e Rocha Oli-

veira, de Lisboa; «Chegou a Primavera», de Cidália Maria Pontes de Moraes, de Vila Real; «O mundo e nós», de Armando Queiroz e Rodrigues Canedo, de Lisboa, e «Nunca mais quero uma estrela», de Humberto de Castro e Helena Moreira Viana, de Lisboa.

As oito canções portuguesas serão interpretadas numa fase prévia, que terá lugar em Braga no dia 22 de Junho, escolhendo-se três para a final em Orense.

«Falstaff» no ABC Cine-Clube

O ABC Cine-Clube de Lisboa promove amanhã (18 e 40), no cinema Lys, mais uma sessão para os seus associados, exibindo a mais recente obra de Orson Welles: «As badaladas da meia-noite» («Falstaff»).

Antes de iniciada a sessão aceitam-se inscrições para novos sócios.

Academia Nacional de Belas-Artes

Na Academia Nacional de Belas-Artes está aberta a inscrição para a 28.ª Missão Estética de Férias, a realizar nos próximos meses de Agosto e Setembro, em Mafra, sob a direcção do pintor Ayres de Carvalho. Os interessados, estudantes de Belas-Artes e artistas, devem dirigir os seus requerimentos, em meia folha de papel selado, ao presidente da Academia, e consultar as disposições regulamentares e respectivo programa.



RAUL SOLNADO EM «CONVIDADO PROFISSIONAL»

Raul Solnado volta ao seu Teatro, ao Villaret. A peça (nome ainda provisório) deve intitular-se «O convidado profissional». No elenco, a habitual companhia actuante na sala de Fontes Pereira de Melo e alguns artistas especialmente convidados para o desempenho.

A grande novidade reside na direcção de cena: António Macedo será o responsável. A estreia, marcada para meados de Junho, realiza-se imediatamente após a série de espectáculos com «Black-Out».

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e confeitaria Sabino Faria, 18-A.

AMÁLIA e MARIA VALEJO III Festival na «Olimpiada da Canção» do Filme Publicitário

«É Lisboa», composição de Eduardo Damas e Manuel Palão vai à segunda «Olimpiada da Canção» em Atenas, de 27 a 29 do próximo mês de Junho. O representante da organização no nosso País, o empresário Artur Pereira, foi incumbido de apresentar um convite ao maestro Jorge Costa Pinto para integrar o júri e, entretanto, está já escolhida a intérprete de «É Lisboa»: a jovem pop-fadista Maria Valejo, que partirá para a Grécia a 25 de Junho.

Dirigido artisticamente por Jorge Iconomidis, este Festival de Canções (agora em 2.ª edição) pretende reunir em Atenas representantes de trinta e dois países, numa tentativa de réplica ao Eurofestival de melodias. Patrocinado pelo próprio Governo grego, o Festival tem como objectivo a propaganda do país e a divulgação de canções ligeiras, a par do estreitamento de relações entre os concorrentes.

Os trinta e dois intérpretes vão desfilhar no Estádio Atenliense, competindo por uma valiosa lista de prémios. Para a dupla que vencer estão reservadas estatuetas de Apolo em ouro e 120 000 dracmas (120 contos portugueses), enquanto outros prémios financeiros serão concedidos às nove restantes canções que atinjam a final. Por seu lado, aos intérpretes das três primeiras canções premiadas estão reservadas medalhas de ouro e verbas oscilantes entre 60 mil e 15 mil escudos, enquanto ao cancionista que se distinguir como mais saliente é concedido um «disco de ouro».

No dia 28, a vedeta-convidada para este Festival é Amália Rodrigues, que se desloca a Atenas acompanhada pelo quarteto de guitarras de Raul Nery.

A primeira edição desta «Olimpiada» de melodias teve a presença de Madalena Iglésias e de Jorge Costa Pinto. Outros nomes do cartaz-1968: Marino Marini, Leon Borrell, Clodagh Rodgers, Samir Iskandarani, Luis Agulle, Debria Brown, Anna Saint-Clair, Micheline Ramette, Heidi Thuns, Uti, Gerard Gray, Vicky, Gilbert Beaud, Rita Pavone, Madeleine Bell, Nuria Felin, Bruno Lomas, Michel, Alexandra, Niky, Tony Dallara, Jimmy Fontana, Yovanwa, Ricardo Credi, Enzo Guzman, Anneke Grönloh, Ajda Pekkan, Sevlwe Tevs e o belga Louis Neefs que, com «Iris», arrebatou o primeiro lugar.

O III Festival Português do Filme Publicitário decorrerá, como já noticiámos, nos dias 30 e 31 deste mês, nos salões da F. L. L. e nos do Casino Estoril.

Da comissão de honra, que preside ao festival fazem parte o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista; o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general António Vitorino de França Borges; presidente da Câmara Municipal de Cascais, eng.º António de Albuquerque Azevedo Coutinho; o director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, dr. Caetano de Carvalho, e os presidentes da Corporação dos Espectáculos, dr. Mesquita e Carmo; da União de Grémios de Espectáculos, dr. Manuel Teles; do conselho de administração da R. T. P., dr. Ramiro Valadão e da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. Joaquim Miguel de Serra e Moura.

As estreias de hoje

No Vox

Título em português — «Maldigan».
Produção — Americana.
Realização — Don Siegel.
Intérpretes — Richard Widmark, Inger Stevens e Harry Guardino.
Género — Aventura.
Distribuição — Sonoro Filme.
Processo — Technicolor Scope.
Classificação — 17 anos.

AOS QUE DUVIDAM AINDA,
DA INFINITA ARGÚCIA FEMININA...
RECOMENDAMOS VIVAMENTE:

BOA NOITE SENHORA Campbell
(BUONA SERA Mrs. CAMPBELL)

«A FILHA»



«A MÃE»



E O PAI... QUEM É?!



GINA LOLLOBRIGIDA

SHELLEY WINTERS · PHIL SILVERS · PETER LAWFORD · TELLY SAVALAS

NA FALTA DE UM MARIDO... TRÊS PAIS
PARA UMA ÚNICA FILHA!!!

2ª SEMANA

SÃO JORGE

ADULTOS

CASA DE COMÉDIA
(Janelas Verdes)
As 18.30 h.
(M. 17 anos)

DANÇA DA MORTE

de August Strindberg
com Carmen Dolores, Augusto Figueiredo e Álvaro Benamor

As 18.30 h., dias 21 e 29
e às 6 e 22 h., aos sábados

Marcações — t. 677299
SOMENTE ATÉ AO FIM DE MAIO!

Subsidiada pelo Fundo de Teatro

VARIEDADES

HOJE, AS 21.45 H.
VASCO MORGADO apresenta

Laura Alves
NA CENAS PEÇA

A RAINHA DO FERRO-VELHO

com EUI DE CARVALHO no elenco (por ordem de entrada em cena): Rui de Carvalho, Angela Ribeiro, Odete José, Telma, João Mota, Laura Alves, Camé e Castro, Vasco Morgado Jr., Aldo Melo, Joaquim Miranda, Manuel Maria e no protagonista Tomás de Macedo.

SO ALGUNS DIAS

EDITORIAL NOVA PORTO
FEIRA DO LIVRO
LISBOA, NO STAND DA EDITORA ARCADIA

M/ 6 ANOS

Moita

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS A PORTUGUESA

Domingo, 25 de Maio

As 17.30 horas

CAVALEIROS:

VARELA CID

GUSTAVO ZENKL

VÍTOR RIBEIRO

2 GRUPOS DE PORCADOS AMADORES EM COMPETIÇÃO

TERTOLIA T. DO MONTUO

GRUPO T. MONTENSE

6 IMponentes TOIROS

do DR. ANTÓNIO SILVA e S. AGROPECUÁRIA DO SADO

ora diga-nos...

Já inventou alguma coisa?

O nosso jornal anda a publicar uma série de reportagens sobre os inventores portugueses, que foram premiados (todos os que a ele se apresentaram, sem excepção) no Salão de Bruxelas, o maior do mundo da especialidade. E todos são unânimes em reconhecer — não se sabe se com algum exagero — a capacidade inventiva dos portugueses. É claro que nem todos, nem uma percentagem relativamente grande, pode inventar o quer que seja. Mas, de qualquer forma, resolvemos fazer a pergunta em epígrafe.

● Pensei inventar uma coisa que já foi inventada: os telecomunicadores responderam primeiro José Francisco Dias, de 15 anos aluno do curso de serralharia da Escola Machado de Castro.

— Mas então?

— Procurei descobrir uma forma melhor, mais aperfeiçoada, e fiz, com uns fios, uma espécie de telefone, diferente dos outros. Mostrei a umas pessoas e acharam a coisa interessante. Mas bom, bom, seria sem fios...



● Mário Barros, funcionário de um nosso precado colega e figura conhecida em alguns meios jornalísticos, disse-nos, por sua vez:

— O que eu queria inventar era o processo de não trabalhar...

— Isso é fácil...

— Fácil? Já cá ando há 27 anos a ver se o descubro e ainda não o consegui. Não trabalhar e ganhar dinheiro, claro...

— ?

— Francamente, nunca inventei nada, nem espero inventar. Mas

acho muita piada aos inventores, que por vezes descobrem coisas de bastante interesse.

● Não tenho categoria para isso — ripostou-nos, por último, o sr. Francisco Luis, pintor de construção civil.

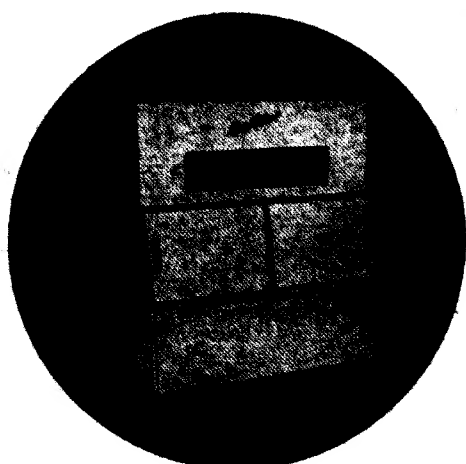
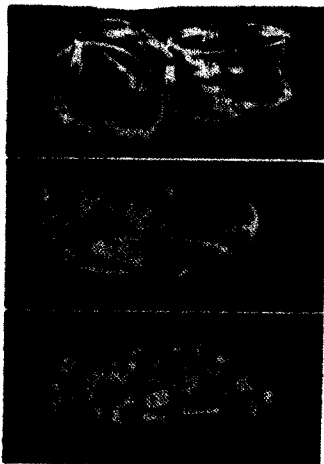
— Mas nunca pensei em nada assim de diferente, no meu campo profissional?

— Falta-me o cérebro.

E, vindo com um bigodinho de meia dúzia de pelos apenas, seguiu o seu caminho, que estava com pressa e a mais-valia não perdoa...



COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

**HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.**
resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 13 a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes.

exposição em:

MANUEL J. MONTEIRO & C. Lda
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 366061/4 324254/6

Faltam em Portugal as estruturas turísticas necessárias para absorver o turismo de massa

— recorda o dr. Alexandre Freire, a propósito do Centro Turístico Internacional da Costa

O Centro Turístico Internacional da Costa, a que já nos referimos por mais de uma vez, está a suscitar o maior interesse no concelho de Almada e serviu já de tema a várias polémicas. Neste momento, porém, tudo indica que o empreendimento será uma realidade, apesar da oposição que surgiu em vários sectores daquele concelho que é, indubitavelmente, o mais interessado.

A iniciativa do Centro, que se estenderá da Costa da Caparica à Fonte da Telha pertence, como dissemos também, ao sr. dr. Alexandre Freire que, há cerca de cinco anos, projectou um empreendimento idêntico para a Lagoa de Óbidos. Esse projecto falhou e, agora, o dr. Alexandre Freire diz-nos:

— Fundamentalmente, a ideia da realização de Centros Turísticos Internacionais é uma consequência da evolução turística no pós-guerra, de que resultou o turismo em massa, começado a definir-se com toda a clareza há precisamente 5 ou 6 anos, relegando definitivamente para um plano secundário o tipo de turismo clássico, que, assim, ficou praticamente submerso. Tem-se salientado na imprensa diária e em publicações da especialidade, assim como em declarações feitas na Rádio e na TV por entidades categorizadas, os vários meios de promoção turística modernamente utilizados, junto dos países exportadores de turistas, como sejam a abolição de passaportes, o consentimento de transportes a char-ter, os cupões de gasolina com bónus, e um sem-número de outras facilidades, todas muito válidas. Todavia e porque não aprofundam o nosso problema turístico, essas pessoas não se apercebem de que os resultados de tais facilidades seriam algo diferentes daqueles que obtêm, com idêntica promoção, os países turísticos da vanguarda. De facto, ao nosso País faltam as estruturas turísticas e as correspondentes infra-estruturas com capacidade suficiente para absorverem o turismo de massa, mediante tarifas e conforto competitivos em relação aos três países turísticos europeus mais avançados: a Espanha, a França e a Itália. Portanto, uma mais intensa promoção turística que possa carrear para o nosso País uma avalanche de turistas que não encontrem aqui tudo o que se propaga a tudo o que eles encontram noutros países, só pode provocar um descrédito e, conseqüentemente, uma quebra do movimento turístico nos anos futuros. De resto, foi o que se passou em relação ao Algarve, onde nada, além dos hotéis de luxo, de praia, do Sol e do mar, existe que os possam entusiasmar a voltarem nos próximos anos. Agora, vai ser muito difícil anu-

lar as consequências da nossa imprevisão e fomentar um afluxo moderado de turistas ao Algarve, tão moderado quanto o permitam as suas actuais estruturas e infra-estruturas.

30 milhões de turistas na Europa (em 1975) utilizando o avião

O dr. Alexandre Freire interessa-se desde há muito por problemas do turismo. E o turismo interessa, hoje, muita gente em quase todos os países. Quais são os caminhos do turismo mundial nos próximos anos?

— Julgo que basta dizer-lhe que, em 1975, o número mínimo de turistas deslocando-se de avião das linhas regulares só na Europa deverá atingir os 30 000 000 por ano, e que se prevê, no mesmo ano, um movimento global, diário, no velho continente, da ordem dos 720 000 turistas, contra os actuais 290 000. Será preciso acrescentar mais alguma coisa? Torna-se, pois, absolutamente necessário que estejamos preparados para receber o afluxo de turistas que se espera nos próximos anos, trabalhando rapidamente no caminho do progresso, no sentido de criar toda a necessária estrutura e infra-estruturas de que muito carecemos.

O centro turístico e as críticas

Como já acentuámos, o Centro Turístico Internacional da Costa tem provocado, no concelho de Almada, algumas polémicas, sendo alvo de críticas mais ou menos acesas. Que se passa? O dr. Alexandre Freire afirma sobre o assunto:

— Sim, também já me chegaram os ecos dessas afirmações e críticas. Pensando no assunto e procurando esclarecer-me, cheguei à conclusão de que elas provêm de várias origens, que procurarei apontar: por um lado, existem alguns proprietários e negociantes da região receosos de que o empreendimento lhes venha a afectar os seus interesses,

na medida em que possa anular as costumes e desenfreadas especulações que de modo algum consentiríamos e de que a vítima é sempre a própria Nação; por outro, lado, temos uns poucos de novos ricos que andam a fazer fortuna à custa das potencialidades de Almada, sem que tenham contribuído para o seu progresso e valendo-se apenas da sua habilidade em aproveitar situações oportunistas resultantes da falta de um plano de conjunto, situações que não pretendem perder e que, de facto, perdendo, no dia em que se concretizar a nossa iniciativa. Há ainda alguns que se classificam a si próprios de intelectuais, no topo da posição social do concelho, os quais, mesmo que não tenham uma formação turística que lhes permita ver o problema em toda a sua importância, entendem que nada se pode fazer de útil sem os seus preciosos e displicentes conselhos. Finalmente, continuam sempre a existir velhos do Restelo no nosso País e infelizmente, temos de contar com todos eles, temos de admitir que continuam a existir portugueses que se esforçam por manter Portugal um grande pequeno País, em vez de um pequeno grande País, como todos devíamos ambicionar e querer. Mas esses portugueses não podem interessar a causa honesta a que metemos ombros, nem é a linha de rumo sui generis que traçamos, apoiando-nos nas forças vivas válidas do concelho e nas camadas mais modestas da sua população, que desejamos venham a ser também autênticos beneficiários desta grande iniciativa, de portugueses e para todos os portugueses.

Em resumo: o Centro Turístico Internacional da Costa está em marcha. A subsecção de acções limita-se, por enquanto, ao concelho de Almada, mas tornar-se-á extensiva ainda a todo o distrito de Setúbal e, mais tarde, a todos os distritos do País, das províncias ultramarinas e ainda aos núcleos de portugueses espalhados pelo mundo.

HANSA
PRÄZISIONSARMATUREN
CENTRO TÉCNICO DE FLUXIMETROS
Rua António Pedro, 121 - S. C.
Telf. 53 50 07 LISBOA I

Terreno charneca 1.ª qualidade

VENDE-SE

Cerca de 20 hectares, junto Estação Atlântico e Lagoa de Almada.
Endereço: Rua Joaquim Mendes Pereira, 45 - GRANDEIRA



VIVER ATÉ UM DIA...

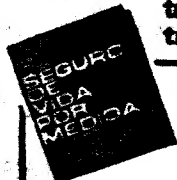
Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO** marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... Já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam. Com o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA** a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar exclusivamente para si **UM NOVO SEGURO DE VIDA** adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente **GRÁTIS** e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.



A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.

NOME _____

ENDEREÇO _____



«AO SEU SERVIÇO»

IMPÉRIO
a sua seguradora

Actualidade internacional

AFIRMA-SE EM PARIS

ALAIN POHER VAI INTENSIFICAR O DUELO POLÍTICO COM POMPIDOU

PARIS, 22 — (R.) — Espera-se que o chefe de Estado interino, Alain Poher, abandone em breve a sua tática eleitoral de manobras suaves, a fim de intensificar o duelo político com Georges Pompidou, o candidato presidencial gaullista.

Poher, um político centrado, de 60 anos, obteve êxito espectacular com o seu estilo calmo e é agora considerado favorito na eleição no próximo mês, para suceder ao general de Gaulle.

Em contraste com o dramatismo político do general e com a campanha a toda a pressão de Pompidou, Poher limitou-se até agora a emissões pela Rádio e Televisão.

Contudo, fontes bem informadas disseram hoje nesta capital que Poher poderia começar a discursar em comícios públicos, após o primeiro escrutínio em 1 de Junho.

As sondagens de opinião pública dão Poher como o vencedor final na eleição presidencial e principiou já a especulação nos círculos políticos sobre quem ele escolherá para formar o próximo Governo francês.

Faltando-lhe uma base política firme, Poher escolheria provavelmente um Governo formado sobretudo por técnicos, incluindo figuras sem forte apoio político partidário.

Pompidou, que já intensificou recentemente a sua

campanha, é geralmente considerado como provável vencedor do primeiro escrutínio em 1 de Junho.

Contudo, as sondagens de opinião pública revelaram até agora que o antigo primeiro-ministro gaullista ficará muito longe de obter

a maioria total de 50 por cento necessária para uma vitória nítida no primeiro escrutínio.

Poher, que comanda uma grande coligação de apoio antigaulista, venceria provavelmente Pompidou no segundo escrutínio.

FOI SEM EMOÇÃO QUE SIRHAN ESCUTOU A SENTENÇA

LOS ANGELES, 22 — (F. P.) — Sirhan Sirhan escutou sem emoção aparente a sentença do juiz Herbert Walker, que o enviou para a câmara de gás. O assassino de Robert Kennedy limitou-se a esmagar na mão direita uma cigarrilha apagada.

Depois de lida a sentença, sentou-se, sorriu vagamente, encolhendo os ombros a uma pergunta que lhe fez em voz baixa um dos advogados de defesa e, sem proferir palavra, aguardou calmamente o fim da audiência.

Em tom glacial, o juiz tinha pouco antes rejeitado o apelo à clemência que o senador Edward Kennedy lhe enviara, através da defesa. «Não vejo por que motivo haveria o tribunal de tomar esta carta em consideração. O tribunal tem consciência do bem fundado das decisões do júri. Não vejo razão para mudar agora de opinião».

Nos termos do Código Penal da Califórnia, o juiz Walker (que condenou a morte Caryl Chessman), poderia ter comutado a pena de morte

pronunciada pelo júri, numa pena de prisão perpétua. Mas só o fez uma vez, nas 19 penas capitais que pronunciou em toda a sua carreira. O caso transita agora para o Supremo Tribunal da Califórnia, em recurso. Estas formalidades demorarão pelo menos um ano, durante o qual o réu estará na prisão de San Quentin.

GREVE NAS MINAS DAS ASTÚRIAS

MADRID, 22 — (F. P.) — O número de mineiros em greve nas minas das Astúrias elevava-se ontem a 1200. Novos grupos de trabalhadores juntaram-se ao movimento, nomeadamente nos pcos Icolasa e San Luis, pertencentes às hulharías do Norte.

Por outro lado, 40 trabalhadores da empresa Helados Camy, de Villadecana, na província de Barcelona, foram suspensos por «lentidão deliberada na execução do trabalho».

Ao que parece, estes operários agiam por solidariedade com os seus camaradas despedidos no passado dia 19. O conflito nesta empresa teve por base um pedido de aumento para 300 pesetas do salário diário mínimo.

CARROS USADOS

NSU P 30	1968
NSU 110 SC	1966
NSU TT 1100	1964
NSU 1000	1964
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Fiat 2100	1960
Thames (Ford)	1967
MG 1100	1965
Comet 202	1964
Cortina	1964
Cadillac Impetível	1962
Ford Thames	1964
Honkai	1965
Fiat 1100	1967
Thames (1500)	1964
IMP	1967
Alfa Romeo	1963
Hilman Super	1964
Volvo B-15	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1965
NSU P 4	1965
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1965

AUTO EDUARDO COSTA, LDA

Rua de Campalide, 27-B

Antevizão de que será o voo da «módulo lunar» até 15 quilómetros da superfície do satélite natural da Terra. «Snoopy» — como foi designado o «módulo» — levará a bordo Eugene Cernan e Thomas Stafford. O começo da manobra de aproximação está previsto para hoje às 20 e 18. Depois de cumprida a missão, «Snoopy» e «Charlie Brown» — a cápsula «Apolo» — voltarão a unir-se, a fim de prepararem o regresso à Terra.

A nave «Apolo-10» em órbita circular

(Continuação da 1.ª página) sou sobre a superfície lunar, a uma distância de cerca de 110 quilómetros.

A transmissão, feita ontem à noite pela «Apolo», abrangia uma parte do Equador e das regiões adjacentes, mostrando os mares, crateras e o desolado solo daquele satélite.

O comandante Thomas Stafford afirmou que a superfície está marcada por novas crateras «que sobressaem num branco puro e se esbatiam num cinzento e cinzento-acastanhado quando aumentavam em idades».

Uma das imagens mostrava uma montanha com um pico acima do horizonte lunar, contra o azul profundo do espaço.

Utilizando uma objectiva de foco variável para as fotografias de mais perto, os astronautas mostravam dois locais prováveis de alunagem, sendo um deles «um pouco acidentado» na opinião do astronauta John Young.

NUMA nota deixada pelo «Phantom», este gabava-se de ter violado mais de 58 mulheres. No entanto, a Polícia diz que o «Phantom» está implicado em 23 ataques, embora possa ainda haver outros casos que não tenham sido comunicados à Polícia.

Muitas das vítimas eram estudantes e enfermeiras, atacadas, nas suas residências, durante o dia.

As autoridades já suspeitavam que o assassino estava relacionado com a Polícia, porque algumas das suas notas mencionavam funcionários da Polícia pelos seus nomes e eram assinadas no canto inferior esquerdo, como fazem os agentes da Polícia nos seus relatórios.

PARIS, 22 — (R.) — Jornalistas do «Figaro» decidiram a noite passada recomençar as negociações com os proprietários, no fim de dez dias de greve, quando a disputa alastrou a outros dois jornais.

Contudo, os jornalistas avisaram que, a despeito das negociações, continuariam com a greve até ser assinado um acordo final.

A paralisação conduziu a uma greve-relâmpago dos redactores do jornal desportivo «L'Equipe» e de «Le Parisien Libéré», que fez com que não fossem publicadas ontem as edições desses jornais.

WILSON: Está em jogo a própria sobrevivência do Governo trabalhista

LONDRES, 22 — (F. P.) — A própria sobrevivência do trabalhismo como força para governar que, para além da sorte do actual Governo britânico, está em jogo na controvérsia suscitada pelo projecto de lei antigreve: tal é a advertência feita por Harold Wilson aos dirigentes do T. U. C., que ontem estiveram na Downing Street.

Resumindo a sua posição no termo da entrevista, Wilson salientou a extrema gravidade da divisão causada por este projecto no seio do movimento trabalhista e

acrescentou: «isto é sério, muito sério. Penso que o que está em causa, em última análise, é saber se o Governo trabalhista pode sobreviver».

O conselho geral do T.U.C., por seu lado, depois de ter examinado os resultados da reunião da Downing Street, recusou-se a modificar as suas propostas. Estas visam garantir uma maior disciplina sindical em troca da supressão do projecto de lei. Mas tais propostas foram consideradas insuficientes por Wilson.



NORMA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS

PARA

EMPRESA DE GRUPO INDUSTRIAL

ENGENHEIRO MECÂNICO (ADJUNTO DE DIRECÇÃO FABRIL)

QUALIFICAÇÕES PEDIDAS: Conhecimentos e experiência, de 3 a 5 anos, de produção ou de conservação. Conhecimento razoável de inglês e de francês (escrito e falado). Idade: menos de 35 anos.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Lugar com possibilidades de promoção, na estrutura da empresa, segundo o nível de adaptação manifestado pelo candidato. Remuneração compatível. Regalias sociais.

Resposta para a NORMA, indicando ordenado pretendido e «currículum» escolar e profissional. Rigorosa confidencialidade. Indicar referência: 97/OE 5.

EM DECLÍNIO A «FIESTA BRAVA» ESPAÑHOLA

MADRID, 22 — (R.) — A «Fiesta Brava» espanhola, a nobre arte de lidar os touros, está a registar um declínio assinalado por escassez de espectadores, falta de grandes diestros e touros pequenos e fracos que, por vezes, chegam a cair na arena ainda antes de começarem a ser lidados.

Na época de 1960, que começou recentemente, já se verificaram mais escândalos do que em qualquer outra temporada anterior, incluindo uma disputa entre empresários e matadores, que privou o público das grandes praças de dois dos seus ídolos favoritos.

As maiores praças de touros, como a Monumental de Madrid, têm apresentado cartazes de segunda ordem e a Imprensa lança todos os dias urros de indignação contra os interesses financeiros que, afirma, estão a arruinar as touradas em Espanha.

A tempestade, que já há anos vinha a formar-se, tornou-se patente quando os sete maiores empresários da Espanha, conhecidos por «Los Siete Grandes», anunciaram terem estabelecido entre si um acordo destinado a reduzir as quantias a pagar aos matadores e aumentar os preços dos bilhetes.

«CACHETS» MAIS REDUZIDOS

Os «Siete Grandes», que controlam 350 das 600 praças de touros de Espanha, ofereceram contratos globais aos melhores diestros do país, mas com «cachets» mais reduzidos, alegando que tais contratos garantiam aos toureiros a sua actuação num maior número de corridas e, consequentemente, um rendimento total mais elevado. Muitos dos principais matadores espanhóis aceitaram estas condições. Ora, isso significa que o número das suas actuações deixará de depender da qualidade do seu trabalho e, por isso, a «eficácia» tem visto poucas exhibições com verdadeira classe.

No entanto, dois dos toureiros que maiores multidões atraem às praças de touros, o diestro Manuel Benítez «El Cordobés» e o jovem Sebastian Palomo Linares, uma das grandes promessas do toureio, recusaram-se a aceitar «cachets» inferiores àqueles que costumam receber.

DOIS REBELDES

Os dois declararam guerra aos «Siete Grandes» afirmando que os empresários só pretendiam obter maiores lucros com desprezo pelos aficionados, e formaram um pacto segundo o qual passariam a tourear apenas na condição de receberem determinada percentagem sobre a bilheteira. Por isso, um e outro estão agora impedidos de se apresentar nas maiores praças de touros do país.

Toureando em pequenas cidades e vilas, por vezes em arenas improvisadas, os dois toureiros têm-se destacado a todas as partes do país alcançando repetidas vitórias perante multidões, enquanto as grandes praças

continuam a vender meta-de dos bilhetes.

Os rebeldes têm deparado com a mais enérgica oposição da parte dos «Siete Grandes» que, este mês, se recusaram a contratar «El Cordobés» para tourear na festa anual de Córdoba, sua cidade natal.

PROTESTOS

Esta situação, naturalmente, acarreta prejuízos aos toureiros, devido à lotação limitada das praças em que actuam e, quando «El Cordobés» e Palomo Linares tentaram apresentar-se, este ano, na Feira de San Isidro, em Madrid, com uma série de corridas numa praça de segunda ordem, as autoridades proibiram as touradas, alegando que os lugares extra que eles tinham mandado instalar não ofereciam condições de segurança.

Entretanto, as touradas da Feira de San Isidro provocaram uma tempestade de protestos, com multidões a vaiarem os matadores e a manifestarem a sua frustração às autoridades, que repetidamente se recusavam a ordenar a substituição dos touros «cobardes».

Os principais críticos taurómáquicos têm afirmado estar em uso a prática de «fazer a barba» à hastes dos touros, para os tornar menos perigosos. Os críticos acusam também os ganadeiros de apresentarem touros pequenos, demasiadamente novos e sem ferocidade.

Tudo isto resultou no afastamento de grande parte do público das praças de touros, afastamento para o qual contribuiu também o aumento dos preços dos bilhetes e a crescente campanha da Imprensa, que pede a intervenção das autoridades para se curarem as enfermidades que afectam a «Fiesta».



MINI-SUBMARINO

Vernon Hobbs, cidadão britânico, construiu no seu jardim um mini-submarino, que tem cerca de três metros de comprimento e pode descer até 7,5 metros de profundidade.



«El Cordobés» e Palomo Linares — dois rebeldes do toureio

AS TROPAS ESTRANGEIRAS DEVEM DEIXAR O VIETNAM ANTES DAS ELEIÇÕES

—declara a sr.ª Nguyen Thi Binh

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — A sr.ª Nguyen Thi Binh, chefe da delegação da F.N.L. sul-vietnamiana às conversações de Paris, não excluiu, durante uma entrevista concedida em Estocolmo à cadeia norte-americana National Educational Television, a participação no Governo sul-vietnamiano transitório — que deverá preparar eleições livres e democráticas — de personalidades que tenham feito parte das instâncias governamentais precedentes. A sr.ª Thi Binh pôs, todavia, a condição de que estas individualidades tenham «uma óptica verdadeiramente nacionalista» e desejem realmente a paz. Acrescentou ainda que as tropas estrangeiras deveriam ser evacuadas antes de se realizarem as eleições.

EXPLOSAO

SAIGÃO, 22 — (F. P.) — Uma formidável explosão fez-se ouvir esta madrugada, provinda do depósito de munições de Go Vap, situado a dez quilómetros ao norte de Saigão, e que

é o mais importante de todo o sector da capital sul-vietnamiana. O comando sul-vietnamiano não dispõe ainda de pormenores sobre as causas da explosão, que foi seguida de outras durante cerca de meia hora. Ao que parece, os governamentais conseguiram impedir que as explosões se propagassem. Não está afastada a hipótese do depósito de muni-

O antifestival de Cannes foi um êxito

CANNES, 22 — (F. P.) — Começada há quinze dias, perante a indiferença geral, a Quinzena dos Realizadores, organizada à margem do Festival de Cannes, pela Sociedade de Realizadores Franceses, terminou ontem em pleno êxito.

Mais de 10 000 espectadores vieram ver gratuitamente as 70 longas metragens e 40 curtas metragens de 25 nacionalidades diferentes, seleccionadas pelos promotores desta manifestação: Jacques Doniol-Valcroze, Richard Dumbo e Pierre Henri Deleaud.

O êxito deste antifestival em que ninguém acreditava nos meios cinematográficos explica-se de várias maneiras.

A selecção dos filmes competidores era, no conjunto, bastante medíocre, apesar da presença de algumas obras-primas que a Quinzena dos Realizadores oferecia aos curiosos e aos cinéfilos — filmes que nunca poderão ser vistos noutro lado ou que serão alterados pela censura.

Muitos eram filmes de carácter mais ou menos pornográfico, sádico e político. Assim «O belo trabalho» (anónimo) testemunha a repressão policial no Quartier Latin, enquanto o «Duo para canibais», da norte-americana Susan Sonntag, trata do domínio psicológico de um casal por outro casal.

Esta Quinzena permitiu múltiplos contactos e algumas operações financeiras interessantes para os jovens realizadores. A Quinzena suscitou também um novo interesse por um cinema mais livre, decidido a forçar as reticências da censura.

PRESOS CEM ESTUDANTES EM BUENOS AIRES

BUENOS AIRES, 22 — (R.) — Foram presos cerca de cem estudantes a seguir a desordens que se registaram nesta capital a noite passada quando milhares de estudantes efectuavam

marchas de luto por dois colegas mortos a tiro em recontros com a Polícia.

As desordens ocorreram quando a Polícia carregou com bastões sobre os manifestantes e disparou granadas de gás lacrimogénico. Os estudantes ripostaram com pedras e pernas de cadelas.

Cerca de cem manifestantes detidos durante as desordens foram condenados a 30 dias de cadeia por perturbarem a paz.

Entretanto regista-se em toda a Argentina agitação entre os estudantes desde que as manifestações começaram no princípio da semana passada por causa de agravos académicos, incluindo o aumento do preço da alimentação na Universidade da cidade de Rosario, a 420 quilómetros ao norte de Buenos Aires.

As manifestações transformaram-se em violência nas ruas em grande escala quando dois estudantes foram alvejados a tiro em recontros em Rosario e Corrientes 96 quilómetros mais ao norte.

DESORDENS EM BONN

BONN, 22 — (F. P.) — Travaram-se ontem violentas desordens na Universidade de Bonn, onde centenas de estudantes ocuparam a reitoria e causaram depredações. A Polícia conseguiu evacuar o edifício, empregando matracas. Um estudante ficou ferido e dois foram presos.

ÚTERO ARTIFICIAL

WASHINGTON, 22 — (R.) — Um cordeiro ainda por nascer, conservado vivo num útero artificial, morreu 14 horas depois de ser retirado da mãe.

O dr. Warren Zapol, um dos médicos do Instituto Nacional de Cardiologia em Bethesda, no Maryland, declarou que, em experiências anteriores, semelhantes, cordeiros tinham vivido na matriz artificial transparente durante 55 horas.

Médicos estão a fazer experiências com o útero artificial para descobrir se um dia ele poderá ser usado numa emergência para salvar a vida de bebés humanos ainda por nascer.

O cordeiro morreu ontem quando se partiu um tubo de alimentação — revelou um funcionário do Instituto.

Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

Sede: R. do Alecrim, 46-1.º — Telef. 3 47 31 — LISBOA-2

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA 5.ª SECÇÃO DE ACTIVIDADE «INDÚSTRIA DE PETRÓLEOS»

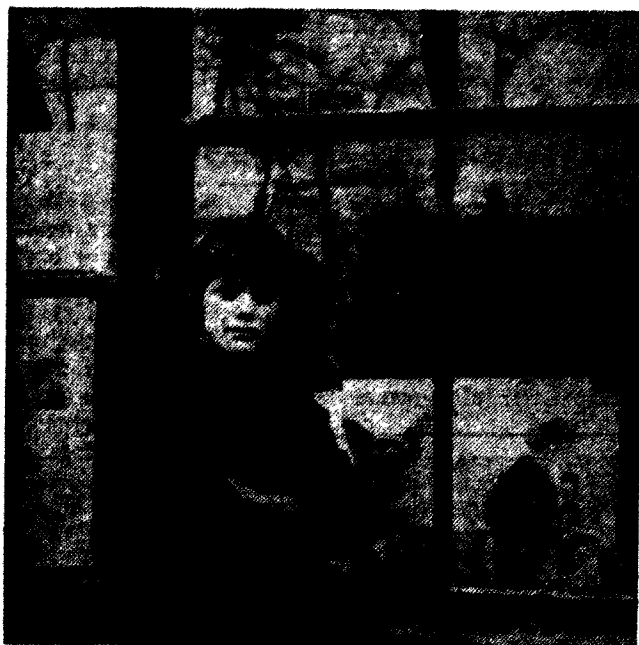
AVISO

Em virtude de se prever grande afluência de associados e dada a insuficiência da sede deste organismo para conter o número de presenças previsto, foi transferida para a ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, sita na Rua das Portas de Santo Antão, N.º 89, a Assembleia Geral Extraordinária da 5.ª secção de actividade «INDÚSTRIA DE PETRÓLEOS», que, conforme anúncio, publicado em 17 do corrente nos jornais «Diário de Lisboa» e «Diário Popular», e aviso convocatório oportunamente expedido, havia sido marcada para a nossa sede.

Mantém-se o dia, hora e ordem de trabalhos indicados nos referidos anúncios e aviso convocatório.

Lisboa, 21 de Maio de 1969

A COMISSÃO DIRECTIVA



OITO CONTOS POR CANÇÃO EM PORTUGAL — Miralva Machado vem a Portugal; dentro de semana cantará no Hotel Algarve. A embaixatriz francesa, que efectuou recentemente uma bela digressão pelos Estados Unidos da América do Norte, receberá qualquer coisa como três mil dólares (84 contos) por dez interpretações.

Foram de 102 mil contos os lucros (no exercício de 1968) do Banco Nacional Ultramarino

O relatório e contas do Banco Nacional Ultramarino relativos ao exercício de 1968 encontram-se publicados para serem apresentados à assembleia geral ordinária convocada para sábado próximo, dia 24, pelas 16 e 30.

A evolução dos lucros do Banco pode apresentar bem a evolução da expansão daquele estabelecimento de crédito: em 1964 foram de 88 mil contos, subindo para 94 mil, no ano seguinte, atingiram 101 800, em 1966. Foram de 98 648 no ano de 1967, para voltarem a 100 897 contos em 1968. Com o saldo do exercício anterior, atingiram, em 1968, 102 841 contos.

O relatório regista a mudança no leme do governo, com a nomeação do prof. Marcello Caetano para a Presidência do Conselho. Nessa altura era o prof. Marcello Caetano presidente da assembleia geral do Banco.

MARCADAS AS DATAS DO FECHO DAS AULAS

Foram superiormente determinadas as datas do encerramento das aulas nos diversos estabelecimentos escolares. Assim, no dia 11 de Junho, terminam as aulas nos liceus; no dia 14, nas escolas do ensino técnico, e, no dia 28, nas escolas dos ensinos preparatório e primário.

Antigos alunos da Escola Gil Vicente

Amanhã, os antigos alunos da Escola Gil Vicente reúnem-se no tradicional jantar de confraternização. As inscrições podem fazer-se pelos telefones 310537 (dr. Américo Couto); 610599 (Lucília Beja Sardo) e 327498 e 715471 (José Beja).

A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO EM BALÃO

ISOLADO NAS DESERTAS ESPERA BOM VENTO PARA A SUA AVENTURA

FUNCHAL, 22. — Na imensidão rochosa das ilhas, um frasco agita-se em despedida. Francis Breton, o habitante solitário das Desertas, vê o nosso barco afastar-se, de regresso à Madeira, cujo perfil mantém-se se desenha no horizonte, 24 milhas a noroeste.

Francis Breton não é um misantropo fugido do mundo. O seu isolamento voluntário naquelas ilhas inóspitas e desabitadas tem por objectivo realizar os últimos preparativos e aguardar condições de tempo favoráveis à concretização do seu audacioso projecto — a travessia do Atlântico num balão de hidrogénio.

As Desertas oferecem-lhe condições excepcionais para o início da odisséia, não só pela sua situação geográfica, como por constituírem uma defesa contra as multidões de curiosos que poderiam fazer malograr a complexa operação de partida.

Vivendo na gruta de abrigo usada pelos caçadores de cagaras (espécie de aves marinhas cujas penas

Por RUI CAMACHO

Correspondente do «Diário de Lisboa» na Madeira

guém pode prever, nem ele próprio, o dia em que Francis Breton poderá insuflar o seu balão e ser levado por ele para o outro lado do Atlântico.

Engenheiro, etnógrafo e navegador solitário

Francis Breton é um homem que há pouco ultrapassou os quarenta anos, mais franzino de que seria de esperar de um inglês de boa cepa, que desde muito novo se fixou nos Estados

Unidos. Étnico das civilizações mais primitivas que hoje subsistem, dedicou-se à colecção do Museu Etnográfico de Chicago, que o levou por esses duros caminhos de solidão, quando abandonou a profissão de engenheiro. Mas o seu espírito de aventura não tardou a sobrepor-se aos propósitos científicos ou a andar a par e passo com eles. Assim, Francis Breton atravessou sozinho o Atlântico três vezes, tendo desenvolvido um novo processo de navegação para determinar a longitude.

Entre as muitas peças recolhidas nas suas pesquisas e deambulações etnográficas, achou ele com que fazer o mais estranho meio de transporte para uma travessia transatlântica que é possível imaginar-se. Utilizando duas canoas escavadas em troncos, uma por índios colombianos e outra por negros senegaleses, fez com elas um pequeno «katamaran», vivendo a longa viagem na pilaga colombiana e utilizando a senegalesa como flutuador, para equilíbrio da vela.

Já anteriormente Francis Breton realizou uma travessia solitária do Atlântico, entre a Inglaterra e o Haiti.

Essa odisséia, descrita por Francis Breton num livro de grande sucesso — «Elleira Sagrada» —, tornou-se uma das celebridades mundiais. Mas o mundo esquece facilmente as celebridades e a fama não chega a toda a parte. Seriam, por isso, bem poucos os portugueses que se lembravam de ter ouvido alguma vez o seu nome, antes de ser anunciada a nova aventura que o trouxe a estas ilhas.

Breves noções de como atravessar o Atlântico num balão

— É tudo muito simples. Não tem dificuldade nenhuma, nem qualquer perigo, como se vê...

Esta frase é sistematicamente repetida por Francis Breton a todos os que da deslocação do seu plano, com alguma frequência, se lembram de ter ouvido alguma vez o seu nome, antes de ser anunciada a nova aventura que o trouxe a estas ilhas.

AS VOSSAS JÓIAS

podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex. obter na

Quintessência PIMENTA Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

CHOCOLATES FAGGERS

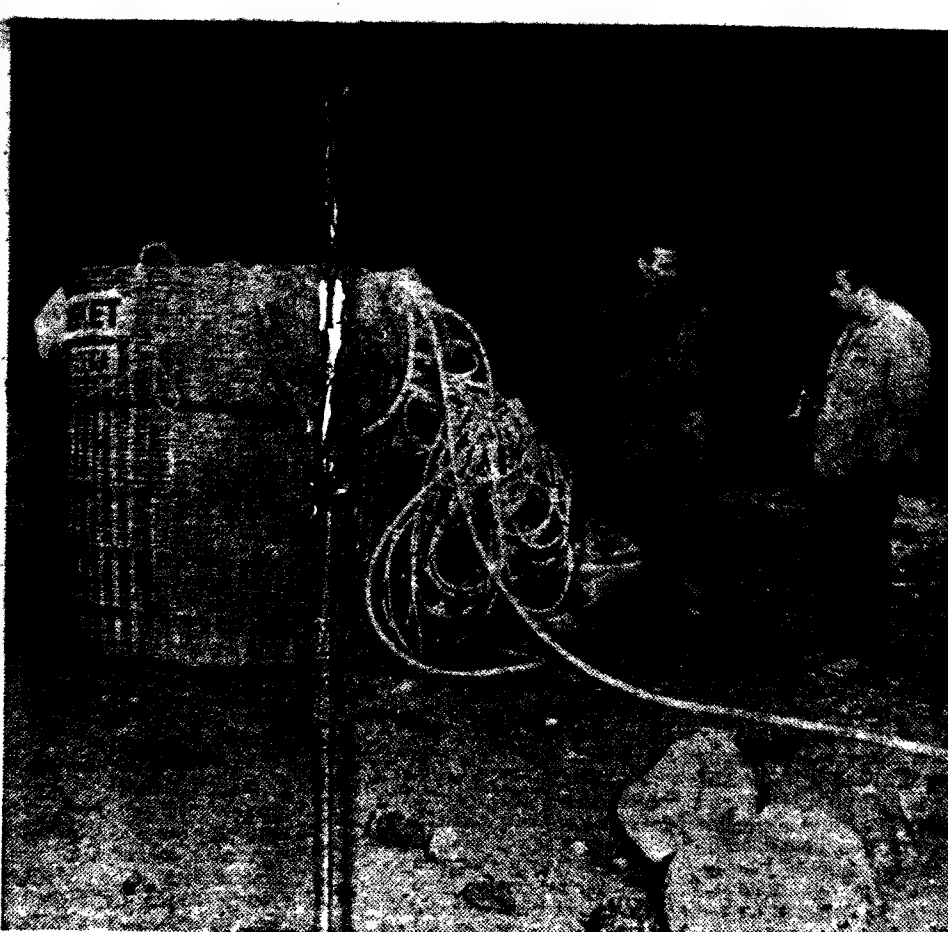
CHOCOLATES FAGGERS

CHOCOLATES FAGGERS

CHOCOLATES FAGGERS

CHOCOLATES FAGGERS

CHOCOLATES FAGGERS



Francis Breton fala ao «Diário de Lisboa», entre o jornalista e o cento onde viajará

que não o julgamos inconsciente ou louco e daí o seu cuidado em manter a clareza das suas explicações e dos fundamentos de absoluta segurança com que afirma que realizará a viagem.

A simplicidade do processo de Francis Breton é um facto e chegamos mesmo a convencê-lo da sua segurança.

O balão que idealizou, tem a forma de uma almofada quadrada, com 15 metros de lado. O cesto é suspenso de um dos vértices, o que mantém uma das diagonais do quadrado num plano vertical. Dos vértices que ficam na diagonal horizontal, partem duas adriças que se unem em V, ligadas a um grosso cabo de «nylon» com 180 metros de comprimento e 120 kilos de peso. Esse cabo vai em parte suspenso e em parte a boia no mar.

Se os braços do V formados pelas adriças que ligam o cabo ao balão, forem iguais, este seguirá a direcção do vento, uma vez que a superfície plana do balão se manterá perpendicular a essa direcção, funcionando o cabo flutuante que o balão agarrava, como um leme. Mas se algum dos braços do V for encurtado (o que pode ser feito por um sistema de rodanas ligado ao cesto) a superfície do balão formará um ângulo variável com a direcção do vento e o mesmo poderá ser alterado com um desvio de cerca de 20° para estibordo ou bombordo.

Levado pelo vento em constante calma

Francis Breton, que tem o organismo adaptado a um consumo mínimo de alimentos, leva mantimentos e água potável para mais de duas semanas, mas espera atingir os Estados Unidos em algumas horas, impulsionado pelos ventos alísios até à zona equatorial ao largo do nordeste sul-americano, e pelos ventos de leste predominantes nessa região, que, paralelamente à linha formada pelas costas do Haiti e de Cuba, o levarão algures, ao sul dos Estados Unidos ou nas Antilhas, mais provavelmente a ilha americana de Porto Rico.

No cesto do balão, feito segundo as técnicas tradicionais de uma indústria madeirense que tem nos Estados Unidos o seu mais importante mercado, dois grandes letreiros vermelhos com a inscrição «Unibest-Madeira» indicam para o exterior a fábrica que o efectuou.

Vários factores, principalmente as diferenças de temperatura do ar, fazem variar a força accional de um balão, fazendo-o subir ou descer entre limites muito afastados. O processo clássico de controlo de altura de um balão é, como se sabe, alisar o lauro quando é necessário.

Quando o balão estiver suspenso, o vento o levará para o lado que o vento estiver a soplar.

Quando o balão estiver suspenso, o vento o levará para o lado que o vento estiver a soplar.

Quando o balão estiver suspenso, o vento o levará para o lado que o vento estiver a soplar.

Torre de Babel

por João Medina

UM ENIGMA POLICIACO

Modificando ligeiramente um conhecido rião francês, digamos que há no fundo de todos os homens um polícia que dorme (ou, se preferirem, um juiz). A história verdadeira que a seguir contaremos pretende justamente fazer despertar no leitor esse instinto policiaco (honni soit...). De molde a decifrar um pequeno enigma, um desses inúmeros casos que o quotidiano engendra e os tribunais deslindam. A cena passa-se num bar de Strasbourg, perto da catedral, a uma da manhã, pouco antes do estabelecimento fechar. O que a seguir se passa vai ser narrado em duas versões distintas e, como se verá, perfeitamente contraditórias. O leitor fará depois o resto, ou seja, irá levantar o dedo acusador e apontá-lo para Pierre ou para François. Digamos que diante do juiz, Pierre aparece como a vítima e François como o acusado. Vamos aos factos. Fala primeiro Pierre, o queixoso:

«Entrei no bar para pedir a empregada a chave do meu quarto. Estava sozinho; devia ser uma da madrugada. O bar estava quase a fechar. Sou pedreiro e tenho vinte e nove anos.

Quando eu acabava de falar à criada, François, que se encontrava sentado numa mesa a beber cerveja, levantou-se e veio oferecer-me uma rodada. Como o não conhecia, recusei o convite. François, reparando então no meu relógio, disse-me: «Tens a um relógio catita, caramba!» Notei que os olhos dele brilhavam. Pensei que talvez ele me quisesse assaltar quando eu saísse do bar, de modo que disse à empregada do bar que me guardasse o relógio. François reparou no meu pedido e pergun-

tou-me porque procedia assim. Retorquiu-lhe que devia dinheiro e que deixava, portanto, o relógio como penhor. François tirou dessa altura uma nota de cem francos do bolso e dispôs-se a pagar a minha dívida, o que eu recusei. A criada disse então: «Ou pagas tudo ou fico com o teu relógio.» Mas François depois de insistir em dar-me os cem francos, partiu de repente sem me dar tempo de lhe devolver a nota.

Fiquei perplexo, mas tive recelo de ir atrás dele para lhe dar o dinheiro. Quando sai do bar, uns quinze minutos depois, vi um homem que me esperava; era François.

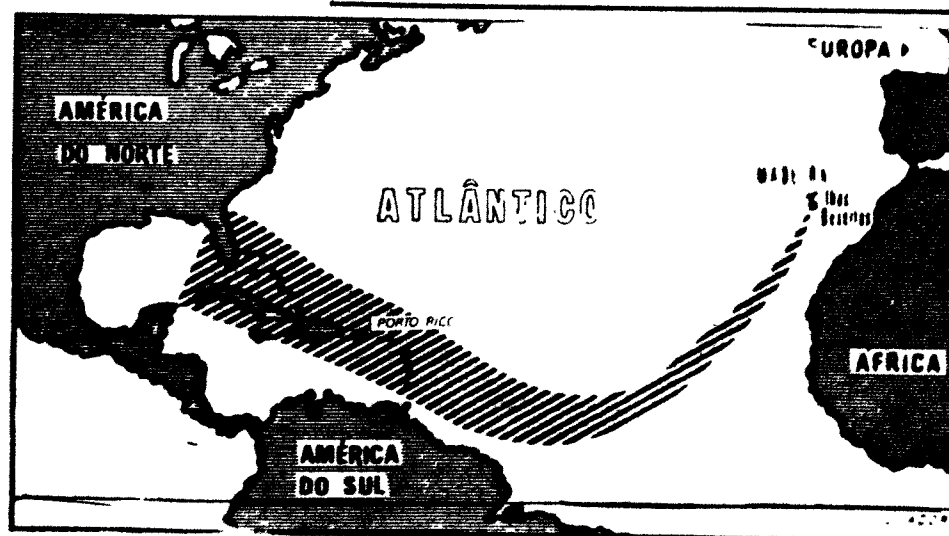
Ele avançou para mim e deu-me uma facada na cara e outra no pescoço. Apesar de estar bebado, os golpes feriram-me profundamente; estive 15 dias hospitalizado. Quando sai do hospital, procurei o meu agressor. Como o não conhecia, tive dificuldade em encontrá-lo. Um dia, ao cair da noite vi-o entrar para um restaurante perto da praça do Corbeau. Chamei então a polícia.

Depoimento de François: «Eu estava sozinho no bar, a beber uma cerveja, quando vi entrarem três pessoas que vieram instalar-se na minha mesa, a única que ainda tinha cadeiras livres. Uma dessas pessoas era Pierre. Pierre pediu-me que lhe pagasse uma bebida, pois estava fadado. Disse-lhe que não. Pierre propôs-me então vender-me o relógio dele, uma ceia sem valor. Recusei porque tenho dois relógios e não preciso de cebolas como as do Pierre. Vi os dois relógios e não precisei de cebolas como as do Pierre. Vi os dois relógios e não precisei de cebolas como as do Pierre. Vi os dois relógios e não precisei de cebolas como as do Pierre.

Quando paguel a conta, tirei do bolso um maço de notas; reparei que os olhos de Pierre brilhavam: era um brilho de cobiça. Pensei que ele queria assaltar-me quando eu saísse do bar. Olhando-me com insistência, Pierre pediu-me nessa altura que lhe emprestasse pelo menos dez francos. Para que me deixasse os dez francos. Pierre e os outros dois amigos saíram do bar. Esperei que se passassem alguns minutos, após o que também eu fui. Ao chegar à praça da catedral, vi os três homens que me esperavam. Eles avançaram para mim com um ar ameaçador. Para me defender, tirei do bolso a minha navalha, dei dois golpes no que estava mais próximo e fugi pela Rua de Rohan, em direcção ao rio. Ao contrário do que afirma Pierre, eu estava perfeitamente sóbrio pois não bebera mais do que uma cerveja.

Eis, portanto, as duas versões. Raramente duas testemunhas terão apresentado depoimentos tão divergentes. Falta deslindar o caso. Quem disse a verdade? O queixoso? O acusado? O agressor ou o agredido? No fundo, tanto faz dar razão a um ou a outro; no plano da imaginação, ambas as histórias são «perfeitadas»; só a realidade permite, portanto, optar por uma ou por outra. E a realidade (no caso verídico, a empregada do bar) escolheu como exacta a versão de Pierre, o agredido. De modo que François, o homem da navalha, foi condenado a quatro meses de pena suspensa. Razão tinha Montaigne quando dizia que a verdade era uma jarra com duas asas.

Estrasburgo, Maio de 1969.



A zona traçada obrigatoriamente indica, no mapa, a rota que Francis Breton pretende seguir

de 50 a 70 metros a que seguirá.

— Não, aqui não haverá vento...

— Sendo muito fraca a resistência do cabo que vai a botar, seguirá aproximadamente à velocidade do vento que me leva e na mesma direcção, de modo que não o vou sentir... Não tem dificuldade nenhuma, nem qualquer perigo, como se vê.

CONFIE NA

Quintessência da GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata doenças da boca

PORQUE É MEDICINAL

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO

UMA GRANDE OBRA DE FERNANDO NAMORA

CIDADE SOLITÁRIA

Livro de puerícia mas contém maturidade, que foi integrado na prestigiosa «Universal Bibliothek» da editora alemã Philipp Reclam.

Col. «Obras de Fernando Namora», 276 pgs. 50\$.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — Mem Martins Delegação de Lisboa: R. das Flores, 45-2. Delegação do Porto: R. de Entreparedes, 6-2.



Em ALMADA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu e Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

O alicerce da legitimidade da empresa privada está na utilidade da sua função social

— afirmou o prof. Marcello Caetano no Palácio da Bolsa

Após do discurso que proferiu na cerimónia da posse dos novos presidente e vice-presidente do município portuense (e que ontem reproduzimos na nossa «Edição da Noite»), o Chefe do Governo produziu ainda ontem, declarações no Palácio da Bolsa e no Quartel-General da Região Militar.

Ao falar no Palácio da Bolsa, disse o prof. Marcello Caetano:

«Quis a Associação Comercial do Porto distinguir-me considerando-me seu sócio honorário. Sei o que essa distinção representa nos usos desta Casa e no quadro social da cidade. Por isso, aqui venho agradecer-lhe».

A minha vida de homem de lei e de político trouxe-me muitas vezes ao Porto e permitiu-me com frequência o convívio com a sua gente de todas as classes e dos mais diversos sectores profissionais. De tal convívio nasceu em mim o respeito

por esta maneira de ser, simples, franca e devotada, onde se nota bem viva a generosidade característica do povo da região.

Cresceu e enriqueceu o Porto como centro comercial do Norte do País. Aqui recebeu o nome secularmente glorioso, o vinho provindo dos alcantilados do Douro que por esse mundo fora aquece os corações com ohiapas da reverboração do sol de Portugal nos xistos das serras que formam o vale do rio famoso. Por aqui passa, a caminho de longínquos mercados, o produto do trabalho das províncias laboriosas de Entre Minho e Mondego que juntam agora as fainas da terra as actividades fabris. E pelo Porto entram muitas das máquinas e das matérias-primas vindas do estrangeiro ou de além-mar — pois cada vez devemos importar menos alimentos e artefactos à medida que o engenho e o esforço caselros os vão

proporcionando em quantidades crescentes as necessidades da grei.

A navegação e o comércio mostraram o Porto, antes que da raça rude dos seus artífices saísse a pléiade de industriais de cuja iniciativa brotaram as fábricas que enxameiam a cidade e os seus arredores.

Tem sido o comércio através da História, e continua a ser na nossa época, um dos principais motores de desenvolvimento económico e do progresso social. Por via dele vão os produtos à procura dos consumidores, vencendo distâncias, derramando-se por largos espaços, alcançando locais inusitados pelo produtor. E graças ao engenho do comerciante, a oferta do produto cria a necessidade da procura ou imprimem novas cambiantes aden-

sando-a de inusitadas potencialidades.

«Um comércio dinâmico deixa de ser o acessório discutiável de produção agrícola e industrial, para se converter no seu mais precioso colaborador».

Na actividade comercial tem, pois, ensejo de manifestar-se em plena pujança a livre iniciativa. Da inteligência, da perspicácia, da audácia do comerciante, pode resultar a descoberta de um mercado ou a transformação dele. Do aperfeiçoamento dos métodos usados, um consequência de uma atenta observação das condições económicas e da psicologia do consumidor, quando existam condições de elasticidade da

procura, depende o alargamento da produção, o aumento das vendas e o emboretecimento dos produtos. Um comércio dinâmico deixa de ser o acessório discutiável da produção agrícola e industrial para se converter no seu mais precioso colaborador, na medida em que proporciona ao produtor colocação certa e remuneradora dos bens produzidos e estimula a actividade criadora.

Não quero esquecer aqui a acção daqueles comerciantes do mato, que em África constituíram, quase sempre, os pioneiros da civilização. Ainda há pouco, nesta cidade, foi celebrado o centenário de Silva Porto, cujo nome baptizou uma das mais belas cidades do interior de Angola. Mercadores modestos, que em épocas de total incomodidade se aventuraram pelo sertão e se fixaram em paragens inhóspitas, nem sempre seriam modelos de virtudes; mas, falando a linguagem dos interesses, que é sempre aquela que os homens mais facilmente entendem, souberam criar laços sociais com os gentios, levando-lhes quantas vezes as primeiras notícias de uma cultura diferente, e proporcionando-lhes contacto com as comodidades elementares da vida civilizada. Foram militares, esses homens de negócio, que isolados se estabeleceram pelo interior da África portuguesa e por lá viveram largos anos, apoiados na amizade dos nativos e constituindo muitas vezes famílias numerosas, onde abundavam os descendentes mestiços.

«Cada homem deve ter oportunidade de se realizar».

Está hoje muito em voga desdenhar do esforço individual, como meio de ascensão social e instrumento de progresso colectivo. Espalha-se, sobretudo entre a juventude a ideia de que as melhorias apreciáveis da condição humana hão-de resultar de transformações da sociedade — e quase se prega, de mistura com o desdém pelas elites, a desvalia do indivíduo e o desmerecimento da acção pessoal. Como é errada essa visão das coisas!

Não há, não pode haver progresso da humanidade sem que os homens sejam individualmente melhores. A humanidade não é mais do que a expressão abstracta dos valores característicos da espécie humana. São os homens que a compõem, e nos homens que ela se manifesta. O progresso humano tem necessariamente de resultar da elevação do homem nos seus sentimentos, no seu carácter, na sua inteligência, no seu conhecimento do mundo, na sua capacidade de agir. E isto não o conseguem globalmente as leis, nem o produzem instantaneamente as revoluções; há-de ser obra daqueles homens que, desvendando já mais longos horizontes, se empenham em promover a ascensão dos restantes.

Essa ascensão, como todos os avanços, é lenta e por vezes até dolorosa. Não se realiza por uma só vez, não

— salvo nas fórmulas pomposas com cujas palavras às vezes as multidões se embriagam e iludem — e não se processa por modo uniforme. A ideia de que para melhorar o homem é preciso aniquilar a sua personalidade, mergulhando-o na massa anónima, confundindo-o na monstruosidade de uma vida colectiva onde não lhe resta iniciativa, nem arbitrio, nem recato, nem perspectivas de afirmação individual, é, pelo menos para nós, filhos de cultura latina e cristã, uma ideia redondamente falsa. Cada homem deve ter oportunidade de se realizar, isto é, de esclarecer a sua inteligência e de desenvolver a sua acção — tendo neste caso como limites as necessidades inevitáveis da convivência e da solidariedade social.

«É necessário que a empresa privada se compenetre da sua função social».

Da livre iniciativa, da aventura da acção individual resultam por vezes, inconvenientes graves, prejuízos até para a colectividade? Não o negaremos. A Humanidade é assim: um misto de qualidades e de defeitos. E essa mistura projecta-se inevitavelmente, em toda a humana empresa. Nenhuma obra até hoje realizada no mundo, pelos homens, isolada ou colectivamente, pôde isentar-se do risco dos erros, da tara dos vícios do peso dos insucessos. O que é admirável, para mim, é como através dessa acção falível, mau grado todas as sombras que entenebrece o esforço humano, se há já conseguido caminhar tanto. Temos de pagar o tributo das imperfeições da nossa natureza para conseguirmos melhorar o mundo e tornar mais nobre a vida.

Vinha tudo isto, a propósito do papel do comerciante na civilização. Creio que a empresa privada, está ainda reservado um largo papel no desenvolvimento económico do nosso País.

Mas, é necessário que a empresa privada se compenetre da sua função social. O empresário hoje em dia, não pode pensar só no seu interesse, nem reduzir a sua acção à promiscuidade do lucro. A lei respeita a liberdade de iniciativa, o interesse pessoal o ânimo lucrativo, na medida em que neles reconheça estímulos válidos de uma actividade socialmente útil. Todo o empresário — no comércio, na indústria como na agricultura — assume uma responsabilidade perante os seus concidadãos: comprometer-se a empenhar um capital, graças ao qual, coordene e dirija técnica e trabalho para enriquecer a colectividade e contribuir para o bem-estar geral. Dando e garantindo emprego, primeiro. Produzindo em condições cada vez melhores, depois. Por isso, a empresa não pode ser fruto do improvisismo nem quando é lançada, nem enquanto é desenvolvida. E o Estado não pode desistir das suas funções, apontando as iniciativas, mas, sobretudo, quando se trata de garantir a ordem e a justiça.

(Continua na página seguinte)

DISCURSO AOS MILITARES:

«Espero dentro em pouco resolver alguns dos problemas cuja solução está ao alcance do Tesouro e do legislador»

No quartel-general da 1.ª Região Militar, o Presidente do Conselho afirmou:

Agradeço reconhecidamente, sr. general, o ensejo que me proporciona de conhecer e saudar os oficiais que servem na 1.ª Região Militar e as palavras que acaba de me dirigir.

Fui educado à luz dos princípios segundo os quais a nobreza do homem está em servir o próximo e acima de tudo em servir a Pátria até ao sacrifício.

Não estavam ainda em voga as ideias que entronizam o egoísmo e procuram doloar a expansão dos apetites, dos caprichos, das fantasias, dos gozos, dos vícios e das paixões de cada um como exaltação da liberdade — uma liberdade que, não tendo limites, não sendo desenvolvida dentro dos quadros da disciplina social, não traduzindo o domínio da razão inteligente sobre a natureza instintiva, é normalmente mera libertinagem e juridicamente perigosa anarquia.

Continuo a pensar que só é saudável a sociedade onde os indivíduos admitam restringir os seus interesses na medida em que o exija o interesse da colectividade. E que, só podem subsistir as nações que sejam capazes de fazer prevalecer ideais colectivos, sobre o desvario das conveniências individuais.

As Forças Armadas representam em todos os países escolas onde se aprende a servir a colectividade, onde se cultiva o «espírito de disciplina» e onde se exalta a dádiva generosa da vontade, a renúncia consciente a comodidades e interesses e o sacrifício da própria vida ao serviço da Pátria.

No mundo de hoje, mais do que nunca, importa preservar esta reserva de energias morais. Quando, por todo o lado, vemos ruir disciplinas e instaurar-se a confusão dos valores no meio da cobardia das atitudes importa que as virtudes militares fiquem incólumes. A crise actual é passageira, como

passageiras têm sido outras crises análogas através da história. As sociedades não podem subsistir sem leis que coordenem e harmonizem as actividades dos seus membros, tornando compatíveis os interesses de uns com os outros e a austeridade de liberdade de cada um. Porque só há liberdade onde exista disciplina. Quando se permite a um indivíduo que faça tudo quanto lhe apeteça, a sua vontade irá fatalmente oprimir a vontade dos outros. Mas se a esses outros se der igual licença, teremos logo a luta dos egoísmos a tender para a vitória do mais forte.

«A lei é expressão de um ideal de justiça e sobrepor-se à força bruta».

A lei é expressão de um ideal de justiça a sobrepor-se à força bruta. E os exércitos, como os órgãos de segurança, são a força legítima que assegura o prevalerimento dos critérios racionais da lei sobre os caprichos fortuitos da violência, a força salutar que garante o predomínio da razão colectiva sobre as insubmissões dos apetites individuais. Às vezes pode discutir-se se as forças armadas das grandes potências servirão sempre a causa do direito nos conflitos internacionais. No nosso País, onde constitucionalmente se condena há mais de meio século a guerra como forma de dirimir litígios entre Estados, não há lugar para guerras injustas. As Forças Armadas portuguesas têm sido exclusivamente empenhadas na defesa dos direitos nacionais. Direitos que, por mais fundados que estejam em títulos jurídicos e na vontade do povo, foram nos últimos anos, com frequência, ameaçados e até mesmo ofendidos, obrigando-nos a constante vigilância e pronta reacção.

O País tem dado de boa mente a massa anónima dos soldados e marinheiros para as fileiras, essas bravas, autômas e generosas soldados e marinheiros que ainda ago-

ra encontrei na Guiné, em Angola e em Moçambique a bater-se galhardamente, com o mais puro entusiasmo patriótico. Do País têm saído os milhares de graduados e oficiais milicianos que tão apuradamente suprem, ao cumprir o serviço militar, obrigatório, as deficiências dos quadros permanentes.

Mas talvez não haja na opinião pública a noção exacta de quanto tem sido dura, nos últimos vinte anos, a vida daqueles que abraçaram a carreira das armas. Desde a segunda grande guerra que os oficiais do quadro permanente têm sido chamados a servir fora do Continente Europeu, em comissões sucessivas e árduas.

Em muitos casos, contam-se por curtos meses, os intervalos de serviço na Europa. Frequentemente, a separação das famílias prolonga-se por longas épocas, sobretudo, quando os filhos chegam à idade da frequência de cursos superiores, em que mais precisariam da presença e orientação paternas. São sacrifícios reais que o Governo não pode ignorar e a que não pode ficar indiferente. Espero, dentro de pouco tempo, resolver alguns problemas suscitados por tais situações — aqueles problemas cuja solução está ao alcance do tesouro público e das faculdades do legislador.

«O Governo cumpre um dever de justiça para com as Forças Armadas».

Tenho a consciência de que o Governo cumpre desse modo o seu dever de justiça para com as Forças Armadas, ao mesmo tempo que tomara providências para melhorar a organização da defesa nacional, tanto nos órgãos centrais, como nos teatros de operações a fim de tornar mais eficiente a acção militar. Ora, estas medidas resultantes da visita do Chefe do Governo ao Ultramar correspondem nos seus efeitos às intenções que se dizem. Desta visita, sr. general e sr. gale-

oficiais, trouxe eu muitas ideias inescutíveis. Mas a primeira de todas, colhida ao ver a juventude que dia a dia arrisca a vida na defesa do território pátrio, ao assistir aos transportes apaixonados dos portugueses que não querem deixar de o ser, e, também, ao visitar os feridos nos hospitais como ao meditar sobre as camadas dos mortos em combate, é a de que não podemos hesitar na retaguarda. Não podemos hesitar na luta contra o abandono e a traição. Não podemos hesitar em combater propagandas derrotistas. Não podemos hesitar na vigorosa acção contra a má organização, os preconceitos, a negligência, a burocracia, que empistem o esforço da defesa, o dificultem ou o encorajem.

Clientes de que as guerras modernas deixaram de ser constituídas por combates frontais de grandes exércitos para se traduzirem em mil pequenos conflitos disseminados pelo mundo inteiro; sabedores de que os adversários da nossa causa pretendem vencer-nos minando ideologicamente as resistências morais, suscitando sob formas variadas a subversão no próprio coração do País, conquistando posições de domínio da informação e da propaganda — não podemos ser tão loucos que lhes demos liberdade à toa, desarmando o Estado em face do envenenamento da opinião e tornando-se impotente para prevenir e reprimir os atentados contra a segurança interna e exterior da Nação. Prestou V. Ex.ª, sr. general, justa homenagem ao Chefe do Estado. O Presidente do Conselho, responsável pela condução política da defesa nacional, associa-se com fervor às palavras dirigidas ao Chefe Supremo das Forças Armadas que tão distintamente tem sabido encarnar as altas ideias que se inspiram, ao desempenhar as suas funções. E na sua pessoa merece permitirme saudar as Forças Armadas de Portugal.

O discurso do Chefe do Governo aos comerciantes do Porto

(Continuação da pág. anterior)

conduzidas, e integrando-as no esforço comum de que não devem divorciar-se.

«Os tempos do nacionalismo económico vão passando»

A tendência actual para a criação de grandes espaços económicos, onde se movimentam livremente os homens, os capitais e as mercadorias, vem abrir novas perspectivas, criar novas preocupações e onerar com novas responsabilidades os governantes e empresários.

Se bem que a Nação continue a ser realidade bem presente no espírito e no modo de viver do homem europeu, os tempos do nacionalismo económico vão passando.

Nem conseguiremos — nós e outros povos da Europa ocidental — fechar as fronteiras aos movimentos da mão-de-obra, nem evitar que os capitais, mobilizáveis por natureza, busquem os lugares e aplicações mais rentáveis, nem já agora erguer barreiras proteccionistas a cujo abrigo as actividades nacionais possam vegetar sem competição exterior.

Temos de nos penetrar bem destas ideias, até para deixarmos de encerrar as aplicações de capitais estrangeiros no nosso País, como actos de colonialismo económico. Esses capitais serão benvidos quando venham efectivamente ajudar ao fomento interno e não explorarem e tudo o que devemos fazer é evitar a sua proveniência de uma só fonte, facilitando a diversidade nacional dos investidores.

A extensão dos mercados que se nos abrem e a concorrência a que as novas condições nos sujeitam, até no mercado interno, obriga a rever a dimensão das empresas susceptíveis de entrar no jogo internacional ou de ter de o sofrer. Todavia, a preocupação de nos apetrecharmos para a dura luta dos tempos correntes e vindouros, não deve ser o sinal da condenação, por sistema, da média e da pequena empresa.

Se em certos sectores poderá ser imperiosa a concentração de muitas pequenas empresas a fim de se obterem as unidades poderosas e resistentes com capacidade para enfrentar o embate dos mercados, noutros, a pequena e a média empresa devem ser cuidadosamente acarinhas e sustentadas como factores de estabilidade social e até como garantias de gestão equilibrada, conduzida à escala humana.

Desde que, vai passada mais de uma década de anos, se começou a anunciar a formação da zona europeia de livre comércio, mais tarde concretizada parcialmente com a instituição da E. F. T. A., tem o governo chamado repetidamente a atenção dos interessados para os novos tempos e os novos costumes.

«Uma agricultura sã, uma indústria próspera, um comércio válido»

Nunca será demais insistir no apelo à iniciativa privada para que não perca tempo, e pouco tempo ainda ao seu dispor, para se adaptar às circunstâncias.

Existem momentos que o alívio da legitimidade da empresa privada esteja na utilidade da sua função social. E nestes momentos críticos que tal utilidade mais

se revela. Gozando de flexibilidade que falta às empresas do Estado, possuindo uma liberdade de movimentos, de contratação e de adaptação que os serviços públicos não dispõem, beneficiando de sensibilidade à conjuntura que permite prever e ajustar a cada momento planos e projectos, a empresa privada demonstrará o que vale na medida em que souber ultrapassar as dificuldades da hora e ganhar para o País e para os portugueses esta batalha difícil da luta pela riqueza nacional.

Atravessamos um momento grave da História — da História do Mundo e da História de Portugal. Há soldados que arriscam a vida e vertem sangue em frentes onde se defende a integridade do solo pátrio. Mas todos os portugueses deverão considerar-se mobilizados. O esforço económico é tão essencial à vitória como a acção militar. Para que o País possa caminhar com segurança precisamos de ter uma agricultura sã, uma indústria próspera, um comércio válido. É uma frente de combate onde também se carece de homens decididos, corajosos, e perseverantes. E onde não faltam os inimigos — a começar pelos nossos defectors, a nossa impreparação, o nosso atraso — mas que sabemos vencer graças às qualidades que sempre o povo português soube afirmar em todos os campos nos momentos críticos da sua existência colectiva.

VISITA À REFINARIA DA SACOR NO PORTO

No âmbito de um programa estabelecido, decorre, amanhã, às 10 e 30, a visita de um primeiro grupo de industriais do Norte à Refinaria da Sacor no Porto e ao terminal portuário de Leixões, seguindo-se um almoço na Casa de Chá da Boa-Nova.

A fiscalização dos laboratórios

(Continuação da 4.ª página)

ticas. O dr. Santos Silva encomiou aquela uniformização, que nos Estados Unidos, segundo afirmou, tem obtido excelentes resultados. Contudo o dr. Fernando Godinho opôs-se a esta perspectiva e, pelo contrário, advogou uniformização apenas de técnicas, e mesmo esta devendo estar permanentemente sujeita a discussão. O ponto 13 e último na concretização da normalização biológica dos resultados analíticos: foi discutido o in-

SENHORA

dando as melhores referências, oferece-se para tomar conta de orações ou acompanhar raparigas nos meses de Junho, Julho, Agosto.

Resposta para I.M.M. — R. 5 de Outubro, 1968 — Porto.

O PRESIDENTE DO CONSELHO NO PORTO

(Continuação da 1.ª página)

tivos da F. N. A. T. e muita gente enchia as bancadas e os terrenos em volta.

Na tribuna de honra, o presidente da F. N. A. T., sr. dr. Bento Parreira do Amaral, entregou a medalha de ouro comemorativa da inauguração daquele estádio ao sr. prof. Marcello Caetano e fez depois uma breve saudação, à qual o Presidente do Conselho respondeu em breves palavras de agradecimento.

Seguidamente, o Presidente do Conselho desceu ao terreno de jogos onde foi rodeado por numerosas pessoas que dele procuravam abelhar-se, para o envolverem em manifestações de simpatia. E foi a custo e morosamente que aquele estadista conseguiu, finalmente, chegar junto do seu automóvel.

O Presidente do Conselho visitou depois o Bairro da Vilarinha, onde os seus moradores lhe manifestaram entusiástica recepção. Nas varandas e janelas pendiam colchas e colgaduras e o chão estava pejado de verdes. Daí seguiu para o Bairro do Cerco do Porto, a fim de visitar o Centro de Formação Profissional n.º 2, onde era aguardado por diversas individualidades. A entrada, o Chefe do Governo, foi convidado a descer uma lápida comemorativa da visita, sob uma outra desceida pelo sr. Presidente da República aquando da inauguração do Centro.

O sr. prof. Marcello Caetano dirigiu-se depois para o Hospital de S. João, a fim de visitar o sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge, antigo governador civil, que ali continua internado. Foi recebido pela esposa daquele e ainda pelo director clínico e outros médicos daquele hospital.

Cerimónia no Sindicato dos Empregados de Escritório

Depois de sair do hospital, onde grande número

de enfermeiras e funcionários se encontravam em filas para o saudar, o sr. prof. Marcello Caetano dirigiu-se para as instalações do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito do Porto.

Alí, á entrada, foram-lhe apresentados cumprimentos pelos seus dirigentes, após o que se efectuou uma breve sessão de boas-vindas.

No uso da palavra, o presidente daquele sindicato, sr. Manuel Ferreira da Silva, referiu o significado da visita do «homem que, tirando lições do passado, vive o presente e está construindo o futuro, numa linha de renovação que a própria continuidade da

vida de um povo exige, precisamente porque é vida». Noutro passo do seu discurso, o orador disse: «Os trabalhadores têm ainda sr. Presidente, mais e bem concretas razões para lhe prestarem um particular testemunho de admiração e confiança». A propósito, salientou a alteração da legislação sindical, a regulamentação das relações colectivas do trabalho, instituindo um sistema de arbitragem e a revisão do regime jurídico do contrato individual de trabalho, que submeteu a parecer da Câmara Corporativa.

Mais adiante, aquele dirigente sindical declarou que a direcção quis perpetuar a visita com o descer-

ramento de uma lápida alusiva na sua sede, e entregar ao Chefe do Governo a sua medalha de ouro, a qual foi imposta ao Presidente do Conselho pelo ministro das Corporações.

O prof. Marcello Caetano, depois de agradecer, encaminhou-se por entre aclamações, para a União de Grémios dos Comerciantes do Porto, onde recebeu os cumprimentos dos dirigentes corporativos e onde foi obsequiado com um almoço.

Nesta reunião, falaram os srs. Manuel dos Santos Paulo, presidente do Sindicato dos Electricistas, e Telmo de Carvalho e Silva, presidente da direcção da União de Grémios.

DISCURSO AOS COMERCIANTES:

«Deverão substituir os Grémios Sindicatos e as Corporações?»

Em resposta, o Presidente do Conselho proferiu um discurso em que, após os agradecimentos iniciais, afirmou:

«Deverá continuar a existir um Ministério das Corporações? Deverão substituir os grémios, os sindicatos e as Corporações?»

Claro que as revoluções mais fáceis e mais baratas são as revoluções verbais: deixam-se fiar as coisas e mudam-se-lhe os nomes. Dessas transformações temos tido numerosos exemplos no passado político português.

Simplesmente trata-se de meras mudanças de fachada a que não corresponde nenhuma modificação real. E desses logros tenho eu horror.

Antes de ser criado o Ministério das Corporações manifestei-me publicamente em sentido contrário, com o argumento de que num Estado Corporativo todos os ministérios têm de ser das corporações. E acrescentava ser meu parecer que não se devia dar ao público a sensação de que as corporações fossem departamentos burocráticos de certo ministério — pois há-de existir e de agir fora da burocracia do Estado e de poder tratar livremente com todas as autoridades e estações oficiais.

Mas o Ministério foi criado, tem anos de existência, e a sua supressão ou o seu orloma teriam agora um significado bem diferente do que assumia há anos a escolha entre criá-lo ou não. E esse significado — que não seria necessariamente desfavorável à permanência da organização, pois poderia traduzir, ao contrário, a ideia de que esta já dispense um instrumento governamental de promoção e apoio, — esse significado teria de ser cuidadosamente ponderado e explicado, para responder a uma realidade e para que esta fosse um progresso e não um retrocesso.

E continuará o corporativismo a ter razão de existir? A doutrina que o inspira merecerá ainda a consagração das leis e a adesão dos homens? No corporativismo, o primeiro, a organiza-

ção das empresas e dos trabalhadores. Num País avesso às fórmulas associativas, a obra empreendida e realizada nesse domínio nos últimos 35 anos foi enorme. Pode dizer-se que em 1933 não havia qualquer organização significativa das classes trabalhadoras, até porque nos encontrávamos ao tempo em fase balbuciente da industrialização. E que eram escassas e pouco relevantes as organizações patronais, nascidas também como associações de classes.

Hoje existe uma densa rede de grémios, de sindicatos e de casas do povo, que cobre a Nação inteira. Não é possível, nos tempos actuais, pensar que as associações das empresas como as dos trabalhadores possam ser dispensáveis. Há que mantê-las.

O problema agora é o saber se essas associações

devam ter lugar dentro do Estado ou fora dele, o que significaria, contra ele, a probabilidade, contra ele, a

O Poder como árbitro das divergências insanáveis

E mais adiante acrescentou:

«E se não atingimos nos benefícios valores tão altos como noutros países, é porque, situados numa orla da Europa, sem tradição industrial e com escasso espírito de empresa, dependente de uma agricultura rotineira e pobre, sobre a qual pesava a maior parte da população activa reduzida a baixo índice de produtividade a que correspondiam baixos salários... — tem sido bem difícil o arranque e Deus sabe com quanto esforço se vai progredindo, a lutar contra ventos e mares...»

O caminho que o bom senso nos indica é aperfeiçoarmos aquilo que temos, emendando erros (de que aliás nenhuma fórmula política ou social está isenta), corrigindo desvios, tornando mais eficientes e justas as soluções ou os processos de as atingir, — em vez de irmos aventureiramente experimentar outras vias, por imitação de estranhos, — estranhos que, aliás, estão longe de considerar perfeito aquilo que neste domínio possuem e fazem.

Os interesses do País exigem que continuemos a cultivar o espírito de compreensão, de harmonia, de entendimento entre empresas e trabalhadores, para resolvermos pacificamente os seus problemas, conservando o Poder público como árbitro das divergências insanáveis.

Tarde em Matosinhos

Depois do almoço, o Presidente do Conselho seguiu para Matosinhos, onde o comércio local e a indústria encerraram os estabelecimentos. Em Leixões, visitou a refinaria da Sacor, na Estrada de Almeida no Cabo do Mundo. Antes de partir para Pedras Rubras onde tomará o avião de regresso a Lisboa, o Chefe do Governo visitará, ainda, as obras do terminal portuário, com paragem no cais de descarga para navios de 100 000 toneladas.

Estão no Porto o ministro e o subsecretário de Estado do Exército

PORTO, 22 — O ministro do Exército, sr. brigadeiro José Manuel Bettencourt Rodrigues e o subsecretário de Estado, sr. coronel João António Pinheiro visitaram, esta manhã, o Centro de Instrução e Condução Auto N.º 1 aqui aquartelado. Aqueles membros do Governo, acompanhados pelos primeiro e segundo comandantes da 1.ª Região Militar, foram recebidos ali pelo comandante da Unidade, sr. tenente-coronel Manuel Carlos Passos Esmeriz; e na biblioteca, saudados pelo comandante do C. I. C. A. 1, que manifestou o prazer que todos sentiam pela honrosa visita e ajudou à preparação dos militantes daquela unidade que, em breve, seguirão para o Ultramar. No final foram oferecidos galhardetes da unidade, aos visitantes.

Seguiu-se uma sessão de trabalhos, finda a qual houve visita ao quartel e, depois, um almoço na messe.

De tarde, aqueles membros do Governo visitaram o Hospital Regional N.º 1.

GRANDE CAMPANHA DE FRIGORÍFICOS

NOVOS PREÇOS

NOVOS MODELOS

NOVAS CONDIÇÕES DE VENDA

SEM fiador
SEM entrada inicial

Visite as 2 lojas

Vapedrone

prestações mensais desde

7750

SEDE 54 Rua da Vitória 56 Telef. 33323

FILIAL 17 Rua dos Fanqueiros 19 Telef. 320376

FIAT

ARISTON

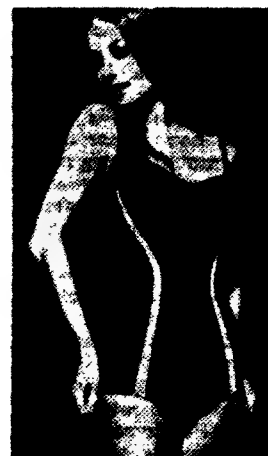
LINDE

PHILCO

Fatos de Banho e Biquinis • milhares em «stock»
a partir de esc.: 80\$00
para todos os gostos • grande sortido para crianças
estabelecimentos

A POMPADOUR

R. Garrett, 28 · R. Augusta, 140 · Av 5 de Outubro, 51-A LISBOA R. das Carmelitas, 70 PORTO



CADA VEZ SE TORNA MAIS PERIGOSO CONDUZIR

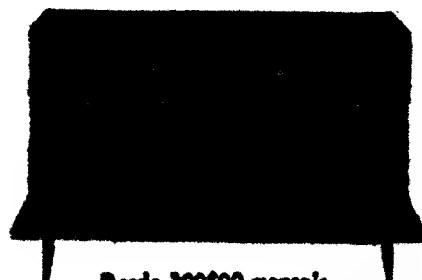
Dia a dia, o perigo aumenta na estrada.
É absolutamente necessário que faça
todo o possível para salvaguardar
a sua vida e a dos seus.
Tenha uma melhor protecção no seu carro
com cintos de segurança.
Os cintos de segurança têm salvo
milhares de vidas.
Conduza com o conforto de protecção extra
que lhe oferece o cinto de segurança
e procure uma boa marca
com fecho magnético (aumenta a segurança):
o cinto de segurança Kangol (magnético).



C. SANTOS S.A.R.L.

RÁDIOS TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RÁDIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande
Campanha
de Vendas
GRUNDIG



Desde 100\$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada · sem fiador



O ESPECIALISTA DOS
FERROS DE PASSAR

DE LINHAS ELEGANTES
E DE GRANDE PRECISÃO

COMO SE ENTRA DE FÓRMULA, MAS
PARA PASSAR A FERRO
NADA HÁ MELHOR QUE
O MEU CALOR

2 ANOS DE GARANTIA



Alfere

Piloto Aviador

**FRANCISCO ALBERTO
DOS REIS LINO NETTO**

Missa do 1.º Aniversário

A família manda rezar missa
por sua alma na Igreja de S.
Sebastião da Pedreira pelas 16
horas de manhã, 1.º aniversário
da sua morte, ao serviço da
Pátria, com Angela (Nogueira).
Será celebrante o capelão da
Força Aérea Padre Domingos
Gomes.



**GUILHERME SILVA
FALECEU**

Rosa da Conceição e Silva.
Maria Natália Fernandes da Sil-
va e filho, Maria do Céu Lina
Santos seu marido e mais famí-
lia comprem o doloroso dever
de participar o falecimento de
seu muito querido marido, pai,
avô e parente a quem e funeral
se realizou amanhã, às 11 horas,
na Igreja de S. João de Deus,
para o cemitério de Lameira.

AGÊNCIA MACRO
Tel. 53457



HOJE PODE VER...

EUROVISÃO «APOLO 10»

ATRAVÉS da rede da Eurovisão, a RTP transmite a 5.ª e a 6.ª reportagens durante o voo da «Apollo-10» que terão lugar pelas 19 horas e 19 e 55, respectivamente.

O MOTOR E O HOMEM

COORDENADO por Cunha e Sá, a rubrica «O Motor e o Homem», a transmitir pelas 21 horas, incluirá os seguintes assuntos:

- Novos modelos de submarinos: Do submarino voador ao submarino nuclear;
- Os Transportes Europeus Modernizam-se: o mais recente Metropolitano e o comboio mais luxuoso;
- Um sistema de condução sem visibilidade;
- O Festival dos Veículos Motorizados Militares;
- O automóvel a vapor novamente na ordem do dia;
- A Escola de Condução da Polícia Metropolitana de Londres.

Noite de cinema:

A RODA DA FORTUNA (THE BAND WAGON)



Cyd Charisse e Fred Astaire: o célebre regresso aos «bons velhos tempos»

PELAS 21 e 55, será projectado o filme de Vincent Minelli «A Roda da Fortuna» (The Band Wagon), com Fred Astaire e Cyd Charisse.

Fred Astaire é a estrela brilhante e simpática da história de um espectáculo e de um amor...



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Da Choupa até à Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cançêira de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Rádio rural — Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 30.º Episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela Orquestra Tonny Hatch; 22 e 40: Variedades no Estúdio; 22 e 30: Música ligeira; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.ª e 2.ª Actos da Ópera «Aida» (Verdi); 18: Música do Século XX — Parte de um Concerto integrado no Festival «Reconnaissance des Musiques Modernes» — realizado em

Bruxelas, no Palais des Beaux-Arts; 19: Crítica Literária, pelo dr. Bigotte Charrão; 19 e 10: Folclore Português, Música na Ilha Terceira (Açores) recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música Instrumental; 20 e 30: Cantata BWV 32 (Bach); 21: Parte de um Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção do maestro e pianista Franco Maninho; 21 e 41: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 22: Cinco peças de sabor popular (Schumann) — solistas; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano; 23 e 30: Música francesa — Um programa cedido pela Radiodifusão Televisiva Francesa; 0 e 3: Sonata em Ré Menor op. 27 n.º 3 «Balade» para violino solo; 0 e 9: Sinfonia n.º 3 (Kupland) — Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção de Leonard Bernstein; 1: Fecho.

As 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 18: Eia e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 45: Rádio Piacard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e paleta religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: P. B. X.; 1: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Taksim

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16: Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM 67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C.D.C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Eia e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Eia; 19 e 30: Robôbalas; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Piacard; 20 e 21: Norte da vida; 21 e 03: Orquestra; 21 e 15: 50-Rádio; 21 e 30: Leituras; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as Nações; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,7 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Artistas portugueses; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Fados e guitarradas; 21 e 45: A orquestra de Harry James; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Uma Orquestra; 18 e 30: Terço, Bênção e Missa Vespertina, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Música; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 55: Eurovisão; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos Jogar no Totubola; 21: O Motor e o Homem; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema 23 e 45: Telejornal e Fecho.

II Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Os Companheiros de Jesus»; 22 e 15: TV Clube; 22 e 45: Universidade na TV; 23 e 40: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Mistérios do Rosário»; 20 e 20: 7.ª Transmissão do voo da «Apollo 10»; 21: Cortaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Série da Oeste — «O Grande Vale»; 23: Eurovisão; 23 e 55: Telejornal e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro «O Homem da Caneta de Ouro»; 23 e 30: Telejornal e Fecho.



TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

2.º PROGRAMA

A EMISSÃO será preenchida pelos habituais serviços de notícias, pelo 11.º episódio do Folhetim «Os Companheiros de Jesus», com Claudé Giraud, e já exibido no I Programa em 23 de Janeiro de 1967, seguindo-se — pelas 22 e 15 — o «TV Clube» da série «O Mundo a Cantar», pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia.

Este programa, já transmitido, também, no I Programa, no passado dia 18 do corrente, inclui uma pequena digressão musical, a qual, depois de começar em Portugal, nos levará à Irlanda, Alemanha, Suécia, Rússia e Suécia.

A terminar a emissão do emissor UHF, será apresentado, ainda, a rubrica «Universidade na TV».

ir ou não ir na onda

REPRESENTAR PORTUGAL...

Ainda ontem o «Talismã» reiniciava no erro já episódico: que Maria Valejo representará Portugal não sei em que festival de canções, e que a representante do nosso País, etc., etc.

Parece urgente retirar este cartaz nacional de participação canoras em diferentes certames comerciais. E verdade que cada país tem os cançõesistas que merece, mas contém aliviar do peso da representação, até para não fazer a modéstia que distingue quem todas as avéduas portuguesas... — C.

pações canoras em diferentes certames comerciais. E verdade que cada país tem os cançõesistas que merece, mas contém aliviar do peso da representação, até para não fazer a modéstia que distingue quem todas as avéduas portuguesas... — C.

canal da crítica

«OJE À BILHAR»

Hoje não há crítica. Decretei. Tens férias, leitor. Eu, também. Crítica para quê? Para falar do Ironsíde? Cala-te, menino! Como dizia o Herculano de bronze: «Não vês que estou a tratar de coisas sérias?»

Ainda me lembrei de escrever qualquer coisa a respeito da lição de português da TV Educativa, a aula do prof. Aldónio Gomes a que raramente falto. Ultimamente, tenho-me encontrado com frequência em desacordo e isso inquieta-me.

Tenho de escrever sobre isso, para me libertar. Aldónio Gomes não me saiu aqui-lo que se possa chamar um «gramaticão». Salu-me, direi antes um moralista, entre uma e outra coisa não sei que abomine eu mais. O moralista da linguagem é, em geral, um consumidor de amor à Meta. O moralista, em questões de linguagem, é um «gramaticão», envergado. Digamos que é um «gramaticãozinho». Isto dói-me, porque não via nada Aldónio Gomes neste papel. Foi a propósito de pontuação e maiúsculas. O professor era de opinião que nem ao domínio da legalidade,

nem no da estética, não havia nada que justificasse a eliminação deles na língua portuguesa.

Acredito que Aldónio Gomes não conhece bem os efeitos que certos escritores modernos conseguem com a abolição dos pontos e vírgulas, ou com a sua desarticulação. E quanto às maiúsculas, só lhe digo que conde-nar pura e simplesmente a sua inutilização é remar contra a maré — exactamente por questões de estética. A arte tem razões que a gramática desconhece.

Evidentemente que se podia pensar na missão ortodoxa de Aldónio Gomes. Mas

a TV Educativa não tem funções escolares — e sem perigo demasiado Aldónio Gomes podia ir avançando que a história de abolir pontuações e maiúsculas não é para todos: é só para os artistas ou para os ignorantes. Assim se poupava a esteticazinha ké o k mintres sa. E também se salvava a moralzinha que é o que interessa ao professor.

Lembrei-me de falar disto, mas não falo, não gosto de semear favas cozidas, a emissão foi na segunda-feira, onde já vai, santinho! De maneira que lá crítica é que não faço, oha, leitor, não te convido para um passeio a Almeirim e Azambuja como o nosso antepassado Garrett, porque nos tempos de hoje não há tempo para viagens tão demoradas. Mas convido-te para uma partidinha de bilhar.

Alto!, bilhar à portuguesa e não como aquele bilhar neurasténico do chefe Ironsáide, onde se usava uma infinidade de bolas. Eu, para carambolar em duas já é o que se sabe, quanto mais!

Lá esse interesse espectacular teve o episódio ontem. Qué lá saber do Vance: já sei que ele vai passar umas ricas férias na prisão... Qué

lá saber do Tim Paterson: já sei que ele vai ser engenheiro... Qué lá saber do irmão dele: já sei que vai regenerar-se, ser elemento útil à sociedade... E depois, irmão que bate em irmão, tem cem anos de perdão, ou coisa que o valha.

Isso já eu sabia tudo, melhor dizendo: isso já eu pré-sabia. Mas a acção ao bilhar daquele Money Howard, isso foi de arregalar o olho. Mas pra mim vêm os americanos de carrinho: pensam que eu não sei que as bolas eram puxadas por cordelinhos. Aláás, se eles puxam os cordelinhos a tudo, por que razão não haviam de os puxar às bolas daquele bilhar psi aqui á tri co?

O chefe Ironsáide não foi rubrica policial: foi rubrica desportiva. Valeu a pena a ver — mas não dá matéria

(Continua na página seguinte)





DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

**ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA
OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA**

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa

Telefones 45843-47843

AOS COMERCIANTES DE SUCATA DE TODO O PAÍS

IMPORTANTE

LEILÃO

De SUCATAS pertencente a

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

SÁBADO, AS 15 HORAS

Serão vendidas nos armazéns desta Empresa Pública, sítios na Av. de Ceuta
(Esquina da Rua do Arco de Carvalho) — Lisboa

IMPORTANTES lotes de sucatas donde destacamos principalmente:

22 toneladas de cabo telefónico e chumbo e sobre, 9 ton. de fio de sobre
cabo de linhas aéreas, 4,5 ton. de fio de sobre isolado, 2 ton. de fio jumper,
2 ton. cabo e/ou lona e plástico, 5 ton. de chumbo limpo, 11 ton. de ferro forjado e
ainda menores quantidades de: cordões telefónicos, fio de cobre isolado a papel,
limalha de latão, fio de cobre esmaltado e queimado, pneus, listas telefónicas,
corda, serapilheira, bobinas telefónicas, contadores de chamadas, alumínio e
antimónio, latão limpo e sujo, ferro em chapa e em viga, placas de baterias, tubo
de ferro, caloríferos a petróleo, diferencial, Duplicador Ormig, máqs. de contabi-
lidade Bourroughs, e DIVERSOS DE IMPOSSIVEL DISCRIMINAÇÃO:

EM EXPOSIÇÃO diariamente no local das 9 às 12 e das 13 às 17 horas.

Em distribuição gratuita as listas do material a leiloar.

TRATA E PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES A

SOC. DE LEILÕES

AV. DUQUE DE LOULA, N.º 1

Telef. P. P. C. (9 Linhas)

532929 - 51478 - 532446

AFRA FILHOS, LDA.

**Comunicado do S. I. P.
das Forças Armadas**

O Serviço de Informação
Pública das Forças Armadas
comunica que faleceu, em
combate, na província de An-
gola, o fuzileiro miliciano n.º
07100664, Adelino Fernando
de Castro, filho de Domingos
Castro e de Ana Emília Re-
bello, natural de Guimarães.

PARDILHO



**Maria Luísa Valente
de Almeida**

FALECEU

Seus filhos, genros, netos, bis-
netos e toda a família. Participa
o seu falecimento e que o seu
funeral se realiza amanhã para
o cemitério local.



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

João Simões Pereira, Maria
Lina Mendes Simões Pereira,
João Abílio Mendes Simões Pe-
reira mulher e filhos, seus ir-
mãos, cunhados, sobrinhos e
toda a família, cumprem o dolo-
roso dever de participar o fale-
cimento da sua muito querida
mulher, mãe, sogra, avó, irmã,
cunhada, tia e parente e que o
seu funeral se realiza amanhã,
pelas 10 horas, da Igreja de S.
João de Deus (Capela A), para
jazigo de família no cemitério
do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.

Av.º Almirante Reis, 129

Telef. 51586

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA ES-
TAÇÃO DE SERVIÇO MONU-
MENTAL DA ROTUNDA DA
ENCARNAÇÃO, cumprem o
doloroso dever de participar o
falecimento da esposa do sócio
gerente da firma Sr. João Simões
Pereira, e que o seu funeral se
realiza amanhã, pelas 10 horas,
da Igreja de S. João de Deus,
(Capela A), para jazigo de famí-
lia no cemitério do Alto de S.
João.

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA
GRANDE GARAGEM LISBOA-
PARQUE, cumprem o dolo-
roso dever de participar o fa-
lecimento da esposa do sócio
gerente da firma Sr. João Simões Pe-
reira, e que o seu funeral se realiza
amanhã, pelas 10 horas, da Igre-
ja de S. João de Deus (Capela
A), para jazigo de família no
cemitério do Alto de S. João.

ANTÓNIO CASANOVA

Na Casa de Repouso dos
Inválidos do Comércio, pro-
cede-se, no domingo, às 11
horas, ao descorrimento de
um medalhão-retrato de An-
tónio Casanova, sócio funda-
dor e figura de grande vulto
na vida daquela prestimosa
instituição.



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

AUTO MONUMENTAL DO
AREIRO, LDA., cumpre o do-
loroso dever de participar o fa-
lecimento da esposa do sócio
gerente Sr. João Simões Pe-
reira e que o seu funeral se rea-
liza amanhã, pelas 10 horas, da
Igreja de S. João de Deus (Ca-
pela A), para jazigo de família,
no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA AU-
TO MONUMENTAL DO
AREIRO, LDA., cumprem o
doloroso dever de participar o
falecimento da esposa do sócio
gerente Sr. João Simões Pe-
reira, e que o seu funeral se
realiza amanhã, pelas 10
horas, da Igreja de S. João
de Deus (Capela A), para jazigo
de família no cemitério do Alto
de S. João.



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

GRANDE GARAGEM LIS-
BOA-PARQUE, cumpre o do-
loroso dever de participar o fa-
lecimento da esposa do sócio
gerente Sr. João Simões Pe-
reira, e que o seu funeral se
realiza amanhã, pelas 10 horas,
da Igreja de S. João de Deus
(Capela A), para jazigo de fa-
mília no cemitério do Alto de
S. João.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

suficiente para ser levanta-
do auto.

De maneira que hoje não
há crítica. Sejam os parali-
cos todos, como o Ironside.

Montem todos nas nossas
cadeirinhas de rodas e vamos
jogar uma partidinha de bi-
lihar. Já aviso: só jogo a
500 dólares e tomei lições com
o Howard. Pois...

M. C.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

ESTAÇÃO DE SERVIÇO CI-
DADE NOVA, cumpre o dolo-
roso dever de participar o fa-
lecimento da esposa do sócio
gerente Sr. João Simões Pe-
reira e que o seu funeral se realiza
amanhã, pelas 10 horas, da Igre-
ja de S. João de Deus (Capela
A), para jazigo de família no
cemitério do Alto de S. João.



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

GARAGEM SIMÕES PERE-
IRA, LDA., cumpre o doloroso
dever de participar o falecimento
da esposa do sócio gerente da
firma Sr. João Simões Pereira, e
que o seu funeral se realiza
amanhã, pelas 10 horas da Igre-
ja de S. João de Deus (Capela
A), para jazigo de família, no
cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA ES-
TAÇÃO DE SERVIÇO CIDA-
DE NOVA, cumprem o doloroso
dever de participar o falecimento
da esposa do sócio gerente da
firma Sr. João Simões Pereira, e
que o seu funeral se realiza
amanhã, pelas 10 horas, da
Igreja de S. João de Deus (Ca-
pela A), para jazigo de família
no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA GA-
RAGEM SIMÕES PEREIRA,
LDA., cumprem o doloroso de-
ver de participar o falecimento
da esposa do sócio gerente da
firma Sr. João Simões Pereira,
e que o seu funeral se realiza
amanhã, pelas 10 horas, da
Igreja de S. João de Deus (Ca-
pela A), para jazigo de família
no cemitério do Alto de S. João.



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

AUTO NEW-YORK, cumpre
o doloroso dever de participar
o falecimento da esposa do só-
cio gerente Sr. João Simões
Pereira e que o seu funeral se
realiza amanhã, pelas 10 horas,
da Igreja de S. João de Deus
(Capela A), para jazigo de fa-
mília no cemitério do Alto de
S. João.



D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

J. J. PEREIRA & AMARAL,
cumprem o doloroso dever de
participar o falecimento da es-
posa do sócio gerente da firma
Sr. João Simões Pereira, e que
o seu funeral se realiza amanhã,
pelas 10 horas da Igreja de S.
João de Deus (Capela A), para
jazigo de família no cemitério
do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA AU-
TO NEW-YORK, cumprem o
doloroso dever de participar o
falecimento da esposa do sócio
gerente Sr. João Simões Pe-
reira, e que o seu funeral se
realiza amanhã, pelas 10
horas, da Igreja de S. João
de Deus (Capela A), para ja-
zigo de família no cemitério do
Alto de S. João.

D. Argentina Mendes

Simões Pereira

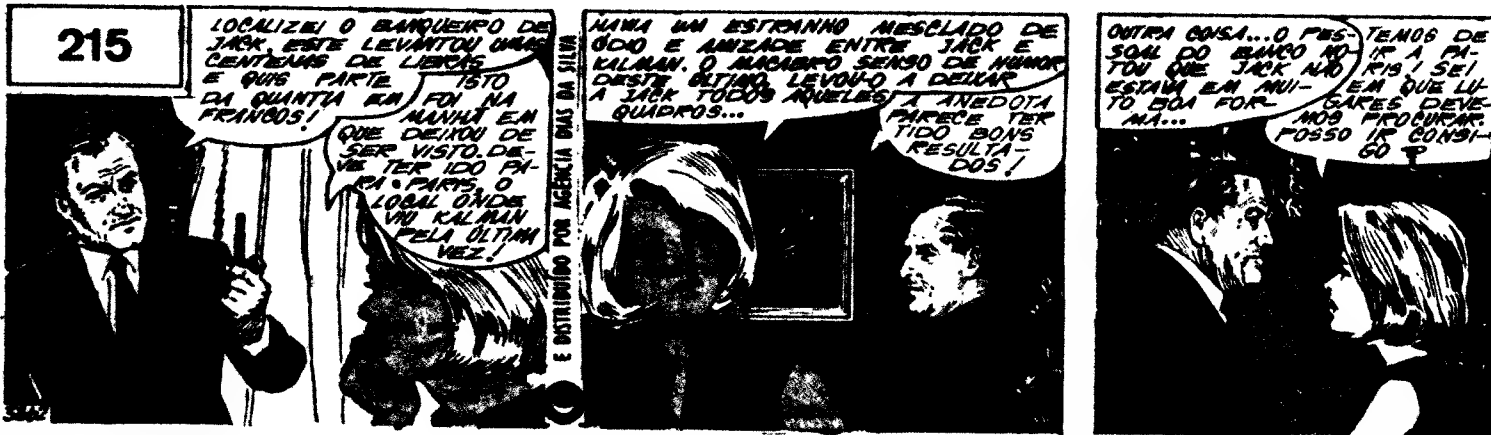
FALECEU

OS EMPREGADOS DE J. J.
PEREIRA & AMARAL, cum-
prem o doloroso dever de par-
ticipar o falecimento da esposa
do sócio gerente da firma Sr.
João Simões Pereira, e que o
seu funeral se realiza amanhã,
pelas 10 horas da Igreja de S.
João de Deus (Capela A), para
jazigo de família no cemitério
do Alto de S. João.

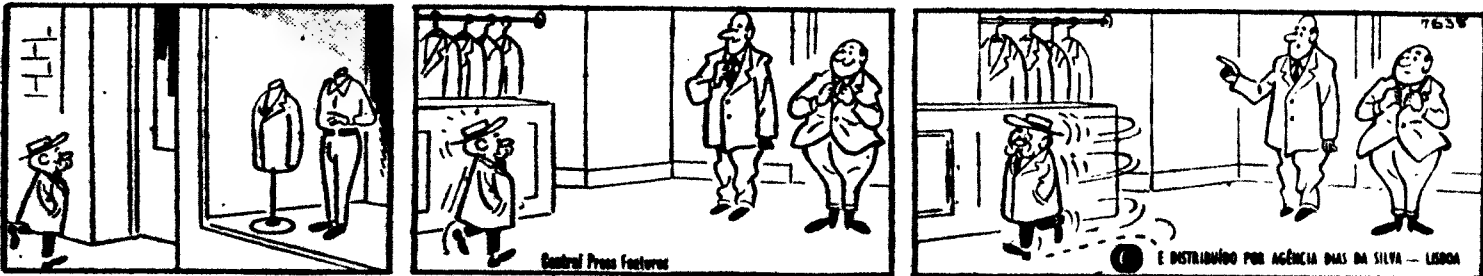
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



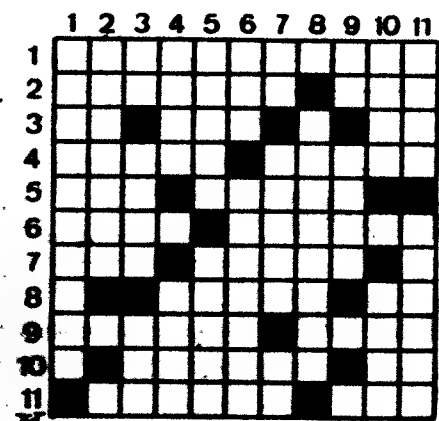
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5184

HORIZONTAIS: 1 — Linguista francês, que desenvolveu no seu país o estudo das línguas românicas. 2 — Império da África oriental, que já se chamou Terra do Preste João. 3 — Senhor (abrev.). 4 — Viscera. A. H. 4 — Restar. Ergam. 5 — Ora. Dava atenção. 6 — Incapaz. Nome dado, na idade média, ao trovador profissional, isto é, que aceitava paga pelas suas composições. 7 — Preposição. 8 — Faltoso. Idem (abrev.). 9 — Inei com grande rapidez. Qualquer. 10 — Atado. Pontences. 11 — Cátebre. Alguma.

VERTICAIS: 1 — Trava as forpas. 2 — Imputa. 3 — Zomba. Tampar. Flanca. 4 — Habita. Estavam. 5 — Região da antiga Grécia, ao sul da Macedônia, onde estava o célebre oráculo de Dodona. Cústo. 6 — Consentimento. Empregadas. 7 — Aito. 8 — Engenho. Compaixão. 8 — Óxido natural de ferro. 9 — A tua pessoa. Quando. 10 — Ser. O mesmo. 11 — Ritham. Lamacento.



Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo pensamento, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5183

HORIZONTAIS: 1 — O. SILENCIO. 2 — Raia. Fortun. 3 — Aie. Dê. Ia. 4 — Parei. Fô. 5 — Rol. Afar. Ri. 6 — Oba. 7 — Diana. A. Oca. 8 — Alar. Tesas. 9 — VIRTUDE. Cui. 10 — Adlunas. 11 — Mica. Aco.

VERTICAIS: 1 — Ora. Rodavam. 2 — Aipo. Mui. 3 — Sest. Afo. 4 — Ia. Inhas. 5 — Dea. Arim. 6 — Efeito. DOS. 7 — No. Abates. 8 — Eclara. 9 — Ita. Ocas. 10 — Ou. BRACOS. 11 — Med. Ailo.

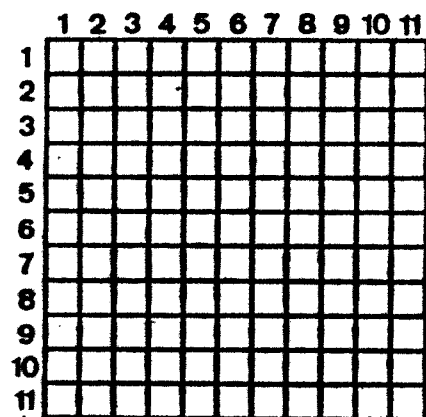
(Provérbio: O SILENCIO É A VIRTUDE DOS FRACOS.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9027

HORIZONTAIS: 1 — Porto e cidade de França. Ponto acima a. 2 — Fechas as asas para descer mais depressa. Grupo de três. 3 — Cidade dos Estados Unidos. 4 — Antes de Cristo. Estacionam. Cento e cinco. 5 — Predestinar. Campo de cereais. 6 — Cólere. Preposição. 7 — Tormen-toso. Prendera com as eles. 8 — Abonara. 9 — Nascente. 10 — Artigo definido. Transferi para outro dia. Viração. 11 — Da Péria. Osso do braço.

VERTICAIS: 1 — Espécie de palmeira, que fornece fibras muito sólidas. Cidade de França. 2 — Missiva. Catedral. Campeão. 9 — Caminho. Língua da serpente. 4 — Rapa. Entonteces. 5 — Convir. Inseto díptero, espécie de mosca. 6 — Sufixo que designa estado. General de Napoleão. 7 — Na parte posterior. O mesmo que gtenense. 8 — Transgressão de um preceito legal. Língua dos Romanos na antiguidade. 9 — Camareira. Afie. 10 — Pedro de moinho. Acreditara. Viração. 11 — Avarenta. Vantagem.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9026

HORIZONTAIS: 1 — Japão. Presa. 2 — Atuar. Aurir. 3 — Reima. Lamas. 4 — Ros. Ar. 5 — Ar. As. 6 — Arta. Anos. 7 — Aumenta. 8 — Anima. Tasca. 9 — Ria. Rea. las. 10 — Maie. Aças. 11 — Ossas. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Jerra. Cerna. 2 — Ateara. Mias. 3 — Pua. Roais. 4 — Am. Alum. Ao. 5 — Ocas. Amor. 6 — Em. 7 — Pala. Arta. 8 — Rua. Unia. An. 9 — Emma. Oásico. 10 — Sioras. Coss. 11 — Ania. Casa.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Maio de 1939 publicava:

«BERLIN, 22 — A cerimónia solene da assinatura da aliança política e militar entre a Alemanha e a Itália realizou-se na grande sala de recepção da Chancelaria do Reich.

«No centro da sala foi colocada uma grande mesa sobre a qual se viam duas pastas vermelhas que continham exemplares do pacto, um em alemão, outro em italiano. Em toda a sala se viam tapeçarias. Havia apenas três cadeiras.»

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

UM FOLHETO
DA C. P.
SOBRE CIRCUITOS
TURISTICOS

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde conata, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, horários e excursões nos outros países. Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

com *Candy*
é só deitar
o detergente...



ligar e...



...agora vá tratar
da sua casa e
da sua família!

SA 45^E

1 máquina de lavar superautomática
maravilhosamente simples

o detergente recomendado

8 programas - pré-lavagem, lavagem e centrifugação incorporadas

CANDY a máquina de lavar criada pelo homem para criada da mulher.

ERROS EVITÁVEIS

Errar é próprio dos homens e verifica-se que são profundamente humanos muitos dirigentes do desporto. Claro que sempre haverá erros, desportivos e outros. Mas alguns francamente, eram evitáveis e podia-se muito bem, com um pouco de cuidado e atenção, impedir situações de melindre e desagrado.

Em poucos dias tivemos agora mais dois «casos», ambos nascidos do descuido de quem dirige.

Aconteceu que a Federação Portuguesa de Futebol (que, coitado, tem andado muito na berlinda...) marcou para Setembro a final do campeonato da terceira divisão, entre o Farense e o U. Lamas.

Os farenenses marcaram hotel em Setúbal, organizaram excursões, trataram de tudo — mas eis que surge um protesto dos nortenhos, pelo simples facto de que Faro fica muito mais perto da cidade de Braga.

Vai daí a Federação considerou importante esta pormenor geográfico e transferiu a partida para Lisboa. Perfeitamente aceitável. Pergunta-se, no entanto: era necessário vir o Lamas

ensinar geografia à Federação?

Outro exemplo de erros evitáveis tivemos-o agora no ciclismo. Terminou o «Prémio Laranjeira» e foi dado como vencedor o sportinguista Vítor Rocha. Camisola amarela, flores, tudo. Dois dias depois, no entanto, vem a Associação esclarecer que se tratava de lapso, devido ao facto de faltar ao júri, quando fez as contas, a classificação de uma etapa anterior. E vendo bem as coisas, quem ganhou foi Vítor Tenazinha, também do Sporting. (Sorte que se tratasse de dois corredores do mesmo clube, pois só isto terá evitado uma tempestadezinha...). Pergunta-se: não deveria o júri ter à mão todos os documentos necessários à elaboração da classificação final? E se os não tinha por que se atreveu a anunciar o vencedor?

É sempre delicada a missão dos que dirigem e dos que têm de decidir. Indispensável se torna que não sejam eles a avolumar, com erros evitáveis, a agitação de que volta e meia enferma o arraijal desportivo. Acontece... mas faça-se o possível por que aconteça — o menos possível.

M. Z.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Calado orienta a selecção de «Esperanças»

«Esperanças» a treinar para o jogo no Funchal

Em estágio e em preparação a selecção nacional de «esperanças» que, na tarde de quarta-feira, no Estádio dos Barreiros, no Funchal, receberá a Inglaterra.

Ontem efectuou-se no Estádio Nacional um treino de conjunto, que decorreu com agrado e interesse, tendo a selecção marcado cinco golos e a equipa treinadora dois.

O seleccionador ainda não se decidiu quanto à definitiva constituição da equipa acreditando-se, porém, que não deve andar longe da seguinte: Damas; Barros (Carlos), Cidó, Humberto Coelho e

Murça; Pavão e Toni (Nené); Camolas (Chico), Nelson, Petita e Diamantino (Noémio).

Na segunda-feira os jogadores que regressam aos seus clubes para tomarem parte na Taça «Ribeiro dos Reis» voltarão para estágio, seguindo, ao fim da tarde, de avião para a Madeira.

A «TAÇA DAS TAÇAS» PARA O SLOVAN

BASILEIA, 22. — O Slovan de Bratislava (que eliminara, entre outros, os portugueses do F. C. Porto) foi o vencedor da «Taça Europeia dos Vencedores de Taças», vencendo na final o F. C. Barcelona por 3-2, com 2-1 ao intervalo.

Os espanhóis podem lamentar-se da má actuação da sua defesa, que facilitou a vitória dos checos. Estes impuseram-se pela sua capacidade física e pela categoria do seu sector defensivo, mas os catalães praticaram, durante largo período da primeira parte e no início da segunda, um futebol superior.

Árbitro: Laurens Val Ravens (holandês).

SLOVAN — Vencel; Filo, Hrivnak, Horvath e Zlocha; Josef, Capkovic e Hrdlicka; Cveter, Moder e Capkovic II.

BARCELONA — Sadurni; Franch, Olivella, Rife e Silvestre; Pellicer e Zabala; Zaldua, Castro, Fusté e Reraoh.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Castigos pesados para dois árbitros

A Comissão Central de Árbitros analisou em profundidade e pormenorizadamente alguns casos recentes.

Mais relevantes os de Salvador Garcia, a propósito de declarações feitas contra a própria C. C. A. e de Manuel Fortunato pelo modo como dirigira, sob o ponto de vista disciplinar, o ultimo Benfica-F. C. Porto.

Depois de serem observados em pormenor todos os pontos, a C. C. A. resolveu suspender Salvador Garcia,

BRIDGE, EM OFIR Portugal-Espanha e Torneio Luso-Espanhol

A Federação Portuguesa de Bridge, através do Centro Regional do Norte e com o patrocínio da Direcção-Geral de Turismo, promove de amanhã a domingo duas importantes competições de bridge:

O II Portugal-Espanha (2.ª Taça Ibérica) e o Torneio Luso-Espanhol, aquela prova por intermédio de seleções nacionais e esta a todos os interessados dos dois países ibéricos.

A equipa portuguesa, capitaneada pelo sr. eng. Rui Pinto, será composta pelos srs. dr. Francisco Calheiros dr. João Moura, dr. João Nunes Cruz, dr. Jorge Monteiro dos Santos, eng. Rui Silva e sr. Rui Moraes Sarmiento. Na representação espanhola os mais conhecidos são os internacionais Muñoz, Högore e Puigdorria.

A equipa feminina portuguesa para formar os pares

mistos, será composta pelas srs.ª D. Maria Antónia Paulo de Barros, D. Maria Helena Dias da Cunha, D. Maria Nobre da Costa, D. Maria de Lurdes Brion e D. Eugénia Bivar.

Na prova luso-espanhola deverão participar bridgeistas vindos de Madrid, Barcelona e Galiza. Também do centro do nosso País deverão aderir à iniciativa alguns praticantes, nomeadamente do distrito de Coimbra.

Ambos os torneios decorrerão no Hotel do Pinhal, em Ofir, realizando-se nas noites de amanhã e sábado o Portugal-Espanha e nas tardes de sábado e domingo o torneio luso-espanhol. Na 6.ª-feira, amanhã, pelas 20 horas, naquele hotel haverá um «cocktail» dedicado aos participantes e no domingo à noite realizar-se-á um jantar de gala com distribuição de prémios e atracções, devendo estar presentes algumas individualidades do conselho de Braga.



Animado sprint ontem, em Alvalade

CICLISMO

Benfica: mais vitórias na pista de Alvalade

Organizado pela Associação do Sul realizou-se, ontem à

noite, no Estádio Alvalade, um festival de ciclismo em pista.

Os resultados verificados foram os seguintes:

20 voltas para «populares» — 1.º, António Beirão (Benfica), 13 m. 42 s.

Perseguição 4 americana para amadores — 1.º, Benfica (Fernando Vieira e João Pinhal), 2 m. 58 s.

Crítério de 25 voltas para profissionais — 1.º, Fernando Mendes (Benfica), 28 pontos.

Eliminação para amadores — 1.º, Manuel Lopes (Sporting).

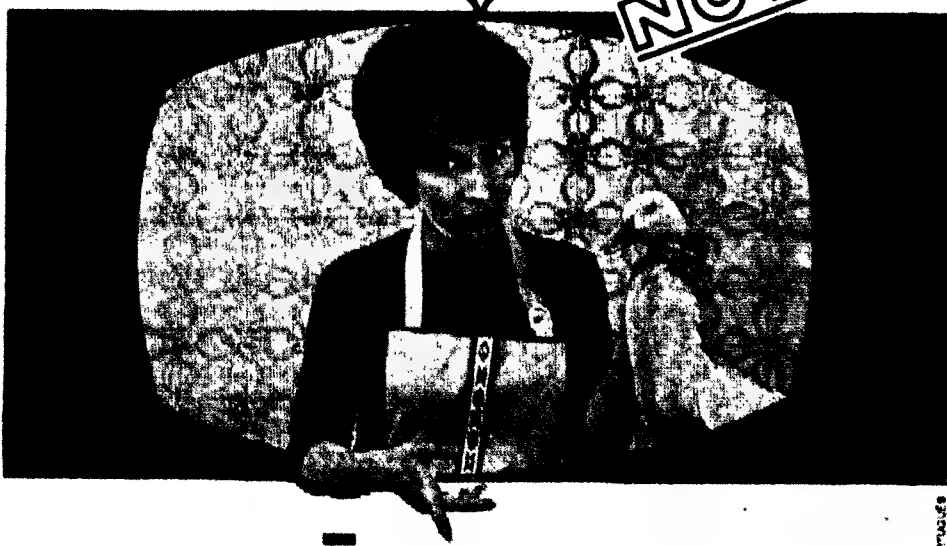
Uma hora 4 americana para profissionais — 1.º, equipa do Benfica (Manuel da Costa e Manuel Luís), 97 voltas.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Lapa, Matadouro, Paz, Avenida da Boavista, Camões, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Santa Clara, Campolide, Praça da República, Rua de Anjos e partir das 19 e 20 e na Tabacaria do Bonifácio, perto do Aeroporto em Póvoa do Varzim, a partir das 20 horas.

troque o seu fogão "modesto" pelo

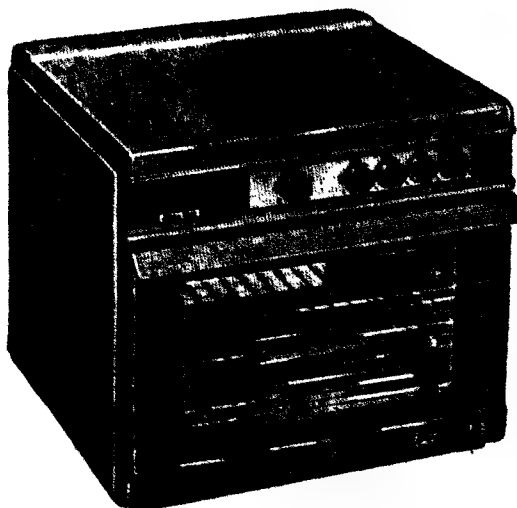
NOVO



inox Presmalt

Minha Senhora:

A Presmalt acaba de lançar no mercado a última maravilha para cozinhas modernas: Um fogão em aço inoxidável, com vidro na porta do forno, que é o primeiro do tipo a ser vendido em Portugal. Mais ainda, a Presmalt valoriza, ao acto de compra, o seu fogão antigo. Dirija-se hoje mesmo a um dos estabelecimentos abaixo representados. Ou a sua cozinha um presente sensacional: Inox-Presmalt.



UMA BELEZA PARA OLHAR... E COZINHAR!

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AGORA É QUE VAI SER BOM...

BALIZAS MAIORES NO HÓQUEI EM PATINS

• Um avançado (LIVRAMENTO) e um guarda-redes (VÍTOR DOMINGOS) apreciam a inovação

Em Lausanne, tentou dar-se um passo em frente, no sentido de recondicionar o hóquei em patins a antigo esplendor e projecção, especialmente no que respeita ao caso português. Tanto assim que o Congresso Internacional foi presente a uma proposta, pensada e redigida pela nossa Federação.

Partiu-se do princípio de que o público se adivortiu em grande parte da modalidade porque ela perdeu espectáculo e emoção. Muito certo, em determinados aspectos. Assim, pensou-se em fazer determinadas alterações a fim de elas restituírem ao jogo velocidade, espontaneidade e o atractivo de jogo — que é sempre grande.

Ora bem: era a seguinte a proposta portuguesa:

1 — Aumentar as balizas de 1,05 x 0,92 m. para 1,55 x 1,05.

2 — Nenhum jogador poder prender a bola no seu meio ringue mais de 15 segundos.

3 — Proibição de passar a bola para trás no próprio meio campo.

4 — Reduzir o tempo de jogo para 15 minutos cada parte.

Depois de discussão e co-

mentários, foi resolvido aprovar, sómente, a alteração das dimensões das balizas, o que, na nossa opinião, sem ser acompanhado pelas outras importantes modificações dá a ideia de não vir resolver o problema...

Críticos que têm de se acatar mas, francamente, não se compreendem muito bem...

Interessa-nos, porém, é saber o que alguns jogadores pensam do caso.

E foi por isso mesmo que escutámos, para já, as opiniões de Vítor Domingos, guarda-redes da selecção nacional, e de Livramento, outro famoso internacional.

O ponto de vista de Vítor Domingos é o seguinte:

— Francamente não penso que o aumento das balizas venha resolver o problema. O que eu acho, isso sim, é que se deveria modificar a lei no que respeita ao penalty para obrigar os elementos das defesas a jogarem fora da área e a abrirem o jogo. Assim, fecham-se, defendem-se, dão pontapés na bola e, como não há falta, lá vão evitando os golos. Além disso, um grande aumento de tamanho vai modificar o modo de jogar dos guarda-redes. Quando é que eu, que jogo há 18 anos de uma maneira, estarei adaptado? Creio, sinceramente, que a modificação da lei da grande penalidade é que restituiria ao hóquei muito do que lhe falta agora.

Curiosamente, Livramento opina pelo mesmo diagnóstico:

— A diferença de tamanho é tão pequena que pouco irá alterar o actual panorama do jogo. A alteração de medidas não irá oferecer a quantidade de golos em que se pensa. O que se devia fazer, isso sim, era alterar a lei do penalty para obrigar as defesas a jogarem fora da área, pois agora andam lá dentro perfeitamente impunes. Por isso é que não há mais golos...

C. Ourique e Parede — «guia» no Torneio de Abertura

No pavilhão dos Salesianos disputaram-se, ontem à noite, os três encontros referentes à segunda jornada da fase final do Torneio de Abertura de Hóquei em Patins, organizado pela Associação de Patinagem de Lisboa.

Os resultados:

C.U.F., 2-C.A.C.O., 5
Oeiras, 4-Sintra, 7

Parede, 4-Belenenses, 2

Este desafio foi dado por concluído pelo árbitro quatro minutos antes do tempo regulamentar, por terem sido expulsos três dos cinco jogadores dos casulos.

A classificação ficou assim estabelecida: 1.º, C. Ourique, 2 vitórias (10-3), 6 pontos; 2.º, Parede, 2 v. (6-3), 6; 3.º, Sintra, 1 v. 1 d. (8-6), 4; 4.º, Belenenses, 1 v. 1 d. (6-6), 4; 5.º, C.U.F., 2 d. (4-9), 2; 6.º, Oeiras, 2 d. (6-12), 2.

A «TAÇA» ESTÁ A ANIMAR

A EQUIPA DO BENFICA ENTROU HOJE EM ESTÁGIO

Já hoje podemos fornecer sobre o aliciante acontecimento algumas informações.

Assim: o jogo do Restelo, não começa, como os outros, às 16 horas; começa às 17 e 30.

Na equipa do Belenenses — o encontro da primeira mão disputa-se no Estádio do Restelo — não deverá haver alterações, em relação aos últimos desafios efectuados. Apenas subsiste uma dúvida: Saporiti. Queixa-se de um pé. Deverá alinhar (tem experimentado sensíveis melhoras) mas, se não lhe for possível recuperar, será substituído por Lua.

Ainda não está resolvido, mas tudo indica que os belenenses entrarão em estágio em Carcavelos, a partir de amanhã.

Os benfiquistas entram hoje em estágio

A equipa do Benfica entra hoje, em Oeiras, em es-

tágio. Concentrados os seguintes jogadores: José Henriques, Nascimento, Adolfo, Humberto Coelho, Zeca, Raul, Jacinto, Malta da Silva, Toni, Jaime Graça, Coluna, Praia, José Augusto, Torres, Eusébio e Simões.

Os benfiquistas deverão apresentar a mesma equipa que em Luanda eliminou a do A. S. A.

Estágio para os «leões»

O Sporting, no jogo da primeira mão, vai defrontar o União de Tomar. Os «leões» têm umas «contas» a ajustar com os tomarense. Para o «Nacional», derrota em Tomar e empate em Alvalade. Conseguirão desforrar-se?

Tudo parece indicar que sim, porque, ao passo que os «leões» parecem ter crescido, neste final de época, o inverso parece registar-se entre os unionistas...

Mas, há sempre surpresas.

e o Sporting tem sido pródigo em fornecê-las...

Sabe-se que, no seu estádio, os sportinguistas entrarão em estágio amanhã.

«TAÇA DAS FEIRAS»

O Newcastle é finalista

NEWCASTLE, 22. — (R.)

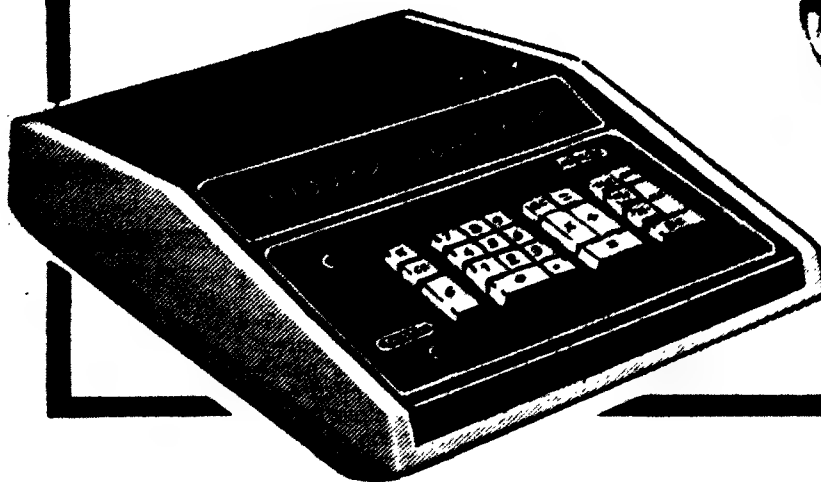
— O Newcastle United venceu a noite passada por 2-0 o Glasgow Rangers, após um desafio repleto de incidentes em que, após tumultos e desordens, «furiosos da bola» acabaram por invadir o campo. Flearam feridas 22 pessoas e a Polícia, com o auxílio de cães, viu-se em sérias dificuldades para limpar o campo após o árbitro ter terminado o desafio dez minutos antes do termo, depois da desordem generalizada que se seguiu ao registo do segundo gol do Newcastle.

O Newcastle defrontará agora o Dozsa, da Hungria.

SHARP

CALCULADORA ELECTRÔNICA CS-32A

Com a primeira calculadora japonesa que emprega circuitos integrados, SHARP toma a dianteira no mercado mundial. A CS-32A é uma calculadora electrónica para usos múltiplos, fácil de operar e adequada para o comércio em geral, indústria, engenharia, finanças e cálculos científicos



Representante exclusivo

SEMA ELECTRÔNICAS

RÁDIO MARÍTIMA

Lisboa — Av. 24 de Julho, 88-1.º — Telef. 67 62 18 / 67 42 85
Porto — R. Dr. Afonso Cordova, 17-21 — Matosinhos — Telef. 3 00 33

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Hungria-Cecoslováquia.	X
Espinho-Leça	1
Penafiel-Braga	X
Lamas-Peniche	1
A.Viscu-Tramagal	2
Valecamb.-T. Novas ...	X
Covilhã-B. Mar	2
Gouveia-Sanjoannense ...	X
Alhandra-Oriental	2
Leões-Atlético	2
Seixal-Montijo	X
Seixal-Luso	1
Portimon-Lusitano	1

Piscina aquecida do Aroeiro

Av. de Roma
Funciona todos os dias sem interrupção das 9 às 22.45 h
Tel. 72.67.94
Temperaturas: água 27º
Ambiente 26º

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Mes	Compra	Venda
Carreiros 1/4%	5405	5305	5415
Carreiros 1/2%	5405	5425	5445
Carreiros 3/4%	5205	5225	5245
Carreiros 1%	5205	5225	5245
Carreiros 1 1/4%	5205	5225	5245
Carreiros 1 1/2%	5205	5225	5245
Carreiros 1 3/4%	5205	5225	5245
Carreiros 2%	5205	5225	5245
Carreiros 2 1/4%	5205	5225	5245
Carreiros 2 1/2%	5205	5225	5245
Carreiros 2 3/4%	5205	5225	5245
Carreiros 3%	5205	5225	5245

OBRIGAÇÕES	Mes	Compra	Venda
Agua Electrica 5%	10305	10275	10335
Agua Electrica 6%	10305	10275	10335
Agua Electrica 7%	10305	10275	10335
Agua Electrica 8%	10305	10275	10335
Agua Electrica 9%	10305	10275	10335
Agua Electrica 10%	10305	10275	10335
Agua Electrica 11%	10305	10275	10335
Agua Electrica 12%	10305	10275	10335
Agua Electrica 13%	10305	10275	10335
Agua Electrica 14%	10305	10275	10335
Agua Electrica 15%	10305	10275	10335
Agua Electrica 16%	10305	10275	10335
Agua Electrica 17%	10305	10275	10335
Agua Electrica 18%	10305	10275	10335
Agua Electrica 19%	10305	10275	10335
Agua Electrica 20%	10305	10275	10335

ACCIONARIAS	Mes	Compra	Venda
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515
Agua Electrica	1.1495	1.1475	1.1515

ULTRAMARINAS	Mes	Compra	Venda
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275
Agua Electrica	1.5255	1.5235	1.5275

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Mes	Compra	Venda
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775
Agua Electrica	6755	6735	6775

INDICE BORGES & IRMAO	15/5/69	21/5/69	22/5/69
GERAL	118,6	120,6	121,1
METROPOLITANA	115,7	117,9	118,4
ULTRAMARINAS	139,8	140,6	141,1

3000 CONTOS DE PREJUÍZO

NUM INCÊNDIO QUE DESTRUÍU PARTE DE UMA FÁBRICA DA COVILHA

COVILHA, 22 — Um incêndio destruiu o 1.º andar de uma fábrica de lanifícios da Covilhã, cerca das 3 da manhã de hoje. Os prejuízos elevam-se a 3000 contos.

O fogo verificou-se na Fábrica de Lanifícios S. Domingos, de José Vicente, nas instalações da secção de fabricação, armazenagem de matérias-primas, fazendas, escritórios e arquivos.

A chegada dos Bombeiros Voluntários da Covilhã, comandados pelo ajudante de Tontónio Ribeiro, prontamente montaram 5 agulhas, das quais duas de 50, duas de 70 e uma de alta pressão. Durante cinco horas desmontou-se o combate às chamas. Os bombeiros conseguiram evitar que o fogo se propagasse ao resto do prédio, onde está instalada a secção de tecelagem, com 85 teares.

Só parte dos avultados prejuízos está coberta pelo seguro.

Actua na Azambuja a jovem (de 17 anos) que deseja ser matadora de toiros

AZAMBUJA, 22 — Ana Maria, a jovem de 17 anos, natural da Azambuja, que continua a desejar ser matadora de toiros, vai reaparecer no próximo dia 25, na praça de toiros da sua terra natal, por ocasião da Feira de Maio nesta vila, para tourear pela primeira vez, dois puros novilhos em pontas. A sua actuação integra-se num festival ali realizado em benefício dos Bombeiros Voluntários da Azambuja.

Do certaz constam ainda nomes dos cavaleiros amadores Sommer de Andrade e Carlos Empis, o aspirante a novilheiro Manuel Claudino e o grupo de forçados Amadores da Azambuja.

A técnica para ao serviço do turismo

Integrado no conjunto de empreendimentos turísticos que, com decisão e eficiência, está a converter o Algarve numa das estâncias de repouso e prazer mais agradáveis da Europa, encontra-se Vilamoura, entre Faro e Albufeira.

É já uma bela e grandiosa realidade, mas a sua completa realização ocorrerá, dentro em pouco, no empreendimento turístico de maior envergadura de toda a Europa.

Apaz registar que em tão vasta e complexa obra apenas se utiliza técnica portuguesa, tanto no projecto como na realização.

Dos projectos respeitantes ao conjunto já construído ocuparam-se duas organizações: a Lusotécnica, que concebeu e projectou as estruturas residenciais e as instalações especiais, e a Gefel, a qual coube toda a parte arquitectónica.

A magnífica realização constitui contribuição valiosa para o desenvolvimento das possibilidades turísticas nacionais e honra a técnica portuguesa no campo da urbanização e da construção civil.



GUILHERME SILVA FALECEU

A GELADARIA ROMA participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio e amigo cujo funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

PARDILHO



Maria Luísa Valente de Almeida FALECEU

MERCADO DOS VIDROS IDEAL, LDA., participa o falecimento da mãe e sogra dos sócios Maria Luísa Roque e João Rodrigues Roque e que o funeral se realiza amanhã para o cemitério local.

PARDILHO



Maria Luísa Valente de Almeida FALECEU

EMPREGADOS DO MERCADO DOS VIDROS IDEAL, L., participam o falecimento da mãe e sogra dos sócios da Firma e que o seu funeral se realiza amanhã para o cemitério local.

Jorge de Sousa Alves Afonso

(Funcionário do Pólo de Mafra)

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Seu filho e família participam que amanhã, dia 23, pelas 18.30 h., terá lugar missa na Igreja de Matias pelo seu eterno descanso.



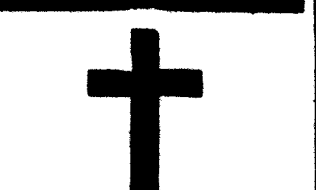
GUILHERME SILVA FALECEU

Os sócios da PASTELARIA BENARD, cumprem o doloroso dever de participar a todos os clientes e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.



GUILHERME SILVA FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA BENARD, participam a todos os clientes e pessoas de suas relações o falecimento do seu patrão e amigo, e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.



GUILHERME SILVA FALECEU

Os sócios da PASTELARIA MARQUES, cumprem o doloroso dever de participar a todos os clientes e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.



GUILHERME SILVA FALECEU

A firma MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LDA., participa a todos os clientes e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.



GUILHERME SILVA FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA MARQUES, participam a todos os clientes e pessoas de suas relações o falecimento do seu patrão e amigo, e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.



GUILHERME SILVA FALECEU

Os empregados da firma MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LDA., cumprem o doloroso dever de participar a todos os clientes e amigos, que por Deus foi servido chamar à Sua Divina Presença, o seu muito querido patrão e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.



GUILHERME SILVA FALECEU

A Direcção do Grupo Desportivo do pessoal da Firma MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LDA., cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus associados e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marques da Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A C. P. acaba de editar um folheto descritivo com o plano das «EXCURSÕES» a realizar no corrente ano, que poderá ser solicitado nas Secções de Informação de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — MADIGAN — Vox

VOX
(Adultos) Tel. 720008
HOJE às 21.45
NOITE DE ESTREIA
Fonda e Richard Widmark na dramática e violenta história de um detetive

MADIGAN
Technicolor — Techniscope
As 15.15 e 18.30 (Adultos)
JOGOS PERIGOSOS

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 330768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Um Western dos autênticos!
DEAN MARTIN, ROBERT MITCHUM e INGER STEVENS no filme de Henry Hathaway

O PREÇO DE 5 JOGADORES
Em complemento: APOLO 8 — Jornada à volta da Lua.

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 21.45
Uma história vivida com nervos de aço
2.ª SEMANA

UMA NOVA CARA NO INFERNO
com George Peppard — Comédia
Hannaford — Raymond Burr
Technicolor

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 927593
As 21.30 h.
Um grande filme de ação e suspense

O VALE DO MISTÉRIO
com Richard Egan e Julie Adams

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 618375
As 21.30
SERVIÇO SECRETO ITALIANO
com Nino Manfredi e Giorgia Molo

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 h.
A NOITE ESCALANTE DO INSPECTOR JOSS
AMOR CLANDESTINO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30 h.
O DIABO ATRAS DA PORTA
com Ingrid Thulin e Maurice Ronet

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326385
HOJE: 15.15 (p. r.) e às 21.30
EM 2.ª SEMANA
UM SENSACIONAL FILME DE MISTÉRIO, «SUSPENSE» E AÇÃO EXPLOSIVA

NADA DE ROSAS PARA O S. S. 117
com John Gavin e Margaret Lee (Technicolor)

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 4.ª SEMANA DE INCHENTEN
UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA

BONANÇA & C.
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariana e outros consagrados artistas

IMPERIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
OSCAR para o MELHOR FILME ESTRANGEIRO DO ANO!
As 15.15 e 21.30

O INCENDIO DE MOSCOVO — A VITÓRIA
3.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 m/m — Moscolor
Real. SERGEI BONDA RUHUK segundo a obra de LEO TOLSTOY

ESTUDIO
(M. 12 anos) Tel. 885134
As 15.30, 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
Technicolor — Techniscope

CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779885
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Emigrantes portugueses

O SALTO
com Marco Fies e Lúcia Milani
Realização de Christian de Chalonge

AVIS
(Adultos) Tel. 47363
As 21.45
Um tema que voltou este ano ao festival de Cannes para provocar polémica

OS CRIMES DE DILLINGER
com Mick Adams

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 88885
As 3 da tarde (p. rod.) e 9.30 da noite
6.ª SEMANA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em

A PISCINA
Um filme de Jacques Dreyer

CONDES
Isabel 22523-236718
As 15.15 e 21.15
10.ª SEMANA TRIUNFAL do filme mais desejado de sempre

E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable e Vivian Leigh
70 mm Technicolor

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 237173
As 15.15, 18.15 e 21.30
George Peppard e Jean Seberg em

PENDULO

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763888
As 15.45 e 21.45
A história de um detetive acusado de ter assassinado a mulher!

PENDULO
com George Peppard e Jean Seberg

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 337743
As 15.15, 18.30 e 21.45
Paul Newman e Sylvia Kassina numa comédia que vai dar que falar!

A «GUERRA» SECRETA DE HARRY FRIGG
Fotografia em Techniscope e Technicolor

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 685131
9.ª SEMANA
As 15 e 21.30
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 h.
O DOCE CORPO DE DEBORAH
DAVID E LISA

CHIFFON
(M. 17 anos) Tel. 338917
As 21.30
O DESCONHECIDO DESEJADO (Le Viol)
UM ITALIANO EM LONDRES

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 64159
As 15.15, 18.15 e 21.30
em 2.ª SEMANA
Uma comédia que tem dado que falar!

BOA NOITE SENHORA CAMPBELL
com Gina Lollobrigida e Telly Savalas

EUROPA
(Adultos) Tel. 461016
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Em continuação de ESTREIA

SHIRLEY MACLAINE em A FELICIDADE DA SR. BLOSSOM
Technicolor

HOMENAGEM AO DR. IVO CRUZ
O Conservatório de Música do Porto realizou, nesta cidade, um concerto de homenagem ao maestro e compositor dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional e fundador da Orquestra Filarmónica de Lisboa e da Pr. Arte.

Do programa, inteiramente constituído por obras do homenageado, foram intérpretes o director do Conservatório da capital do Norte, dr. José Delerue, e os professores Manuela Araújo, Hélia Soveral, Fernanda Wanderscheidt, Natália Clara, Alberto Gaio Lima e Fernando Jorge de Azevedo.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno B
AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro 17 (633288) • Bee Hens, R. dos Quartéis 25-27 (637777)
ALCANTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av. do Irmão, 18-A (712070) • Ideal, Av. Alameda Gago Coutinho, 49-A (712503) • Paris, R. Rainaldos Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710311)
AREIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (6 Av. S. João de Deus (724941) • Onilide, Av. João XXI, 13-A (726848) • Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710469)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B (junto à Av. S. João de Deus) (770776) • Cames, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) • Seguros, Av. Luís Bivar, 69-71 (472131) • Correte de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (77385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto à Fonte Monumental) (842152)
BAIRRO ALTO — Leber, R. Diário de Notícias, 81 (32428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Central, R. Forno do Têlo, 40 (84122)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zé, P. das Casas Novas, 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Remessa, Rua B 7, à R. Marques de Orléans, (383800)
BAIXA — Estádio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) • Morão, R. da Assunção, 17-9 (321289)
BENFICA — Benfite, Estrada de Benfite, 678-E (702532) • Seme, Est. de Benfite, 429-43 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Parfite, R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neotrap, a. Campo Grande, 138 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (680304) • Ivens, Lda, Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (78018)
CONDES DE REDONDO — Jaime José de Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342)
ESTEFANIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Felizes e Passento, R. de Santo António à Estrela 9-6-98 (665196) • Martins, Calçada do Estrela, 67 (660823)
GRACA — Arnell, R. das Beiras, 88-A (863940) • Meira, L. da Graça, 63 (860700)
INTERDEPENDENTE — Interdependente, R. Pina Mariz, 50 (47836)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
TRINDADE — As 21 e 30: «Bodas de Figaro» (12 anos).
CAPITOLIO — As 21 e 45: «Lords International» (12 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: Anatomia de uma história de erros (12 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45: e de 23: «Mãos de obra» (17 anos).
LAURA ALVES — As 20 e 45: e de 23: «Papeis» (17 anos).
VARIEDADES — As 21 e 45: «A rainha do ferro velho» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — As 22: «Dança da Morte» (17 anos).

CINEMAS
CINEARTE — As 21: «Os canhões de Navarone» (12 anos).
PARIS — As 21: «Eles com Elas» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21: «O prazer de matar» (12 anos).
OLIMPIA — As 19: «O misterioso dr. Lao» (12 anos).
ROYAL — As 21: «Hércules o Libertador» (12 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «O Morrinheiro» (17 anos).
IDEAL — As 21: «O magnífico estrangeiro» (12 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Klawa» (12 anos).

SPORT L. BENFICA — As 21 e 15: «O Justiciero» (17 anos).
UNIVERSAL — As 21: «A noite de perversos» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — As 21: «O bode que gerou amor» (17 anos).
JARDIM — As 21: «A presa humana» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «5 destemidos para Singapura» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «O ultimo comboio do Katanga» (17 anos).
BOMBEIROS VOL. LOURES — As 21 e 30: «A noiva estava de luto» (17 anos).

Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 30: «A estrada da vida» (12 anos) e ACADÉMIA — As 21 e 15: «Mulheres e recusas» (12 anos).
BARRIHO — GINÁSIO — As 21: «Os Nihos do Leopardo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «O homem do golpe perfeito» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 15: «Diabolika» (17 anos).

Linha de Cascais
OIRAS — OIRAS-CINE — As 21: «Uma mulher no Cimento» e «No Mundo da Moda» (17 anos).
PARIDE — ROYAL-CINE — As 21: «Jesse James contra a filha de Frankenstein» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e de 21 e 30: «O Diabo atrás da porta» (17 anos); CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «Tempestade na Fronteira» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Uma incógnita chamada Duffie» (17 anos).

Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Um império na selva» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 15: «A conquista de Bagdad» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Livro de 4.ª Feira» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Um idote em Paris» e «RMH em Paris» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Como ganhar um milhão» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Django antigo primeiro» (17 anos).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação em linha os comboios eléctricos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno B
LUMIAR — Alameda, Av. dos Lâmpas de Torres, 201-B (790942) • S. Tomás, Est. do Desporto, 12-C (790704).
MADRAGAÇA E SANTOS — Fentosa de Carvalhal, Rua de Santos-o-Velho, 12 (662073).
OLIVAIS — Mervila, R. Direita de Marvila, 25 (381612) • São Paulo, R. 2, Lote 828, à Estrada de Moscovide-Olivaissul (310711) • Higien, R. Cidade Vão Cabral, Rua B n.º 4, L. 43, Zona Poente (30026).
PEDROUCOS — Odeante, R. D. Jerónimo Odeira, J. P. M., 3 (610256).
PICHELEIRA — Merles, Cok da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395).
RATO — Soares, Av. Alvaros Cabral, 1 (684282).
REGO — Pretos e Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
RESTELO — Tenere, R. Rodrigo Rainel, 3-A (611814) (à encosta do Restelo próximo das Malinhas).
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320889).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439) • Martins, Lda, Rua Forno de Magalhães, 33 (849448).
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 2511234).

Linha de Cascais
ALGES — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 66 (Tel. 213953).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardino Ribeiro, -A (242839).
PACO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 182 (2432034).
OIRAS — Gândima, Rua Conde de Asse, 98 (2430090).
PAREDE — Gândima, Av. de República, 87-A (2471204).
ESTORIL — Lopes, R. Hangar, 3 (260008).
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261861).
CASCAIS — Maricérgia, R. Regimento, 19, 41 (280141).
Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caxias (282407).

Linha de Sintra
AMADORA — Melo, P. D. João, 95-156 • Central, Av. Conde de Lopo, 25 (932210) • Igreja, P. da Igreja, lote 2 (937740) • Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboteiro (938424).
DAMAIA — Confinança, Estrada Militar Lote D (Tel. 9710281).
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 30 (950043) • Queluz, Av. Miguel Bombarda, 128-A (95841).
LACEM — Central, R. Elias Garcia, 30 (2940084).

SERVÍCIOS URGENTES

Telefones
AGUA, GAS, ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 • Companhia das Gases 337011 • Gáselide 336821 • Gáselide de Idem 336821 • Gáselide de Idem 336821 • Gáselide de Idem 336821.
BOMBEIROS — Sapadores 22222 • Voluntários 335524.
POLÍCIA — G. M. R. — Serviço de emergência 15 • Segurança Pública 366141 • Judiciária 535380 • Marinha, 326454 • Internacional 362721 • Viagem • Transito 42205 • G. M. R. (área rural) 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 • Ent. magem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência 43738 • Hospital de Santa Maria 775171 • Hospital de S. José 860131 • Sangue, oxigénio, e soro, 771768 • 771169 • Transfusões, soro e oxigénio 538524 • Centro de Intoxicações (Informal), 767777 761176 • 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Camionagem de ferro (C. P.) 869025 • Camionagem de ferro (Estoril) 861121 • Estação Maritima de Alcantara, 668196 • Estação Maritima de Becho, 672445 • Estação fluvial (Bodem) 685531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
L. de Torres - Lander - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
PM 15 anos

RESTAURANTES
O MANEL
Tudo ao ar livre e famoso
LAMPREIA e ARROZ DE
FRANGO à MINUTA
LARGO DO NEGÓCIO, 2. 1.º
Tel. 3-9982
Freguesia de São

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 5 73 78
(frontera)
à Embaixada Americana
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA TO LYN
e o adobo arroz
CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALAO DE CHA NO POSTO SHELL EM AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Castell
Tel. 22 82 44
LOCAL APROPRIADO PARA
ALMOÇAR, TOMAR CHA

COZINHA ALENTEJANA
Serviços de almoços no jardim
Encerra às 2.ª-feiras
Av. do Aeroporto, 162
Tel. 72 70 71

QUINTA DE S. VICENTE RESTAURANTE
AOS SABADOS E DOMINGOS
Tel. 799211
Teléfono de Chica 104
JANTARES BANCAREIS e/ou conjunto privado

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renasçença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1303
Lisboa 2 — Portugal

PORTUGUÊS CONDENADO À MORTE (À REVELIA) NUM TRIBUNAL FRANCÊS

HAVRE, 22 — (F. P.) — Um cidadão português, António Gonçalves dos Santos de 36 anos, foi condenado à revelia à pena de morte pelo tribunal de Orne, acus-

sado de tentativa de assassinio com premeditação.

Esta sentença severa é um dos episódios de uma verdadeira «vendetta» que opõe há mais de 20 anos duas famílias portuguesas.

Em 1948, numa aldeia de Montalegre, um certo António Dias Teixeira foi mortalmente ferido à paulada por um conterrâneo, José Joaquim Gonçalves Laje. Este último foi preso, e cumpriu 12 anos de cadeia. Mas, logo que foi libertado, vários parentes do defunto ameaçaram-no de morte. Para escapar à vingança, passou clandestinamente para França e instalou-se em Godisson (Orne), com uma falsa identidade. Todavia, a sua noiva deu o endereço do fugitivo e um membro do clã, Teixeira Gonçalves dos Santos, foi encarregado de executar a «vendetta». Em 2 de Janeiro de 1950, o Gonçalves Laje foi atingido enquanto dormia, por duas balas de pistola. Por milagre, escapou à morte, mas recusou-se a revelar a identidade do agressor, que regressou a Portugal e só foi identificado dez meses mais tarde.

Do estrangeiro em poucas linhas

MIL MORTOS

NOVA DELHI, 22 — (F. P.) — O ciclone que devastou o Sueste da Índia fez um milhão de mortos e uma dezena de milhões de dólares de estragos.

Só no distrito de Guntur houve 270 mortos, segundo fonte oficial. Este distrito, rudemente atingido pela tempestade, é o mais fértil na cultura de arroz e de tabaco.

NOMEADO O SUCESSOR DE EARL WARREN

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — O presidente Richard Nixon nomeou o juiz Warren E. Burger, de 61 anos, do Tribunal Federal do Distrito de Columbia, para presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Sucede, assim, ao juiz Earl Warren, que se deve reformar no próximo mês, com a idade de 78 anos, depois de ter presidido ao Supremo Tribunal durante 16 anos.

A nomeação do juiz Burger, que é republicano, deve agora ser aprovada pelo Senado, cuja maioria é democrática.

A ROMÉNIA PARTICIPA NA REUNIÃO DE MOSCOW

VIENA, 22 — (A. N. I.) — A Roménia anuncia que se fará representar na conferência mundial comunista de alto nível, marcada pa-

«Combinação» sino-germânica denunciada em Moscovo

MOSCOW, 22 — (F. P.) — O «Estrela Vermelha» denuncia hoje a «combinação» sino-germânica e acusa a Alemanha Federal de contribuir activamente para o reforço do potencial militar da China, nomeadamente no domínio dos foguetes.

Des 326 milhões de marcos de mercadorias vendidas no ano passado pela R. F. A. à China, Índia e Japão, o Ministério da Defesa da U. R. S. S., mais de 70 por cento desta importância destinou-se a pagar armas ou material estratégico, nomeadamente 123 aviões e muitas voadeiras rápidas. O nível destas trocas aumenta constantemente e não se faz unicamente no nível de comerciantes locais.

des mas também através de comerciantes.

O jornal soviético acrescenta que desde 1946 numerosas especialistas da Alemanha Ocidental no fabrico de foguetes assinaram contratos de trabalho na China. Acrescenta que o Governo chinês lhes oferece condições de vida estupendas e lhes paga em divisas fortes e convertíveis.

AVIÃO ABATIDO

(Continuação da 1.ª página)

regressaram à base, disse o informador.

FILME SOVIÉTICO

PREMIADO

EM CANNES

CANNES, 22 — (F. P.) — Foi hoje atribuído no festival cinematográfico de Cannes o prémio da crítica internacional que coube ao filme soviético «Andrei Rublyov» do realizador Andrei Tarkovskii.

O filme que demora duas horas e 40 foi apresentado fora da competição. Desenvolve-se na Rússia da Idade Média, a vida de um pintor de ícones. «Excepcional qualidade de uma obra que celebra a grandeza da criação artística e põe em evidência as responsabilidades do artista», diz a declaração do júri.

ESTATUETAS

Em mármore ou em metal, com cerca de um metro, compram-se em bom estado. Resposta a este jornal ao n.º 276.

DUHAMEL APOIA POMPIDOU

PARIS, 22 — (F. P.) — Jacques Duhamel, presidente do grupo centrista na Assembleia Nacional, tomou hoje a decisão de apoiar a candidatura de Georges Pompidou, afastando-se assim dos seus amigos do centro que apoiam em grande parte a de Alain Poher.

Esta tomada de posição, resultante de semanas de reflexão, vai ser anunciada por Duhamel num debate público com Georges Pompidou, transmitido por uma estação particular.

Assim, paradoxalmente, a candidatura de um centrista à presidência da República abriu brechas no grupo parlamentar do centro, implicando também a divisão na «combinação centrista», confederação das formações políticas que seguem essa orientação.

MISSEIS ISRAELITAS

JERUSALEM, 22 — (A. N. I.) — As forças israelitas utilizaram pela primeira vez misséis «Hawks», de fabrico norte-americano, e estão satisfeitas com os resultados obtidos — declarou um informador militar de Israel.

ISRAEL DESMENTE

TEL-AVIV, 22 — (F. P.) — Não houve hoje qualquer combate aéreo entre forças israelitas e egípcias e nenhum avião israelita foi atingido, afirmou hoje um informador acerca de notícias vindas do Cairo segundo as quais teria sido abatido um avião israelita num combate aéreo travado hoje.

O informador acrescentou que os aviões israelitas não tentaram penetrar no espaço aéreo da R. A. U.

Desmentiu, por outro lado, as informações provenientes da Jordânia, afirmando que foram destruídos ontem dois aviões israelitas ao sul do Mar Morto. O informador indicou ainda que as forças israelitas não sofreram quaisquer perdas nos incidentes de ontem.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto e o vento era fraco ou moderado do quadrante Sul.

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS — Coimbra, 6°; Faro, 10°; Funchal, 8°; Lisboa, 6°; Penhas Douradas, 10°; Portalegre, 2°; Porto, 6°.

TEMPERATURAS MÁXIMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 26°; mínima: Penhas da Saúde, 5,4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na desembocadura: 8,5°; na água do mar: 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Sul; aguaceiros.

Amanhã
Manhã de 6 a 13
Céu de 20 a 48

Die 20 Die 21 Die 1 Die 15

MARES

PREIA-MAR: Die 22 — 8 a 02 (3,1 m); 20 a 30 (3,4 m); Die 23 — 9 a 1 m; 21 a 17 (3,3 m); Die 24 — 10 a 1,1 m; 22 a 20 (3,3 m); Die 25 — 11 a 1,2 m; 23 a 21 (3,3 m); Die 26 — 12 a 1,3 m; 24 a 22 (3,3 m); Die 27 — 13 a 1,4 m; 25 a 23 (3,3 m); Die 28 — 14 a 1,5 m; 26 a 24 (3,3 m); Die 29 — 15 a 1,6 m; 27 a 25 (3,3 m); Die 30 — 16 a 1,7 m; 28 a 26 (3,3 m); Die 31 — 17 a 1,8 m; 29 a 27 (3,3 m); Die 1 — 18 a 1,9 m; 30 a 28 (3,3 m); Die 2 — 19 a 2,0 m; 31 a 29 (3,3 m); Die 3 — 20 a 2,1 m; 1 a 30 (3,3 m); Die 4 — 21 a 2,2 m; 2 a 31 (3,3 m); Die 5 — 22 a 2,3 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 2,4 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 2,5 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 2,6 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 2,7 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 2,8 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 2,9 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 3,0 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 3,1 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 3,2 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 3,3 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 3,4 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 3,5 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 3,6 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 3,7 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 3,8 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 3,9 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 4,0 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 4,1 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 4,2 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 4,3 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 4,4 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 4,5 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 4,6 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 4,7 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 4,8 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 4,9 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 5,0 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 5,1 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 5,2 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 5,3 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 5,4 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 5,5 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 5,6 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 5,7 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 5,8 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 5,9 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 6,0 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 6,1 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 6,2 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 6,3 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 6,4 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 6,5 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 6,6 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 6,7 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 6,8 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 6,9 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 7,0 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 7,1 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 7,2 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 7,3 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 7,4 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 7,5 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 7,6 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 7,7 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 7,8 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 7,9 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 8,0 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 8,1 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 8,2 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 8,3 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 8,4 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 8,5 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 8,6 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 8,7 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 8,8 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 8,9 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 9,0 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 9,1 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 9,2 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 9,3 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 9,4 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 9,5 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 9,6 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 9,7 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 9,8 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 9,9 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 10,0 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 10,1 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 10,2 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 10,3 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 10,4 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 10,5 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 10,6 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 10,7 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 10,8 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 10,9 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 11,0 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 11,1 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 11,2 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 11,3 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 11,4 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 11,5 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 11,6 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 11,7 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 11,8 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 11,9 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 12,0 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 12,1 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 12,2 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 12,3 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 12,4 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 12,5 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 12,6 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 12,7 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 12,8 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 12,9 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 13,0 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 13,1 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 13,2 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 13,3 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 13,4 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 13,5 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 13,6 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 13,7 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 13,8 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 13,9 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 14,0 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 14,1 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 14,2 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 14,3 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 14,4 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 14,5 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 14,6 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 14,7 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 14,8 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 14,9 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 15,0 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 15,1 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 15,2 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 15,3 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 15,4 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 15,5 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 15,6 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 15,7 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 15,8 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 15,9 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 16,0 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 16,1 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 16,2 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 16,3 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 16,4 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 16,5 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 16,6 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 16,7 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 16,8 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 16,9 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 17,0 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 17,1 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 17,2 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 17,3 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 17,4 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 17,5 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 17,6 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 17,7 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 17,8 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 17,9 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 18,0 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 18,1 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 18,2 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 18,3 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 18,4 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 18,5 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 18,6 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 18,7 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 18,8 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 18,9 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 19,0 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 19,1 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 19,2 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 19,3 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 19,4 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 19,5 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 19,6 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 19,7 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 19,8 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 19,9 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 20,0 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 20,1 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 20,2 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 20,3 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 20,4 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 20,5 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 20,6 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 20,7 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 20,8 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 20,9 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 21,0 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 21,1 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 21,2 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 21,3 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 21,4 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 21,5 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 21,6 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 21,7 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 21,8 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 21,9 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 22,0 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 22,1 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 22,2 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 22,3 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 22,4 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 22,5 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 22,6 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 22,7 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 22,8 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 22,9 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 23,0 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 23,1 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 23,2 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 23,3 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 23,4 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 23,5 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 23,6 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 23,7 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 23,8 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 23,9 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 24,0 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 24,1 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 24,2 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 24,3 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 24,4 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 24,5 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 24,6 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 24,7 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 24,8 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 24,9 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 25,0 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 25,1 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 25,2 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 25,3 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 25,4 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 25,5 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 25,6 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 25,7 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 25,8 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 25,9 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 26,0 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 26,1 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 26,2 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 26,3 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 26,4 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 26,5 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 26,6 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 26,7 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 26,8 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 26,9 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 27,0 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 27,1 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 27,2 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 24 a 27,3 m; 5 a 3 a (3,3 m); Die 8 — 25 a 27,4 m; 6 a 4 a (3,3 m); Die 9 — 26 a 27,5 m; 7 a 5 a (3,3 m); Die 10 — 27 a 27,6 m; 8 a 6 a (3,3 m); Die 11 — 28 a 27,7 m; 9 a 7 a (3,3 m); Die 12 — 29 a 27,8 m; 10 a 8 a (3,3 m); Die 13 — 30 a 27,9 m; 11 a 9 a (3,3 m); Die 14 — 31 a 28,0 m; 12 a 10 a (3,3 m); Die 15 — 1 a 28,1 m; 13 a 11 a (3,3 m); Die 16 — 2 a 28,2 m; 14 a 12 a (3,3 m); Die 17 — 3 a 28,3 m; 15 a 13 a (3,3 m); Die 18 — 4 a 28,4 m; 16 a 14 a (3,3 m); Die 19 — 5 a 28,5 m; 17 a 15 a (3,3 m); Die 20 — 6 a 28,6 m; 18 a 16 a (3,3 m); Die 21 — 7 a 28,7 m; 19 a 17 a (3,3 m); Die 22 — 8 a 28,8 m; 20 a 18 a (3,3 m); Die 23 — 9 a 28,9 m; 21 a 19 a (3,3 m); Die 24 — 10 a 29,0 m; 22 a 20 a (3,3 m); Die 25 — 11 a 29,1 m; 23 a 21 a (3,3 m); Die 26 — 12 a 29,2 m; 24 a 22 a (3,3 m); Die 27 — 13 a 29,3 m; 25 a 23 a (3,3 m); Die 28 — 14 a 29,4 m; 26 a 24 a (3,3 m); Die 29 — 15 a 29,5 m; 27 a 25 a (3,3 m); Die 30 — 16 a 29,6 m; 28 a 26 a (3,3 m); Die 31 — 17 a 29,7 m; 29 a 27 a (3,3 m); Die 1 — 18 a 29,8 m; 30 a 28 a (3,3 m); Die 2 — 19 a 29,9 m; 31 a 29 a (3,3 m); Die 3 — 20 a 30,0 m; 1 a 30 a (3,3 m); Die 4 — 21 a 30,1 m; 2 a 31 a (3,3 m); Die 5 — 22 a 30,2 m; 3 a 1 a (3,3 m); Die 6 — 23 a 30,3 m; 4 a 2 a (3,3 m); Die 7 — 2

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 563/22 DE MAIO DE 1969

(páginas centrais)



4

ARTISTAS
EM BANDA
MAGNÉTICA

João Abel • Conduto • Sá Nogueira • Charrua



POSITIVAMENTE que as nossas coisas da cultura por via de regra não merecem por parte dos estrangeiros um cuidado tranquilizador. Embora exista, nomeadamente na Europa, um certo número de lusófilos atentos ao que por cá se passa, a verdade é que isso não basta, nem de longe, para que nos consideremos tratados com a dignidade a que, sejam quais forem as nossas limitações, temos jux. A propósito, de tempos a tempos a nossa imprensa faz-se eco de reparos sobre imperfeições, ou, mais concretamente, de mutilações da responsabilidade de quem se incumbiu de percorrer acerca das nossas artes ou letras. Lembremo-nos, por exemplo, que há alguns anos Manuel de Azevedo, no *Diário de Lisboa*, amarga e oportunamente, chamava a atenção para erros e falhas do *Dicionário de Cinema*, de Georges Sadoul, no capítulo dedicado a Portugal, por si já tão modesto, e ainda por cima truncado por uma autori-

dade no género. Agora mesmo se pode dar conta da forma imprevista e desconcertante como a nossa literatura moderna é tratada num dicionário estrangeiro. Isto são apenas dois casos dos muitos que se poderiam apontar e com os quais a todo o momento tropeçamos em artigos, ensaios, dicionários, obras de divulgação. Certamente que há relativas excepções e é justo que se assinale

aqui a da publicação recente do dicionário checo de literatura ibérica, que, pelo menos na parte que nos toca a nós portugueses e até onde é possível a um português que desconhece a língua checa apreender os dados ali inscritos, revela um esforço de seriedade digno de ser posto em evidência e não ficará mal manifestar a nossa gratidão a Pavla Lidmilová e a Zdeněk Hampl, a quem se

deve a parte dedicada ao nosso País.

Ora, vêm de alguns anos a esta parte as literaturas africanas de expressão francesa ou inglesa a ser alvo de atenções especiais e, por arrastamento, como não podia deixar de ser, a nossa literatura ultramarina é concedida, por vezes, um certa atenção. Mas quantas não são as ocasiões em que ela é também vítima de injustiças. Pois se, com efeito, um número embora restrito, como é evidente, de personalidades se encontra apetrechado para lhe prestar um óptimo serviço (e tem prestado), divulgando-a e prestigiando-a (o caso de Gerald Moser, por exemplo) com outros, porém, não acontece assim. Ainda em artigo recente (*Estudos Africanos* — in *Cultura e Arte*, do *Comércio do Porto*, 24/12/1968), João Alves das Neves se insurgia contra algumas injustiças de especialistas das literaturas africanas, e com ele estamos inteiramente de acordo, na observação que

faz a Claude Wauthier que, em *L'Afrique des Africains* (*Inventaire de la negritude*), ignora Castro Soromenho, assim como o acontecimento sensacional da literatura cabo-verdiana, além de vários escritores válidos seja qual for o ângulo de observação da Guiné (Guiné está aqui a mais, sublinhamos nós), São Tomé e Príncipe, de Angola e Moçambique, porque «no fim de contas não é só em francês que se exprime «la renaissance culturelle africaine», mas também em inglês e português».

Por outro lado, observe-se que Lilian Kesteloot numa obra ambiciosa e valiosa, *Anthologie négro-africaine* (*panorame critique des prosateurs, poètes et dramaturges noirs du XX^e siècle*) concede, é certo, representação a Castro Soromenho, Noémia de Sousa e António Jacinto e num esforço de seriedade cita mais alguns, regista ainda o fenómeno cabo-verdiano assinalando as revistas *Clartade* e *Cer-*

teza, porém, na nota introdutória não deixa de lamentar que «a produção literária destas áreas permanece pouco conhecida na zona francófona, por falta de traduções».

Estamos, pois, frente a um panorama geral que afecta toda a nossa cultura. Dai que se compreenda, perfeitamente esta desmistificação de Vitorino Magalhães Godinho, a propósito da historiografia estrangeira sobre a época das Descobertas:

«A historiografia estrangeira sobre a expansão dos séculos XV e XVI parece justificar o cunho de acérrima propaganda impressa à historiografia portuguesa pelo Visconde de Santarém e Joaquim Bensaúde. Reportemo-nos, apenas, a obras recentes e de reconhecimento categorial. Em *Le XVI^e Siècle* de Henri Sée e A. Rébillon (1934) consagra-se às navegações portuguesas uma página unicamente, e na qual quase todas as frases estão erra-

(Continua na 2.ª página)

O Teatro Português visto por uma estrangeira

Entrevista com a prof.^a Luciana Stegagno Picchio, por Carlos Porto

É DA AUTORIA DE UM ESTRANGEIRO uma das raras, e a melhor, das «Histórias do Teatro Português» — ironia que vários factos explicariam embora dificilmente pudessem justificar.

Razão, se necessária, que impunha ouvirmos a prof.^a Luciana Stegagno Picchio fora do ambiente, mais mundano do que dialogante, das recepções e conferências de imprensa, para que a autora da «História do Teatro Português», de que a «Portugália» fez uma bela edição, nos esclarecesse sobre alguns dos tópicos que a sua obra levanta.

Basta um contacto de momentos com Luciana Stegagno Picchio para uma vez mais experimentarmos a sensação melancolizante de estarmos fora do mundo, vasto mundo, até da Europa, pequeno mundo. Aqui fechados, aqui murmurados, descobrimos uma vez mais a nossa condição de habitantes de ardeite, condição de que (talvez) já não tenhamos consciência e por isso não tentemos modificar (pelo menos lá onde podemos quase tudo: em nós próprios).

Este pequeno contacto é como que o entreabrir de uma janela que dá para outros horizontes — outros horizontes, outras maneiras de estar no mundo, de fazer o mundo. Em Luciana Stegagno Picchio o saber não é erudição — é cultura; a ciência (perdão!) não é impetição — é comunicação e diálogo; a inteligência não é flagitância e afectação — é uma capacidade de entender o mundo.

Como se verá no que se segue...

— Começo por pedir à prof.^a geral passarmos ao particular. Luciana Stegagno Picchio, e proceder, em consequência, a uma análise da sua obra, na medida em que esta possa esclarecer a primeira, para o *Diário de Lisboa*.

— Sou professora de língua e literatura portuguesas na Universidade de Pisa (não, não sou catedrática pois com a reforma na Itália já não há catedráticos, vice-catedráticos ou assistentes mas apenas só, se Deus quiser, a figura do «docente único», do professor). Sou italiana, nascida no Piemonte, terra de gente com a cabeça dura. Sou professora, filóloga (isso, sim) e vacinada. O meu trabalho público é ensinar a língua e literatura portuguesas na Universidade de Pisa. Vivo em Roma. O meu trabalho científico consistiu até agora, quase unicamente, de pesquisa no domínio filológico romano. Ocupo-me ainda de poesia concreta e colaborei com o linguista Roman Jakobson num trabalho sobre Fernando Pessoa (estruturalista, é claro). Tenho ensaios de literatura e filologia catalã, espanhola e provençal.

No campo dos estudos portugueses, publiquei edi-



«APRESENTO-ME MAIS COMO DESTRUIDORA DE MITOS DO QUE COMO CRIADORA DE MITOS»

Luciana Stegagno Picchio em diálogo com J. J. Cochofel, Luís Francisco Rebelo e Fernando Lopes Graça

ções críticas do «Diálogo em louvor da nossa linguagem», de João de Barros; do «Pranto de Maria Parda», de Gil Vicente (com a restituição do texto conforme a edição de 1522); e ultimamente (e este, considero-o o meu trabalho principal) das «Poesias» de Martim Moya, trovador aragonês que

versejou em galego-português na corte do Rei-Sábio (cerca de 1270-80).

Mesmo no campo do teatro, o meu trabalho foi o de pesquisa: publiquei vários ensaios durante dez ou doze anos (desde 1956) agora recolhidos num volume *Recherche sul Teatro Portoghese* que constitui o suporte científico,

a base analítica sobre que foi construída ou melhor tentada a síntese da «História do Teatro».

— Mas o que a levou a interessar-se pelo teatro português?

— O desejo de aplicar no campo dos estudos filológicos e literários que

(Continua na 7.ª página)

humor & banda desenhada

...no lá fora...

HARA-KIRI HEBDO

HARA-KIRI HEBDO
(Hebdomadaire bête et méchant)
Editions du Square, Paris

Hara-Kiri, «journal bête et méchant», editado em Paris, há já largos anos, pelas «Editions Square» prossegue a sua publicação mensal, tendo entrado, no passado mês de Abril, no n.º 91 de uma carreira que a si própria se recomenda nos seguintes termos: «Toujours plus beau, toujours plus bête, toujours plus méchant.» Hara-Kiri já deixou de ser a má consciência francesa para se assumir como bisturi de uma sociedade. Fazendo da crueldade uma bandeira, Hara-Kiri penetra com raios nas estruturas bem pensantes da realidade francesa, rasgando o ventre adormecido de uma V República aparentemente calma, que os acontecimentos de Maio de 68 vieram finalmente agitar, devolvendo-lhe uma certa vitalidade e um frenesim político e social que estão normalmente nas bases das grandes viragens históricas. Certamente que não foi Hara-Kiri (nem Wolinski, Gédé, Willem ou Cavanna) o sustentáculo desse ressurgimento. Mas, intimamente, depois de analisar algumas das causas desse movimento, facilmente se poderá notar um certo tom de dessecralização de temas e ideias muitas delas postas em causa pela irreverência redactional de revistas como Hara-Kiri, que, desta forma, desempenham um papel importante, definindo ou informando a mentalidade

de uma época ou de um país.

Prolongando a existência mensal do Hara-Kiri, surge-nos agora (o seu número 13 traz a data de 28 de Abril de 69), «toujours bête et méchant» um Hara-Kiri Hebdo, com saída a todas as quintas-feiras e o preço de 1 novo franco. Contando com excelente colaboração de grandes desenhistas franceses contemporâ-



neos (e de estrangeiros residentes em França), Hara-Kiri Hebdo continua a promessa paterna, se possível com maior vigor e entusiasmo. Situando-se numa linha de intervenção directa e imediata sobre os acontecimentos políticos franceses e internacionais, Hara-Kiri Hebdo atinge até uma coerência de propósitos e uma unidade de estilo que não era visível na edição mensal, onde a transigência com a maldadezinha inocente e gratulatória era (e é) limitação imposta pela heterodoxia dos

colaboradores. Mas neste Hebdo nada disso se nota. São realmente doze páginas de explosivo concentrado, postas a circular «tous des lundis». Os textos literários apresentam uma qualidade rara, sendo de salientar a colaboração de Cavanna (que é, aliás, o chefe da redacção), em conversas semanais suborcinadas ao título: «Je l'ai pas lu, je l'ai pas vu... mais j'en ai entendu causer», bem assim como duas outras secções regulares («Les lundis de Delfeil de Ton» e «Les Jeux du Professeur Choron») onde é visível uma linguagem própria, feita de insinuações e análises satíricas que têm por base uma profunda e lúcida inquietação.

Entre os cartoonistas que se obrigam a preencher regularmente cerca de dois terços do jornal, temos Wolinski (que aparece na publicação como *ministère sans portefeuille*), com o traço nervoso e o humor cáustico que o notabilizaram; Reiser, em pequenos apontamentos e também em grandes páginas de *comentários internacionais*; Willem, sensacional revelação de Hara-Kiri que assina semanalmente uma impiedosa «chronique d'une vache espagnole» (ouja técnica de histórias em quadrinhos apresenta uma originalidade irrecusável); Gédé, de desenho seguro e tumultuoso; Fournier, outro cronista internacional de talento indelével; Cabu, de traço filigranado e dúctil, etc.

Sensacional, portanto, este Hara-Kiri Hebdo que tras como director o nome de Georges Bernier e cuja publicação se integra no quadro das edições Square (a mesma casa que acaba de lançar — como os nossos leitores já têm conhecimento — *Charlie*, revista de histórias em quadra-

linhos). Com a chancela da Livraria Bertrand (e o preço pouco combativo de 10000), *Hara-Kiri Hebdo* surgiu igualmente agora no mercado português, ainda a medo, em período que se julga de estudo de mercado. Percorra, portanto, os quiosques cá da terra e talvez tenha a grata surpresa de encontrar um exemplar extraviado deste Hara-Kiri, «bête et méchant» que representa uma experiência de coragem e liberdade assinalável. E comprar! E como diz a publicidade da revista: «Si vous avez de l'argent à foutre en l'air, achetez tout ça, sinon... volez-le!»

LAURO ANTÓNIO

charlie

«Journal plein d'humour et de bandes dessinées»
Editions du Square, Paris,
1969

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS continua a sua ascensão para uma notoriedade que lhe advém do reconhecimento das suas incalculáveis potencialidades plásticas e da evidente modernidade da sua linguagem. Em quadrinhos galopantes, os heróis da idade do espaço assumem lentamente o lugar que desde sempre lhes esteve reservado, reflectindo a tonalidade dominante de uma civilização que, julgue-se como se julgar, é a nossa, a única que conhecemos na carne e na experiência. A imagem, elemento fundamental das histórias em quadrinhos, é igualmente elemento essencial da nossa vivência quotidiana. A ela nos ligam indissociáveis laços de informa-

ção e formação que, por si só, bastariam para constituir uma cultura, definida por um espaço e um tempo contemporâneos. O fenómeno não tem fugido à percepção da grande maioria de estudiosos e sociólogos que sobre ele se debruçam. Multiplicam-se, portanto, as análises críticas, os enquadramentos políticos, a perspectivização histórica, as interpretações mais diversas. A história em quadrinhos atinge finalmente o degrau decisivo da maturidade. Maturidade que se vê reflectir no aparecimento de revistas de índole crítica, surgidas nos mais diversos países europeus (e, evidentemente, americanos), nas quais um público cada vez mais vasto e atento toma contacto com o que de melhor e de mais aprofundado se tem criado no domínio da *bande dessinée* moderna, ao mesmo tempo que recorda alguns dos autores mais significativos da sua história, afastados que foram certos preconceitos culturais que lhes tolheram o êxito no passado.

Prolongando a experiência italiana da revista *Linus*, apareceu agora em França (o primeiro número traz a data de Fevereiro de 1969) *Charlie*, «journal plein d'humour et de bandes dessinées», dirigido por Georges



Bernier. *Charlie* é assim uma espécie de desdobramento francês do já célebre *Linus*, oferecendo aos seus leitores a grande maioria das histórias em quadrinhos seleccionadas pela redacção italiana, entre os quais se destacam os *Peanuts* de Charles M. Schulz (que funcionam como mascote e divisa do empreendimento, sendo ambas as revistas, *Linus* e *Charlie*, homenagens visíveis às personagens principais do mundo trágico de Schulz), *Valentina*, de Grigo Crepax, *Ulisses*, de Homero, revisitado pelo talento de Lob e Pichard, *Ursula*, inquietante criação de Willem, *Lipi Abner*, famosa história americana de Al Capp, etc., para além de inserir ainda numerosos comentários satíricos, histórias curtas e desenhos humorísticos de Wolinski, Gédé, Jack Wohl, Jules Feiffer, Copi, Johnny Hart e muitos outros cartoonistas.

De excelente apresentação gráfica, *Charlie* tem a sua redacção em Paris (rue Montholon, 35, para os interessados) sendo a impressão efectuada em Milão.

A todos os que puderem dispor mensalmente de 3 novos francos franceses (ou 30 velhos escudos, depois de convertido o preço pela abusiva tabela portuguesa) aconselhamos a leitura de *Charlie*. Muito particularmente aos descrentes das qualidades e do interesse das histórias em quadrinhos.

L. A.

É nossa a responsabilidade

(Continuação da 1.ª página)

das; no entanto o volume das partes dos manuais do ensino superior *Clio* e é firmado por dois grandes historiadores; é quase escusado dizer que a indicação das fontes é escandalosamente reduzida e arbitrária e a bibliografia vergonhosamente incompleta; note-se que o volume é excelente. Os curtos parágrafos dedicados ao tema *L'Année des Temps Nouveaux* e *Les Débuts de L'Age Moderne* da magnífica colecção *Peuples et Civilisations* também não satisfazem, embora bastante melhores. E que dizer da *Histoire Universale* dirigida por W. Goetz, em que se continua impudentemente a afirmação que Martin Behaim ensinou aos portugueses a ciência náutica? Em livros de divulgação ainda se fala nas viagens dos marinheiros de Dieppe e Guiné! (*Essais II — sobre História de Portugal* — Lisboa, 1968).

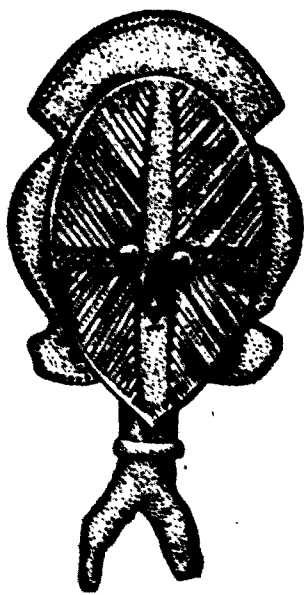
Magalhães Godinho, porém, ao denunciar este facto, que é em tudo semelhante a tantos outros, num movimento de ricochete põe em evidência a responsabilidade que nos cabe, em termos certos, e que constituem, ao cabo, uma verdadeira acusação contra nós próprios, portugueses, responsáveis afinal pela divulgação da nossa cultura no estrangeiro:

«...Aqueles historiadores, e tantos outros, são apenas culpados de não fazerem história, e o único remédio está na existência de revistas de especialidade de cuja crítica bibliográfica não deixe passar tais atropelos, e na feitura e difusão de obras históricas sérias — logo desapassionadas — sobre o assunto.» (O sublinhado é nosso).

Ela o dedo posto na ferida. Ferida que é uma doença da Literatura, da História, do Cinema, do Teatro, uma autêntica chaga nacional.

Pois, verifica-se assim que as duas opiniões relevam de uma raiz comum. A de Magalhães Godinho e a de Lilian Kesteloot. Esta dizendo que a produ-

ção literária destas áreas (as de influência portuguesa) permanece pouco conhecida na zona francófona», Magalhães Godinho afirmando que «o único remédio está na existência de revistas de especialidade cuja crítica bibliográfica não deixe passar tais atropelos, e na



tência de revistas de especialidade cuja crítica bibliográfica não deixe passar tais atropelos, e na

feitura e difusão de obras históricas sérias.»

Na verdade, em literatura ultramarina, o caso que particularmente desejamos acentuar, pouca atenção lhe temos prestado. Uns porque não acreditam nela, outros porque nela acreditam demasiadamente, embora isto pareça um jogo de palavras. Tem-nos escasseado para uso interno edições com tiragens normais, dado o desinteresse dos editores, críticas ponderadas e oportunas, antologias, uma revista que fosse para nos dar uma ideia tão precisa quanto possível da renascença cultural que vem ocorrendo na literatura africana de expressão portuguesa. Se não, outra seria hoje a audiência da obra realizada. E outro seria também o interesse oriado à volta dela. Com tal, ao mesmo tempo teríamos construído uma fonte de informação segura de que os estrangeiros poderiam lançar mão. E as lacunas, as imperfeições, os erros, as injustiças, os esquecimentos, as tropeças, por certo seriam coisa de literatura ultramarina também aquela

primeiro passo seria, portanto, propiciar as condições necessárias a uma informação larga e honesta.

Estamos inteiramente convencidos que os reflexos lá fora surtiriam o efeito desejado, dada a curiosidade que esta literatura vem despertando, a termos em conta os ecos que, de quando em quando, vêm até nós. E tudo leva a crer que nos estudos e antologias publicados no estrangeiro a representação que nos diz respeito seria a que fizesse inteira justiça aos autores ultramarinos. A justiça que é reconhecida suporíamos pelo citado Gerald Moser que estudando o fenómeno da literatura ultramarina portuguesa diz: «A primeira a ser escrita, mas a última a ser conhecida pelo mundo — tal tem sido o destino da literatura escrita em muitas partes da África de língua portuguesa», embora o critério aqui expandido seja, quanto a nós, cronologicamente demasiado elástico, pois Gerald Moser inclui no conceito de literatura ultramarina também aquela

parte a que nós chamaremos literatura no Ultramar, distinção que, no ponto de vista metodológico, se nos afigura fundamental.

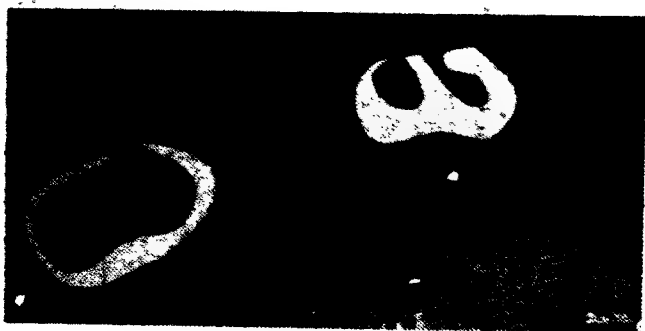
Já não pomos aqui a outra questão que se aplica a toda a nossa literatura, e que vem a ser a das perspectivas que, ao presente, se mostram propícias às traduções subvencionadas de obras quer de ficção, quer de poesia, e antologias, em língua francesa, cujo alcance seria, sem dúvida, de consequências excepcionais para a divulgação da nossa literatura.

Não temos ilusões absolutamente nenhuma. Este e tantos outros problemas nacionais integram-se num contexto geral e só depois de modificadas as suas estruturas técnicas a abertura de caminhos para uma acção dinâmica. Mas até lá, até que se faça aquilo que minimamente se impõe, não responsabilizemos os outros sem ver a parte de responsabilidade que nos cabe a todos nós.

MANUEL PARRERA

Exposição de Dorita Castel-Branco

O direito e o avesso



DORITA CASTEL-BRANCO
Galeria Interforma

A GALERIA INTERFORMA tenta precariamente equilibrar o seu programa. Os factos, no entanto, voltam-se contra ela: Dorita Castel Branco, personalidade irrequiescente, mas des-nivelada no que propõe, falha quase por completo o debate físico dos problemas que informaram de súbito o seu trabalho, acrescentados portanto ao desenho irregular da sua obra. Para uma acção

exercida na pedra, Dorita já experimentou assumir o material de acordo com as suas propriedades expressivas, quer ao nível da aspereza das texturas naturais, quer no plano da extensão monodítica dos blocos descobertos. A escultura que daí resulta — brutal e directa, apesar de muito debatida e já definitivamente datada — tinha pelo menos uma autenticidade primitiva que a impunha como força natural e como espectáculo. Nesse trabalho de sensibilidade táctil, aberto progressivamente segundo uma acção directa, a autora exprimia-

-se pela imediata consolidação dos meios — e a forma nascia de uma descoberta que, apesar de certos empirismos fatais, vivia intimamente ligada a uma afirmação de legitimidade dos elementos de partida.

Com a presente exposição, Dorita Castel Branco envereda por um caminho que não é com certeza o seu. Repetindo em parte o esquema de trabalho de Isabel Lajinhas, mas sem lograr a mesma ambiguidade ou a mesma ironia, Dorita procura aproximar-se das aparências que informam o nosso olhar, revendo o mecanismo da visão a partir de formas negativas e positivas, da conjugação de elementos antagónicos, da projecção de sombras falsas e de sombras reais. Este processo, enredando-se em formas insignificativas ou insignificantes, diluindo-se numa artificialidade decorativa, aparece quase imediatamente negada, até no plano das próprias ideias que o desencadeiam,

já que se decide erradamente nos meios e fundamentalmente iludido nos fins.

A madeira, como material utilizado, é pintada com tantas escolhas ao sabor de um duvidoso «bom gosto», e nunca de acordo com a eficácia necessária em ordem aos contrastes e às dicotomias que estão na base do jogo proposto. A execução, por outro lado, ao permitir a constante identificação do suporte, compromete e distrai a leitura: uma nítida falta de experiência na definição do rigor e da funcionalidade das formas destrói em quase todas as peças o jogo de relações que, em princípio, é próprio da sua estrutura.

De uma forma geral, e em suma, os objectos realizam-se à quem daquilo que anunciam, fingem precariamente o que deveriam ser: o avesso pintado finge um direito que não existe. Daí a falta de autenticidade desses objectos; daí a sua descontinuidade expressiva.

R. S.



3.º Salão de Artes Plásticas em Luanda



Novos corpos gerentes da S. N. B. A.

REALIZADO já o II Salão de Artes Plásticas da Cidade de Luanda, que a seu lado manteve a pretensão de recompensar as propostas mais esclarecidas, mais actuais e mais ousadas, não hesitando assim recusar os habituais compromissos e o conformismo às formas estagnadas da manifestação artística, deseja a Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Luanda que esse caminho se retome, para o que criou entretanto as condições mínimas capazes de nele empenhar todos os artistas portugueses actuais.

O Salão deste ano, que institui prémios no valor de 75 000\$00, a administrar pelo júri, é extensivo aos artistas residentes na Metrópole, que poderão concorrer com peças de pintura, desenho, gravura e escultura, desde que se integrem numa perspectiva estética actual e revelem adequada realização técnica.

Foi convidada a Sociedade Nacional de Belas-Artes para representar os artis-

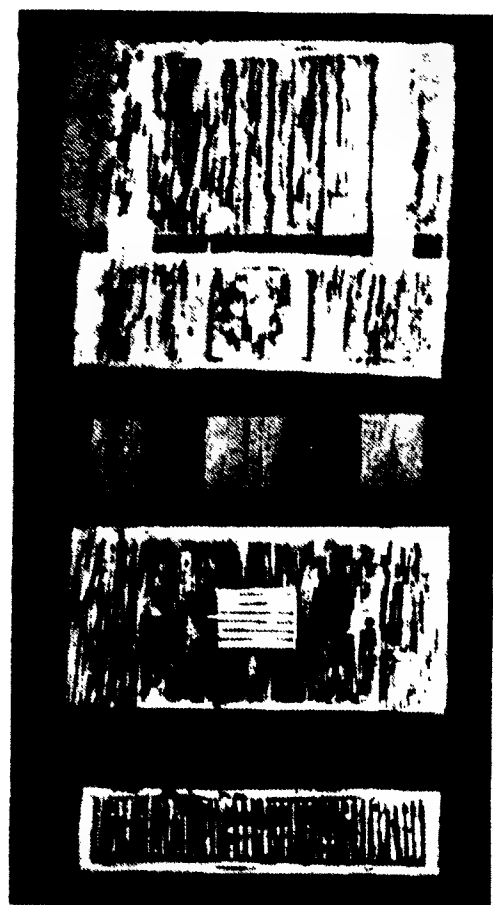
tas metropolitanos, cujas obras aí serão seleccionadas por membros do conselho técnico. As obras dos concorrentes devem ser entregues na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Rua Barata Salgueiro, Lisboa, até ao dia 17 de Junho de 1969, onde se encontram boletins de inscrição e regulamentos à disposição de todos os artistas interessados. As obras serão transportadas para Luanda e devolvidas a expensas da entidade organizadora. Por seu turno, a S. N. B. A. prestará ajuda logística e apoiará o Salão, cujo regulamento reconheceu estar de acordo com um critério actual e culturalmente bem definido.

A participação dos artistas metropolitanos, segundo este critério, é importante para ajudar a formar em Luanda um juízo crítico mais de acordo com a moderna perspectiva do fenómeno artístico. E os salões anteriores, depois de vencidas as resistências do meio, já abriram com clareza esse precedente.

EFFECTUOU-SE na Sociedade Nacional de Belas-Artes a assembleia geral para eleição de novos corpos gerentes, relativos ao biénio em curso. Com uma concorrência significativa, foram discutidos em assembleia alguns problemas fundamentais da vida da Sociedade e um grupo de sócios propôs-se contribuir para uma revisão e actualização dos programas de actividade, trabalhando para um debate em próxima assembleia geral extraordinária. A Direcção cessante leu um relatório sobre a política cultural por que se bateu, tendo acentuado a preferência conferida à função formativa, através do Curso de Formação Artística, bem como o recurso a realizações de marcada representatividade cultural, adaptadas aos novos condicionamentos gerados pela acção positiva e descentralizadora de outras entidades. Foi comunicado à assembleia que a Direcção proposta para o futuro próximo, renovada com elementos jovens e dinamiza-

da por um campo mais aberto de opinião, estará empenhada em prolongar e melhorar a política seguida até aqui.

Do relatório de contas, que foi aprovado por unanimidade, deduziu-se constar um saldo largamente positivo, demonstração clara de um critério administrativo que não só logrou cumprir os pesados encargos dos cursos como abriu perspectivas inéditas a outras actividades desejáveis. É importante por isso que a Direcção eleita saiba dinamizar a vida da Sociedade nos planos referidos, promovendo em paralelo o aumento e o interesse da massa associativa.



JOSE DE GUIMARAES expôs no princípio deste mês na Galeria «Árvore», do Porto, um conjunto de gravuras que documentam a qualidade da sua obra e ilustram as modalidades do seu trabalho. Artista ainda jovem, engenheiro de profissão, José de Guimarães, que estudou particularmente pintura, dedicou-se sobretudo à gravura e trabalhou nas oficinas da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, em especial no âmbito dos cursos aí desenvolvidos por S. Hayter, Rossini Peres e Carmen Gracia. Tendo viajado por centros importantes da Europa, realizou depois algumas exposições individuais em Lisboa, em 1961 e 1964, e mais tarde em Luanda, em 1964 e 1968. Participou em numerosos salões colectivos, quer na cidade de Lisboa, quer noutros pontos do País, e obteve alguns prémios com certo significado.

Segundo Luís Jardim, e a propósito de uma das fases mais interessantes do trabalho de José de Guimarães, as gravuras deste autor reflectem a influência da imprensa como técnica de comunicação e como matéria plástica, ao mesmo tempo que decidem, por essa via, a reinvenção do quotidiano.

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE Av. Luís Bivar	MANUEL BAPTISTA, O RIGOR AO SERVIÇO DE UMA LINGUAGEM SENSÍVEL
GALERIA DE ARTE MODERNA S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	MIQUEL ARRUDA, DA METAMORFOSE LÍRICA À INVENÇÃO DE MÓDULOS
SOCIEDADE COOPERATIVA DE GRAVADORES Travessa do Sequeiro	MARIA BEATRIZ, UMA FIGURAÇÃO INQUIETANTE
INSTALAÇÕES DA LONGRA Av. da República	JOÃO ABEL MANTA, MARIA VELEZ, CHARRUA, ANTÓNIO SENA, FERNANDO CONDUTO E SA NOGUEIRA NUMA IMPORTANTE EXPOSIÇÃO DE GRUPO
GALERIA 111 Campo Grande	ESPIGA PINTO *
GALERIA PANORAMA Damaia	LUD E PEDRO OOM *

* Ainda sem referência crítica

Livros de Arte

O Mundo do Homem, como série enciclopédica, corresponde a uma das iniciativas culturais da Editorial Europa-América e atinge agora um significado particular no volume As Artes, de 376 páginas, largamente documentado com reproduções a preto e branco e a cores. No seu panorama histórico das artes, a obra estabelece o quadro das referências cronológicas e a designação dos artistas, ao mesmo

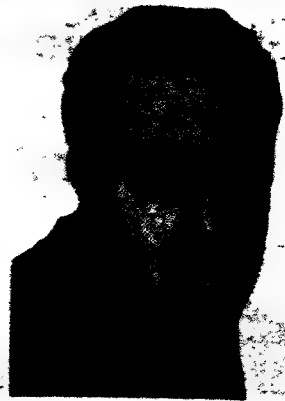
tempo que estrutura e desenvolve os fundamentos de uma análise interpretativa do fenómeno artístico, ali ordenado de forma sistemática, eficazmente dirigida ao estudo básico dos problemas.

Saiu o terceiro volume da História Mundial da Arte, editada pela Livraria Bertrand. Este volume cor-

responde ao Renascimento e apresenta, como os anteriores, grande quantidade de documentação fotográfica, a par de uma informação condensada e objectiva. O aparecimento deste tipo de edições é de grande utilidade no plano da divulgação dos factos artísticos, assim efectuada de forma mais expansiva e mais económica, correspondendo a uma tendência acentuada nos últimos anos.

João Abel Manta • Fernando Conduto • Sá Nogueira • Charrua

QUATRO ARTISTAS EM FITA MAGNÉTICA



João Abel Manta:

Para termos o direito de falar, é preciso mostrar o que fazemos

ENTREVISTA CONDUZIDA POR ROCHA DE SOUSA

ANUNCIADA em termos pouco habituais, a exposição apresentada nas instalações da Metalúrgica da Longra, na Avenida da República, empenhou rapidamente a curiosidade de grande número de pessoas. Foi notícia, no sentido quotidiano dos jornais. Envolvia nomes, para além disso, que representam uma linha de intervenção cultural já aberta entre nós. E definia um programa singularmente a propósito no momento artístico português, na hora em que se vive uma certa euforia de iniciativas e em que determinadas fontes de consumo habitualmente reservadas parecem querer transformar-se num mercado de maiores proporções.

Ouvir os artistas empenhados nesta operação pareceu-nos a atitude imediatamente mais correcta, sobretudo porque continuamos a acreditar que a eles pertence a primeira palavra. Quando entramos nas instalações da Longra, na própria noite da montagem da exposição, tivemos consciência de que a dimensão do acontecimento ultrapassava o projecto de uma simples entrevista tomada ao acaso das disponibilidades de cada artista. O gravador portátil era uma esperança de que nem tudo estaria perdido, mas era preciso que as declarações se confrontassem. A montagem de planos tomados sem cronologia, que pode resultar num espectáculo aliciente, dificilmente se identifica com a realidade de que parte.

Os artistas presentes — João Abel Manta, Fernando Conduto, Charrua e Sá Nogueira — decidiram aceitar o nosso convite para que falassem em conjunto, num diálogo de mesa-redonda. Isso permitiu maior limpeza nos cortes e mais verdade nas respostas ou nas afirmações.

PRIMEIRA QUESTÃO: a que princípios responde a forma de associação procurada pelos artistas presentes e em que medida se situa ela perante o actual momento artístico português?

F. C. — Pela minha parte penso que esta forma de associação é uma coisa desconhecida do que nos envolve, mas justifico-a porque me parece importante provocar os outros, também aqueles a quem tenho rancor. É preciso que eles contem com aquilo que a gente faz. É preciso que se decidam a falar mal daquilo que a gente faz. Se me voltar estritamente para o nosso lado, isto é uma espécie de serão de amigos, simpatizemos uns com os outros, sabemos a nossa ironia, conhecemos um respeito comum.

S. N. — Eu tenho a impressão de que não é apenas isso. Este grupo não é só feito de vontade própria. Ele foi, por assim di-

zer, gerado por razões externas, em consequência de uma luta que nós temos vindo a travar de há uns tempos para cá. Assim nos seleccionámos a partir de um encontro nessa luta. Essa será, sem nomear as frentes que naturalmente nos contrariam uma das origens de estarmos agora juntos desta forma.

J. A. M. — No fundo, essa necessidade de reacção não se compadecia de um silêncio em que alguns de nós tinham caído. Foi preciso de facto romper o silêncio. Esse directo à intervenção só é possível



Objecto escultórico de Charrua



Orai por eles

Folhetim artístico de José-Augusto França

QUANDO, HA DOIS MESES, ardeu a Casa do Risco, disseram os jornais que o património da cidade ficou empobrecido. Com certeza que ficou — e como que simbolicamente, porque naquela ala do Arsenal se riscaram os planos do que seria a Lisboa Pombalina, fulcro do desenvolvimento da cidade durante um século.

Com certeza que ficou mais pobre a cidade — já empobrecida com idênticas catástrofes que nos últimos anos destruíram o Teatro Dona Maria e a Igreja de São Domingos. Mas estes roubos que o destino (ou a negligência) fez à cidade são apenas mais espectaculares que outros, dia a dia acontecidos, à superfície, de modo a não darem nas vistas. Dia a dia, porém, vamos ficando mais pobres de casas, de sítios, de imagens de um passado em que a vida vivida da cidade se justifica. Na aparência, dado o luxo dos prédios que brotam em lugares humildes, substituindo humildes casas, a cidade enriquece-se, num progresso evidente. Por demais evidente para não esconder uma pobreza real — que é a do espírito. A do espírito que importa considerar como dado concreto de uma definição sociológica e estética da cidade. Sem espiritualismos duvidosos nem passadismos onanísticos — mas também sem esta corrida desenfreada de interesses inconfessáveis, com especulações sem escrúpulos, de construtores incógnitos, trabalhando com proprietários que ainda o são mais.

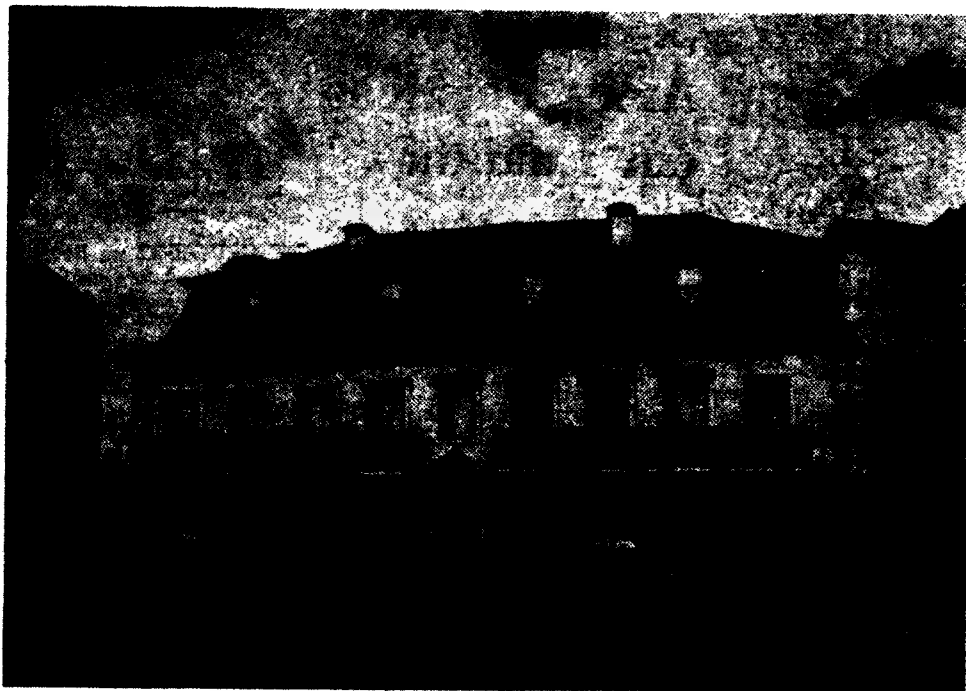
O crescimento normal, orgânico, da cidade, envolve necessariamente uma regeneração de tecidos — mas não a supressão de órgãos vitais. E vitais são os órgãos, por pequenos que sejam, e modestos, que contribuem para definir o aspecto, a imagem de uma zona, de um bairro, de uma rua.

É exactamente isso que está a ser destruído. Um prédio aqui, um jardim acolá, um muro mais adiante... Um a um cortados, naturalmente que não têm importância — mas contá-los assim é sofisma que se pagará caro, ao fim da medida... Porque estas unidades, subrepticiamente escamoteadas, formam conjuntos, definem situações — e cada uma abala uma unidade maior que acaba por ser, numa reacção em cadeia, a própria unidade da cidade.

Exemplos? Abundam diariamente, mesmo dentro de zonas que a Câmara tem a meritória intenção de proteger, aquelas que, precisamente, formam o tecido histórico de Lisboa. A sua denúncia daria um relatório enorme e aflitivo — mas bom será que os munícipes se aflijam de vez, com o autêntico roubo cultural de que são vítimas!

Rua ou praça em que um prédio ou um conjunto de prédios «velhos» apresente escritos — já se sabe que o c martelo está à espreita. Neste eixo (que é indispensável proteger, pela definição urbana que tem) indo do Cais do Sodré ao Rato, logo no Largo do Barão de Quintela vemos a cortina dos prémios do fundo, à beira de qualquer coisa... E no alto de São Pedro de Alcântara, o prédio que foi hotel e agora era casa religiosa — em apêndice local para especulação imobiliária. E, mais adiante, de frente do palácio Palmela, a série de casas pegadas ao palácio Alagoa, cuja destruição imediatamente poria em risco a definição deste mesmo palácio, que é extremamente importante.

Não longe deste eixo, no seu desvio da Rua Nova da Trindade, uma «estilização» recente salta aos olhos, como exemplo do que não deve ser permitido — mas foi, uma vez mais, no prédio de gaveto que confina com o célebre edi-



Palacete da Rua do Borja: «desmolido»... contra o interesse da cidade!

fício azulejado do Largo Rafael Bordalo Pinheiro. Embora houvesse um discrição cuidado no seu traçado e no emprego de azulejos oitocentistas na fachada, a sua proporção (efeito da rentabilidade pretendida) prejudica o prédio vizinho, alterando-lhe a definição arquitectural e o teor urbanístico local.

Mais ainda? Tenho (porque sobre a protecção da cidade fui encarregado de realizar um trabalho, pela Câmara, em 1967-68 «dossiers» bem nutridos das muitas desgraças e das muitas ameaças que pesam sobre a cidade inerme. Oh, este mirante pinóca, em cimento armado, elevado há meia dúzia de meses no telhado do palácio setecentista da Rua da Condessa do Rio, a Santa Catarina! Oh, o expediente safado de deitar abaixo as árvores de certos jardins do bairro da Lapa (tão gulosamente olhado...) para depois se poder «provar» que, afinal, não há ali zonas verdes a proteger! E este palacete, raríssimo exemplo de adaptação portuguesa de um modelo neo-clássico erudito, que existe na Rua do Borja, mesmo à ponta norte do parque das Necessidades, e que foi recentemente «desmolido», para justificar a demolição que a Câmara procura inteligentemente evitar — mas que produzirá uma vantajosa operação financeira... contra o interesse da cidade! Oh! isto é mais aquilo!

Reuniu-se em Setembro de 1968 em Lisboa um congresso internacional de

preservação das zonas históricas da cidade. A lição de Avignon, e lições italianas foram ali bem expressas — e a elas me referi, então, num destes folhetins. Pessoalmente, e por encargo da Câmara, expus o projecto lisboeta de protecção e defini princípios de preservação ao nível do que eu chamo a «imagem» local — e tive o gosto de me ver aprovado por especialistas italianos e franceses e de receber ainda agora ecos de apoio do Brasil. Resultados práticos de todos estes trabalhos não estão por enquanto à vista — e tudo parece suspenso, numa espécie de irrealidade, como se não estivesse em jogo um dos factores mais imediatos da realidade nacional.

Em Lisboa — e por todo o lado, pelo país inteiro. O país que já de tais prejuízos Alexandre Herculano queria proteger, há cento e trinta anos...

...Uma única via pode ser adoptada que leve a uma protecção eficiente, a bem da dignidade nacional, e é uma via legal, através de diplomas de aplicação inequívoca. É urgente, urgentíssima, imediata. Antes que seja ainda mais tarde. É preciso FAZER PARAR O MASSACRE. Que a opinião pública nesse sentido se mobilize.

Porque, senão, resta-nos olhar por todos estes edifícios ameaçados — e ficar a orar por eles. O que parece pouco eficiente.



Fernando Conduto:

**Cada um de nós
tem a sua camisola;
chutamos todos
para a mesma baliza**



Sá Nogueira:

**Não vejo
que o consumo
seja um condicionalismo
à liberdade criadora**



Charrua:

**A acção colectiva
em que nos empenhamos
não facilita apenas
a luta**

quando a gente se desnuda, quando a gente se decide a tirar o cachecol. Era preciso, ao fim e ao cabo, responder aos que falam sem fazer nada, aos que tecem acusações gratuitas. Para termos o direito de falar, é preciso mostrar o que fazemos.

Estas foram as declarações de base pronunciadas por Fernando Conduto, Sá Nogueira e João Abel Manta. Charrua insistiu noutro ponto:

C. — A acção colectiva em que nos empenhamos, nesta proposta pública, não facilita apenas a luta:

é sobretudo mais demonstrativa do nosso ser.

J. A. M. — A palavra colectivo, para mim, e neste caso, funciona principalmente como sintoma de respeito mútuo.

C. — No entanto, a quantidade das presenças altera a qualidade da proposta. Há nisso uma força de intervenção muito maior a que nenhum de nós é alheio.

Aqui um corte de montagem da nossa parte, não para alterar a cronologia do diálogo, mas para anotar os dados que colocamos na mesa: por um lado, era

preciso saber se a exposição de Longra correspondia a um simples fenómeno de entreajuda ou se era, também, um modo definido de intervenção: por outro lado, e pelo que nos tinha sido dado observar, a exposição parecia constituir-se com base em seis exposições individuais e não como uma simples colectiva.

J. A. M. — Esta exposição é inevitavelmente uma forma de intervenção, o que de resto se deduz do que já foi dito. No entanto, nós não temos nada a ver uns com os outros no plano daquilo que produ-

cimos. O respeito que nos dedicamos não compromete a nossa individualidade como artistas.

F. C. — Somos uma equipa de futebol com camisolas de várias cores. Cada um de nós tem a sua camisola, mas chutamos todos para a mesma baliza. Apontamos ao mesmo sítio, no fim de contas.

S. N. — Apesar de mantermos o nosso objectivo público, uma das coisas que melhor caracterizam esta acção é o facto de pretendermos, no fundo, manter a nossa independência. Não apenas em re-

lação ao meio, mas até entre nós.

F. C. — Claro que o facto de nos organizarmos não atenta contra o que somos individualmente. Mas apontamos a um objectivo comum, chutamos à mesma baliza, vivemos realmente uma afirmação pública de consequências de certo modo vastas. Esta afirmação não terá a sua justa medida se a crítica não se multiplicar como deve, se não houver o esclarecimento didáctico que lhe cabe, se a demagogia não suceder a análise dos factos.

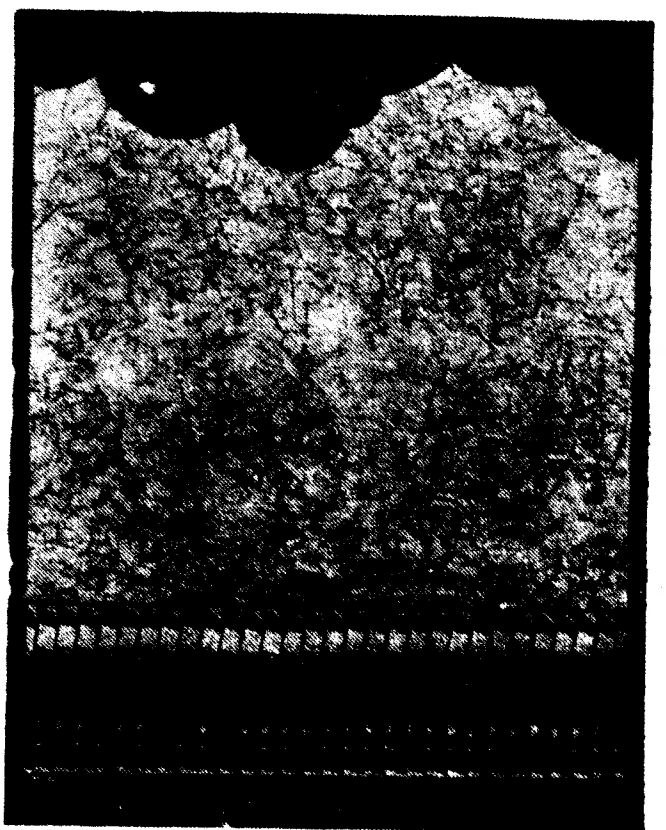
J. A. M. — Eu quero simplesmente que a frente do meu nome possa escrever artista-produtor, e essa é consequência fundamental dos meus actos. Em todos os sentidos. No meu caso, que sou arquitecto e faço «tricot» plástico ao domingo, é fundamental definir-me como artista. É preciso que o facto de eu produzir dois ou três quadros por mês me dê o direito a usar um outro bilhete de identidade.

F. C. — Mas isso continua a depender, em grande medida, da defesa ou do ataque desenvolvidos pelo sector da informação. Fazemos todos o nosso «tricot» de domingo, e disso depende a nossa bucha.

S. N. — Aí está uma coisa que, justamente, não devemos iludir. Acredito que da bucha depende em grande parte o nosso ritmo de trabalho. Esta associação, para além de propor uma revisão das bases informativas a nosso respeito, deve permitir eliminar certas carências que nos têm impossibilitado de assumir o nosso verdadeiro ritmo de produção. Esse é um dos aspectos que me fazem acreditar neste agrupamento.

F. C. — De facto, só amparados uns nos outros poderemos resistir aos factores que nos isolam. Não provocamos apenas a crítica mal formada, ou uma certa crítica; temos em conta igualmente a apa-

(Continua na página seguinte)



Trabalho de João Abel Manta exposto na Longra



OS CADÁVERES ESQUISITOS DE MIMI GRAAL DELICADAMENTE RECOLHIDOS ...

por Alexandre O'Neill

Se vocês demandarem Mimi Graal, perderão o tempo, o feitiço e a cavalgada, ó tavolosos! Mimi Graal nem sequer míticamente existe. Mimi Graal é quatro e nenhum dos quatro. Aplicada e simpática, acreditem. Um pouco louca, também. Enigmática, anagramática Mimi! Minou Drouet (lembram-se deusa?) de conjunturas portuguesas, Mimi é filha duma adulez que tem de adulto o não acreditar (muito) em si própria, no que definitivamente Mimi se distingue da sua copina francesa.

Para comodidade da crónica (sempre a comodidade!), damos a Mimi Graal uma existência que ela nunca poderá ter — e como as entrevistas vão de feição aos culturosos tempos que correm, aqui desdobramos Mimi sob as farsantes aparências de uma conferência de imprensa da menina prodígio que ela (quatro e nenhum dos quatro) forcejou por ser, mau grado o edificante exemplo da sua copina Drouet. A respondona será, portanto, Mimi; os perguntões, nós, os grandes pontos de interrogação.

Perguntão 1: Feita a sua apresentação pelo nosso amigo Jaime Mourão-Ferreira, que lhe descobriu a bossa-prodígio, gostaria que me respondesse, Mimi, a uma pergunta muito simples. Que disse Jean-Paul Sartre ao saber que o tinham distinguido com o Prémio Nobel?

Mimi-a-respondona: «Não me estimem em público...»

Perguntão 1: Fabuloso, Mimi, fabuloso! Agora percebe-se que Sartre tenha recusado o Nobel...

Perguntão 2: Dão-me licença? Uma perguntinha, nada capciosa, à nossa simpática Mimi Graal: que disse Búfalo Bill ao matar o seu último bisonte?

Mimi-a-respondona: «Vai tu... que ninguém te tratou mal!»

Perguntão 2: Derrotado... Confesso-me derrotado pela segurança de resposta desta fabulosa petiza...

Mimi-a-respondona: És tu em cama alheia.

Perguntão 3: Extraordinário, amigos! Mimi acaba de responder à pergunta que eu ainda não formulara! Que é o tango, Mimi?

Mimi-a-respondona: Já disse... És tu em cama alheia.

Perguntão 3: E já agora...

Perguntão 4: ... diga-me, Mimi: quem era, na realidade, Madame Pompidour?

Mimi-a-respondona: Uma reportagem sobre o fascismo.

Perguntão 1: Depressa, Mimi: que é preciso fazer para conquistar uma viúva?

Mimi-a-respondona: Limpar os pés à entrada.

Perguntões-em-uníssono: Ah! Ah! Boa piada!

Perguntão 3: Mimi, apare lá esta: «Amor sem dinheiro...

Mimi-a-respondona: ... açúcar no saleiro».

Perguntão 3: E mais esta: que disse Napoleão aos seus soldados quando estavam junto das pirâmides do Egipto?

Mimi-a-respondona: «Soldados, Cada vez mais de cada vez menos!»

Perguntão 2: Vejamos a sua cultura zoológica, Mimi. Que é uma mosca?

Mimi-a-respondona: Ora... É uma praia a morrer.

Perguntão 2: Curioso símile, curioso...

Perguntão 1: E o que é o pôr do sol?

Mimi-a-respondona: Uma rusga no rápido.

Perguntão 1: E um astronauta?

Mimi-a-respondona: Apenas o habitual atraso do rápido do Norte.

Perguntão 3: Eu não queria fatigá-la, Mimi, mas gostava que me dissesse o que é um literato.

Mimi-a-respondona (olhando para mim, perguntão-suplente): Está-se mesmo a ver: é um cardeal de luto.

Perguntão 2: Mais que satisfeito, vou fazer a minha última pergunta à Mimi. Que é a revolta?

Mimi-a-respondona: Uma casa de prego aberta ao domingo.

Perguntão 2: Uil!

Perguntão 1: Termina em beleza, termino com uma pergunta sobre o amor. Mimi, minha querida, o que é o amor platónico?

Mimi-a-respondona: Uma rosa monetária.

E depois de ter respondido (já não sei a quem) que um touro no salão era queijo sem pão, Mimi Graal, acompanhada pela sua velha tia, retirou-se no meio dos aplausos gerais.

E dos meus, perguntão-suplente, muito em particular...

CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

As condições naturais e, sobretudo, históricas da vida portuguesa determinam características e problemas que, sem denegarem a universalidade humana destes problemas, nos obrigam a encarar os em suas feições nacionais concretas. É neste sentido que o título *Civilização Portuguesa*, se amolda com justiça a uma colecção destinada a reunir ensaios, monografias, obras de iniciação, de actualização ou de síntese, acerca de temas onde avulta uma qualquer especificidade nacional portuguesa que mantenha o seu interesse dentro das mais largas perspectivas humanas. Os originais programados para iniciar a colecção *Civilização Portuguesa* permitirão, só por si, rasgar um panorama que abranje aspectos históricos ou actuais, literários, artísticos, económicos ou técnicos, do âmbito especializado ou interdisciplinar, e constituirão, decerto, uma contribuição apreciável para o aprofundamento da nossa consciência de civilizados e de portugueses.

PRÓXIMOS VOLUMES NESTA COLECÇÃO

Oscar Lopes
LER E DEPOIS
(crítica e interpretação literária)

Fernando Guimarães

A POESIA DA PRESENÇA E O
APARECIMENTO DO NEO-REALISMO
(ensaio e antologia)

2ª edição
EM MENOS
DE UM MÊS

INQUISICÃO

E CRISTÃOS

NOVOS

ANTÓNIO JOSÉ SARANA

EDITORIAL INOVA PORTO

4 artistas em fita magnética

(Continuação da pág. anterior)

tia, a passividade, de um meio mal apetrechado.

PRODUÇÃO E GERÊNCIA

Os artistas são os primeiros operadores do seu destino, não apenas através daquilo que produzem mas também através dos organismos para quem trabalham. A obra de arte, como objecto de civilização, está sujeita a um consumo determinado. E preciso preservar a liberdade criadora nesse sistema de relações.

F. C. — A conservação dessa liberdade depende do processo de trabalho do artista e da sua estrutura moral. Para um indivíduo solidamente estruturado, os contratos que faz para produção e consumo deixam sempre acautelados o seu ritmo de trabalho e o sentido da sua liberdade.

S. N. — E além disso, eu não vejo que o consumo, em si mesmo, seja um condicionamento à liberdade criadora. Ele até pode ajudar a delimitar um certo campo de acção, o que por vezes é salutar. O indivíduo passa a saber exactamente para que zona pode dirigir a sua capacidade de produção, sobretudo de acordo com as especialidades à sua disposição.

J. A. M. — Em boa verdade, o artista poderá um dia escolher o seu comprador. O objectivo artístico poderá condicionar soluções à sua volta, ao contrário de se condicionar as coisas que lhe são exteriores. Pessoalmente, desinteresse-me pelo destino último das minhas peças, mas há casos em que esse aspecto não pode ser ignorado.

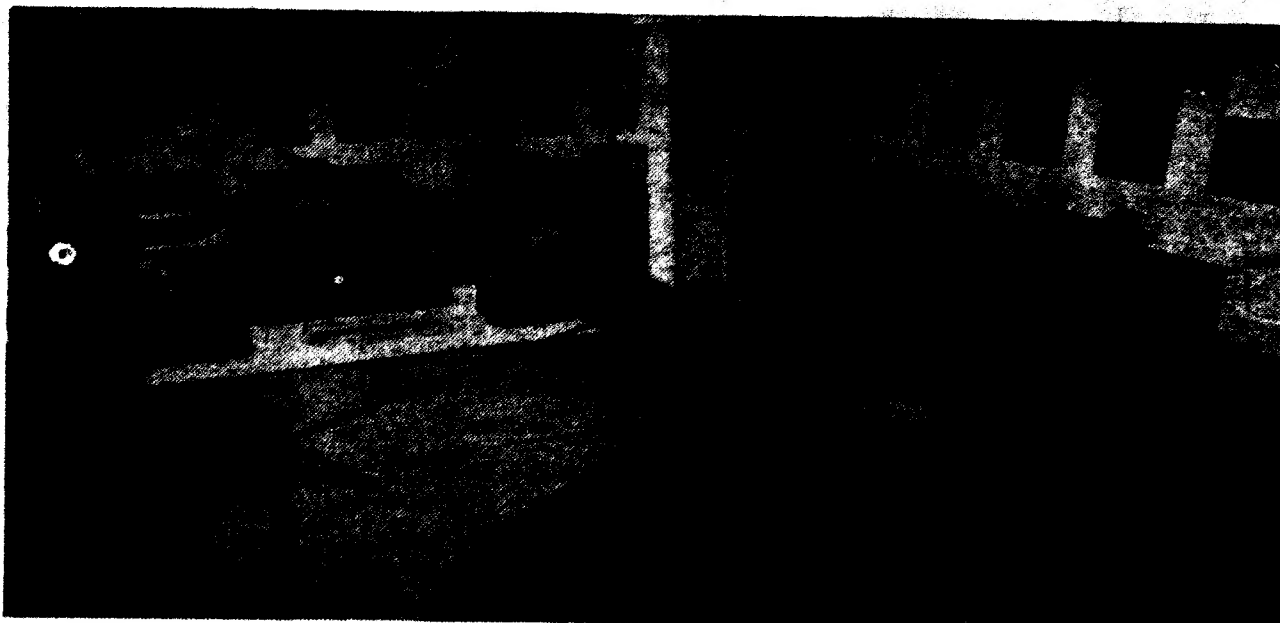
C. — Há um ponto de vista, a esse respeito, que deve em grande medida conduzir o artista nas suas opções de colocação: é preciso saber em que medida as consciências se alteram pelo seu trabalho.

J. A. M. — E é necessário saber com quem se convive. Nesta altura, uma das coisas que a gente quis foi ter a parede desinfetada. E até funcionamos em conjunto por estarmos de acordo nesse ponto.

F. C. — Mas convém lembrar entretanto, e isto para desfazer já qualquer equívoco que se possa levantar, que somos exactamente um grupo como há outros, nem melhor nem pior, e temos preocupações de sobrevivência como outros têm.

ACTIVIDADE ARTÍSTICA E COMUNICAÇÃO

As iniciativas ultimamente definidas entre nós, no campo das artes visuais, parecem coincidentes numa série de pontos. Por outro lado, as realidades da comunicação com o público parecem continuar dependentes de uma série de omissões. Falta esclarecer em que bases essa comunicação se pode fazer de (e para) toda a gente.



Vista geral da exposição na Longra; em 1.º plano, esculturas de Conduto

J. A. M. — Para mim considero um bocado aborrecido a gente ter aparecido agora com esta exposição, porque de facto não temos nada a ver com as iniciativas que se estão verificando no nosso meio. Isto não corresponde a mais uma exposição do grupo, nem a mais uma galeria que se abre: corresponde a uma ideia que nós alimentávamos há muito tempo e que só agora foi possível realizar. Houve portanto coincidência com outras iniciativas, mas o nosso plano não foi decalado em nenhuma delas.

S. N. — Em todo o caso, há uma coisa que se tem de dizer: a euforia dos outros deve ter contribuído para que a nossa solução se apressasse. A verdade é que, em face de certos movimentos e de certos factos, nós fomos empurrados para esta decisão há muito planeada. Mas os nossos objectivos não são propriamente coincidentes com os de outras iniciativas.

Aqui se inscreveu, na composição possível dos problemas a tratar, a questão desse conjunto de iniciativas que se têm registado ultimamente entre nós. Fernando Conduto, nesse aspecto, defendeu alguns pontos de vista que prolongaram o diálogo.

F. C. — Penso que o processo dessas iniciativas é comandado por um pequeno grupo que se quer afirmar como classe e inventa ou promove uma produção para justificar a sua acção. Este pequeno grupo estivador é o grupo da crítica. Evidentemente que pretende impor-se como classe e se apropria de uns indivíduos prestáveis.

J. A. M. — Convém acrescentar que a crítica é uma coisa muito respeitável. As afirmações do Conduto envolvem apenas uma certa crítica.

F. C. — É evidente. Eu só respeito a crítica que pretende esclarecer por processos legitimamente didácticos a leitura dos objectos. Já não me pode interessar a crítica que, com cataratas de palavras, apenas complica a situação e apenas responde a meia dúzia de pessoas que desejam ficar caladas e que se sujeitam às ideias alheias para uma esgrima fácil. A posição isenta e científica, essa respeito-a inteiramente.

Em referência aos problemas da comunicação

com o público, que de novo foi traido para a mesa, põe-se o problema de saber se ela se deve processar com algumas cedências por parte do artista, num plano de aproximação d'actica calculada.

S. N. — Se eu entendi o problema que foi posto, penso que a comunicação se faz, em termos gerais, através de uma plataforma que corresponde a uma cultura. Evidentemente que o artista não pode ser res-

ponsabilizado pela criação dessa plataforma. De resto é necessário promover o seu acesso à plataforma.

F. C. — A criação dessa plataforma segundo formas experimentadas, tem

relação com o processo de comunicação, porque as técnicas e as capacidades são cada vez em maior número, e arte hoje tanto pode servir para vender um «Alfa Romeo» como para vender o «Che Guevara».

J. A. M. — Em matéria de funcionamento e de comunicação, porque as técnicas e as capacidades são cada vez em maior número, e arte hoje tanto pode servir para vender um «Alfa Romeo» como para vender o «Che Guevara».

F. C. — De facto, os meios da comunicação visual começam hoje a ser profundamente consumidos. É preciso apostar nessa aprendizagem básica em que se abre uma vasta perspectiva de entendimento dos fenómenos artísticos. É preciso, por outro lado, que haja de facto uma grande força a amparar as personalidades alteradoras do processo em questão.

Um último corte na fita magnética para deixar em suspensão as vozes e, aqueles que quiserem, o juízo das acções que elas reflectem.

Frigorífico

PHILIPS



RM2425
275 L.

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outras salientam-se as seguintes características:

- Economia de espaço e de consumo.
- Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.
- Distribuição racional e regular da temperatura desejada.

A refrigeração nos modelos «Conti», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Húmido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelação.



RM2401 - 140 L.

RM2401 - 155 L.

RM2402 - 170 L.

RM2403 - 200 L.

RM2404 - 225 L.

RM2405 - 245 L.

Teatro Português

(Continuação da 1ª página)

me é próprio a experiência adquirida na «Enciclopédia dello Spettacolo», empresa de pesquisas teatrais em que tomei parte durante dez anos como redactora e directora das secções medieval e ibérica.

— Falemos então, se está de acordo, da «História do Teatro Português». Em que perspectivas se colocou ao concebê-la?

— Em relação à «História do Teatro», os pontos que me parecem mais importantes são os seguintes:

1— A individuação de uma tipologia do teatro português em que os factos teatrais portugueses se dispõem em dois filões estilísticos: o do teatro chamado «popular» de tradição vicentina que se distingue por uma temática local e por uma expressão no plano do plurilinguismo, e o do teatro «culto» de tradição quinhentista, europeizante, caracterizado por uma expressão monolíngue de nível «culto» ou pelo menos não expressionalista (no sentido caracterizador e acentuativo do plurilinguismo).

2— A definição de «sayagues» empregue por Gil Vicente como de um nível estilístico que tem os seus correspondentes na área italiana em autores como Ruzante e na área ibérica em poetas como Juan del Encina e Lucas Fernández.

3— A tentativa de explicar os fenómenos teatrais portugueses com constantes estilísticas europeias: o que levou à destruição de mitos literários como o de «arremedilho» (até aqui considerado em regime de paridade para com o «momo») como expressão particular do teatro português e restituindo ao seu sentido de nome comum, designativo de uma actividade (a dos arremedilhos) própria de toda a «jogralia» da Europa medieval.

4— A interpretação dos autores da chamada «escola vicentina» no que têm de particular (língua) e de universal (tipologia humana).

5— A visão da «Castro» como drama de «escolhas» antes do que como drama submetido ao «fado».

6— A interpretação dos Arcades (Garção) do ponto de vista de abertura de Portugal à «Europa».

7— O capítulo sobre Garrett que considero bom mesmo no plano estético (pelo menos no texto italiano). A «História do Teatro» (na sua edição italiana) pretende ser «crítica» e não apenas compilação, mas isto é imo-destia ou melhor utopia da autora.

8— O desejo de enden-der «teatro» embora sempre «sub specie» do texto como lugar de encontro de autor e público. Neste sentido, embora o acção seja po- pular no texto, o livro não quer ser só uma história da literatura dramática mas sim do teatro.

9— A tentativa de colocar as obras dos modernos autores dramáticos portugueses em linhas ex- plicativas, em tendências reveladoras da actual es- piritualidade portuguesa,

com diversidade de valores estéticos e que seria muito difícil por falta de pers- pectiva e mesmo por não sedimentação do juízo es- tético.

— Como diz na Intro- dução da sua «História», tem sido usada em Por- tugal a existência de um teatro português. O seu li- vro prova o contrário: po- demos estar «descansados sobre a validade do nosso teatro como criação poé- ticamente autónoma, e in- teressante sob o ponto de vista dramático»?

— Quando os portugue- ses, desde Eça de Queirós e Fialho, declaram não possuir teatro, não negam, naturalmente, a existên- cia de um repertório dra- mático de língua portu- guesa nem de uma tradi- ção de espectáculo nacio- nal. Num daqueles relan- ces de lúcida auto-des- truição, de amarga auto- desmistificação que já se inserem num preciso e ali- cian- te filão estilístico da literatura nacional (uma feira cabibaixa regenera- dora), entendem por um lado não possuir a «tête dramatique» e por outro lado não ter até hoje pro- duzido no plano da litera- tura dramática os valores de que se reconhecem au- tores no da poesia lírica. A minha «História», na modestia dos seus resulta- dos, pretende apresentar os factos teatrais portu- gueses numa perspectiva de tradição estilística: de for- ma que a expressão «tea- tro português» readquirir aqui toda a sua validade e o seu sentido. Natural- mente, trata-se de uma visão «de fora», de uma «definição» do teatro por- tuguês feita por um es- tranheiro, com esquemas ideológicos e noções dife- rentes dos que aqui são considerados base de cul- tura comum. E neste sen- tido espero venham a ser aceites e discutidas pelos leitores portugueses.

— Disse que na sua «His- tória» se apresenta mais como destruidora de mi- tos do que como criadora de mitos. Aliás, referiu-se há pouco de passagem a esse problema. Quer con- cretizar?

— Referia-me a mitos filológicos: veja o caso do arremedilho; a mitos de avaliação estética: veja o caso do juízo sobre a «cl- ricidade» do repertório teatral português que le- vou à antologização de pe- ças como as «cantigas» de Gil Vicente ou a «Cantata de Dido» de Garção que tiradas do contexto já não têm o mesmo valor. E por outro lado a revalorização do filão chamado «popu- lar» deste teatro.

— Na sua opinião, quais são as constantes do tea- tro português que possá- mos considerar como uni- versais, ou exportáveis?

— Acho «exportáveis» todos os verdadeiros valo- res deste teatro reinter- pretados modernamente, quer dizer, redescobertos com a mesma actual sensi- bilidade. Pode-se encontrar Gil Vicente ou António Ferreira. Mas talvez um público estrangeiro (ita- liano?) aceite melhor o teatro expressionista (no amplo sentido da palavra) de Gil Vicente («Barca», «Auto da Paixão») do que o cavalheiresco (Amadão).

— Refere-se na sua «His- tória» a riqueza linguística



Luciana S. Picchio: cultura, comunicação, diálogo

de algumas fases do nos- so teatro. Poderá definir- nos a problemática lin- guística do teatro portu- guês?

— Uma das coisas que mais atraem no teatro português é exactamente a sua riqueza linguística, que não existe noutros sectores da literatura nacional. E nisto o teatro é revelador de uma condi- ção linguística extrema- mente. Por razões históri- cas (o facto de ser o por- tuguês uma língua de for- mação setentrional que desceu em regime de re- conquista de Norte para o Sul) a fragmentação dia- lectal é mínima em Por- tugal. E todos os humores que nas outras línguas (veja o caso da Itália) são absorvidos pelos dialectos entram aqui na língua dispondo-se em níveis es- tilísticos que até agora só o teatro em literatura con- seguiu captar e frisar.

— Não lhe parece que o pendor para continuar a tradição de um teatro de leitura que encontramos em alguns dramaturgos contemporâneos poderá prejudicar as capacidades dramáticas desses autores?

— O «teatro de leitura» na Península Ibérica sem- pre foi uma necessidade (censura, razões econômi- cas que impediam a re- apresentação das obras) não um pendor. E se se acentua agora é pelas mes- mas razões. A minha con- sideração é descritiva não avaliativa.

— Existem afinidades entre o teatro português e o teatro italiano?

— Entre autores sim, entre conjuntos não. O teatro português no seu conjunto tem caracterís- ticas de «área marginal» (como dizem os linguístas) que o teatro italiano por razões históricas não pos- sui ou possui de outra forma.

— Falou do teatro como forma de diálogo. Não lhe parece que neste momento o teatro é antes uma for- ma de contestação do que uma forma de diálogo?

— Tudo, num momento como o actual serve à con- testação: e é lógico e ju- sto. Mas pode servir na mesma medida ao diálogo: o teatro como a escola.

CARLOS PORTO

Micropaisagem

(Continuação da 2ª página)

dos poemas em ciclos e, dentro destes, a divisão por catorze versos/poema é pu- ramente arbitrária. Isto porque o livro possui uma unidade, temática e de lin- guagem, de tal forma cer- rada que os poemas se con- tinuam dentro do mesmo ciclo e que estes ciclos por sua vez se ligam numa con- vivência possível. Todo o livro portanto se articula pela voz de um único poe- ma que em si próprio se relê e simultaneamente se abisma perante a sua pró- pria representação.

2. O RIGOR E A HARMONIA

Tomemos, por exemplo, o facto de todos os poemas possuírem o numero fixo de 14 versos. Pode ter sido gratuita a intenção que presidiu a uma tal escolha, é no entanto evidente que se não trata de um acaso. Ela mostra-nos, da parte do poeta, um certo tipo de preocupação digamos que oficial, uma necessidade de rigor, uma ideia de construção do poema bem diferentes da que se en- contrava implícita num certo lirismo de tradição. Digamos que o poema é aqui encarado como um objecto através do qual o discurso se recria recrian- do-o. Ele é aquele que es- creve e é escrito e, pouco a pouco, o brilho das pala- vras o ofuscará. E é nesse seu autónomo discurso que o poema a si próprio se irá lentamente construindo.

E' pois mais do que evi- dente que não poderemos ler este livro levemente. Se nos parece ter havido da parte do autor determina- do tipo de intenções, há pois que procurar decifrá- las para que as possamos entender. Digamos que, so- bre um sentido original, o poeta vai executando todas as articulações possíveis até ao momento em que tudo e ele próprio será ultrapas- sado, e esse sentido origi- nal não é mais agora do que uma oculta e iniciática intenção. Toda a crítica moderna recusa ficar-se pela observação desse ob- jecto acabado, desse jogo múltiplo e finito de arti- culações com que o poema se lhe apresenta. Ela irá perseguir o movimento in- verso da linguagem do poe- ta, desmontando o poema, recriando-o, não com o in- tuito de um discurso para- lelo mas para cada vez mais o tornar inteligível. Só des- sa forma lhe será possível o acesso a esse múltiplo jo- go de sentidos que na obra se contrapõem. Como diria Roland Barthes (3), o ver- dadeiro interesse de uma tal actividade é muito me-

nos assinalar e estudar o sentido pleno dos objectos sobre que se debruça do que propriamente saber co- mo esse sentido é possível, a que preço e segundo que vias. Evidenciar, portanto, o processo propriamente humano segundo o qual os homens dão sentido às co- sas. Aquilo que a crítica in- tucionista se limitava a dizer que a obra de arte lhe fazia sentir, preferimos nós, portanto, detectar as ra- zões pelas quais esse sen- tir é possível e que cami- nhos ele percorreu até che- gar ao nosso conhecimento.

E' no entanto evidente que tal análise excede o âmbito desta nota circuns- tancial. E' por isso que es- te texto se limitará a enunciar algumas propos- tas de estudo que, em li- vro, em breve prometemos retomar.

Anotemos pois, desde já, alguns factos isolados. Mi- cropaisagem estrutura-se através de uma cerradissi- ma montagem que infin- itamente se auto-reflete desenvolvendo-se como uma dolorosa interrogação sobre a sua própria pos- sibilidade. Todo o livro se articula com base num muito limitado numero de símbolos e palavras:

— há versos e conjuntos de versos que se repetem em mais de um poema;

— o poema II do ciclo I aparece-nos como estímulo possível dos poemas IX, X,



XI, XII e XIII, através dos quais ele integralmente se desdobra;

— os poemas V e XIX do mesmo ciclo são prática- mente iguais. Apenas o sen- tido é diferente;

— as palavras água (15), flores (15), poema (12), pedra (12), cal (11), gotas (11), vidro (10), repetem- se ao longo do texto pelo numero de vezes que indi- camos entre parêntesis.

Estes breves apontamen- tos marginais serão talvez um ponto de partida para a exactidão e a firmeza deste universo fechado. To- da a sua possível aventura se desenrola em torno do seu próprio centro como uma busca incessante, um círculo perfeito em que o ininterrupto e sempre re- novado diálogo com o Ob- jecto, a Coisa, o Outro co- mo confronto, nos aparece transcrito através de uma elevada incidência subs- tantiva. Uma sumária quantificação mostrará- nos-á que toda a secura e o rigor desta linguagem re- sulta fundamentalmente de a utilização de substan- tivos ser superior em 250 por cento á dos adjectivos e quase 340 por cento á dos verbos.

E' pois evidente que a substância, o objecto, a coisa, são neste livro fonte de renovada referência e

luta na expressão poética deste autor, que prática- mente despreza uma noção de qualidade ou uma pos- sibilidade de comparação. Daqui resultaria evidente- mente uma escrita seca, quase geométrica, se o poe- ta não tivesse sentido a necessidade de valorizar ao máximo os poucos adjecti- vos que utiliza, de lhes atribuir um peso e uma força crescentes, colocan- do-os quase sempre depois do substantivo. Esse possí- vel e inevitável rigor fica, deste modo, um pouco harmonizado. A secura no entanto em grande parte se mantém e é ela, sem du- vida, uma das principais características do estilo poético e prosódico de Car- los de Oliveira. A nomea- ção e o confronto com o Outro, a Coisa como coisa, quer dizer, não humaniza- da pela representação poé- tica, são modulações con- stantes de toda a sua escri- ta. O poeta constantemente nos recusa essa humani- zação da Coisa, controla e seca a renovada fonte ro- mântica da poesia tradi- cional, procura evitar o li- rismo possível de que algu- mas palavras se encontram carregadas até ao excesso de tal forma que hoje nos é impossível lê-las sem imeditamente as associar- mos a esse peso algo mítico que é a sua significação transparente. E' o caso, por exemplo, de versos como: (... lodo / produzindo / não flores / mas lodo, / ou ainda, sono também / sem sonho. Por eles verificamos que nos é recusada a liber- dade de saltarmos da pala- vra para uma sua signifi- cação ideal. Trata-se de sono, não de sonho; de lo- do, não de flores. Não nos iludamos, nada existe aqui que não seja pura repre- sentação. E' do rigor que nos fala Carlos de Olivei- ra, é a exactidão que aspi- ra toda a sua linguagem poética. A palavra é para ele fruto de uma procura, resultado de uma infinita dissecação, até ao momen- to em que, expurgada dos seus dispersos e contradi- tórios sentidos, ela não po- derá mais representar do que o brilho que se oculta no seu próprio ser. Trata- se pois de sono, e nada nos autoriza a daí cami- nharmos até ás dimensões míticas e ideológicas que vão dar ao sonho. E' lodo, é a imagem fulcral desta poesia. E o lodo produz lo- do nessa transposição de si onde as flores não cabem senão como referência va- ga e idealista.

Raras vezes decerto nós teremos oportunidade de falar de uma poesia onde a substância assumia im- portância tão fundamen- tal, onde o diálogo com o Outro, o eterno movimento das coisas em torno do mundo e de si próprias es- teja aí tão fortemente evi- denciado.

Por isso lamentamos que esta breve nota nos não permita, para já, muito mais do que a simples aflo- ração dos problemas.

(1) Micropaisagem, de Car- los de Oliveira, Pub. D. Quí- xote, 1968.

(2) G. C. artigo in «Diário de Lisboa», 19-12-68.

(3) R. Barthes, L'activité structuraliste in Les Lettres Nouvelles, n.º 32, Fev. 63.

NELSON DE MATOS

COLEÇÃO INFANTIL CABRA-CEGA

«HISTÓRIAS COM JUÍZO»

de

MÁRIO CASTRIM

Na Feira: Stand 36
Dist. Liv. Quadrante

MICROPAISAGEM • MICROPAISAGEM • MICROPAISAGEM

Um espaço de rigor e harmonia

por Nelson de Matos



SE A LITERATURA É FELTA de palavras naturais, será que, para a entendermos, tenhamos primeiro de as analisar. Nada nos parece mais caracterizador da vivência estética e pessoal de um artista do que a verificação das palavras que mais frequentemente utiliza, dos sentidos diversos que elas assumem na estrutura dos seus textos, do significado novo com que ele procura enfim utilizá-las. Durante muito tempo as palavras foram

que representavam, faziam parte delas como sistema de identificação exterior.

A imensidão das águas estava, por exemplo, toda ela contida na palavra *mar*. Depois dos estudos da linguística moderna nós podemos hoje saber que a palavra não é mais esse sentido único. Errando na aventura de si própria ela desilgou-se da coisa, da sua função de representação, e definitivamente encoetou o caminho da sua própria

neutralidade. Sabemos hoje que a palavra é um conjunto binário resultante da íntima associação de um significante e de um significado. Ela deixou pois de valer como sinal das coisas para daí fundamentalmente passar à representação de si própria.

A célebre e já tão vulgarizada afirmação de Lacan de que não é o sujeito que pensa mas o Sistema por ele podemos agora paralelamente juntar a de que que não é o poeta quem escreve mas toda a linguagem que através dele e com ele a si mesma se escreve. Isto vai levar-nos de certo a uma nova noção do Inconsciente. Se não sou eu quem escreve, é porque *algo* em mim escreve sem que disso eu me possa aperceber no plano imediato desse acto de escrever. Esse *algo* é, evidente-

mente, todo o conjunto de relações e interdependências que definem a *épistémé* em que eu próprio me movimento. Esse *algo* é de certo toda a cultura que me liga ao meio e o meio que me liga a uma outra Cultura mais vasta e de que eu não posso aperceber. Nesse sistema complexo de relações e interdependências, que vão de uma ruptura a outra ruptura, que definem toda a estrutura em que eu próprio sou sujeito e objecto, quem serei eu e o que é que na verdade estou aqui pensando? Penso o meu tempo que em mim próprio se pensa através do que a ele indelévelmente me liga. Tudo o que eu penso e faço é pois o pensar e o fazer-se desse mesmo sistema. É em mim que essa massa informe se transforma tornando consciência de si, ao mesmo tempo que eu

próprio me situo em relação a ela.

Mas nesse meu pensar eu tenho necessariamente de utilizar uma linguagem que esse sistema em mim utiliza. São as palavras do meu tempo que em mim falam, se redescobrem num sentido novo que é o novo sentido do tempo que me fala. Desligadas de tudo, elas encetarão depois esse caminho fértil que vai de mim para elas depois de virem e regressarem a esse sistema de que elas próprias são em mim a oculta fala.

Pensar pois a linguagem de um artista é pensar a linguagem do seu tempo, é ver esse tempo aí falando com ele e por ele num discurso circular que a si mesmo se enriquece e a si mesmo se aniquila. Pensar a linguagem é pois pensar o sujeito dela e o tempo

que daí também é em harmonia e indistritível comunhão.

1. O ESPAÇO

Micropaisagem (1) é um conjunto de oitenta e dois poemas, cada um deles com o número fixo de 14 versos, agrupados em 12 classes individualizados através de diferentes títulos. O facto de todos os poemas apresentarem esta regularidade estrófica, levou Gastão Cruz (2) a usar para eles a designação de sonetos. Embora de modo algum nos cingindo à tradicional concepção do soneto, sobretudo no que se refere à sua representação formal, pensamos que tal designação se apresenta em desacordo com a natureza cíclica que todo o livro possui. E veremos isso ao notarmos que a separação

(Continua na 7.ª página)

MANUEL DA SILVA RAMOS (PRÉMIO ALMEIDA GARRETT):

Portugal tem também os seus astronautas...

ENTREVISTA CONDUZIDA POR FÉLIX BORGES

MANUEL DA SILVA RAMOS nasceu na Covilhã, em 1947. Da colaboração em suplementos juvenis seguiu, quase mágica, para a tipografia: ganhou, «ex aequo», o prémio Almeida Garrett, iniciativa da Editorial Inova. A obra, conjugação do erotismo e da imagem audaciosa, intitulada «Os Três Seios de Novélla». Com a sua publicação saíram mais dois dos seus textos — «Um Longo Nascimento» e «A Respiração».

Para uma entrevista responde agora, esclarecendo-nos de antemão: «Não calho em entrevistas». Ao que poderemos acrescentar — o Manuel da Silva Ramos não caberá nunca na sua obra.

Como tudo, a entrevista não será também mais do que uma proposta, nunca uma certeza. Como proposta, outra razão não tem senão criar equívocos...

1 DA CERTEZA

— Porque ganhaste?
— Porque tinha de ganhar. (Ganhar=Perder).
— Que fazias se não ganhasses?

— Começava a escrever a mesma novela de trás para diante até adquirir um corpo sempre diferente... Lembremo-nos que Lichtenberg arranhou 62 maneiras de levar uma colher à boca...

— Onde te vinha essa certeza?

— As vezes a solidão dá-nos uma certeza terrível. Uns olhos naturais.

2 DO PRÉMIO

— Qual o tema a partir do qual se desenvolve a tua novela?

— É uma viagem de circulo-solidão.

— Qual pensas que será a característica essencial do teu processo de escrita?

— Livrar a palavra da sua dispêndia, a intuição dos contrastes, a magia da imagem certa... (As vezes cavaleiro uma palavra durante minutos. Outras vezes espero-a com os olhos até ela nascer velozmente no papel... Disparo logo porque tenho medo que ela espante a caneta...).

— Quem é Novélla?
— Príma de Emily Bron-

te, cunhada de Albertine Sarrazin e avó de Billitis.
— Porque «Os Três Seios»...

— Qualquer corpo tem a sua matemática mas também a sua inverosimilhança.

3 DA INICIAÇÃO

— Como começaste a escrever?

— Como comecei a andar?

— Recebeste incentivos de alguém?

— Aprendi-me a procurar... É curioso. Até há bem pouco tempo a literatura era para mim um ritual fêlico do qual mais ninguém participava, nem conhecia até... No rosto do meu quotidiano acontecia:

homens com quem falava, de quem falava, alheios ao salário do meu enigma.

— Porque persistes em escrever?

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

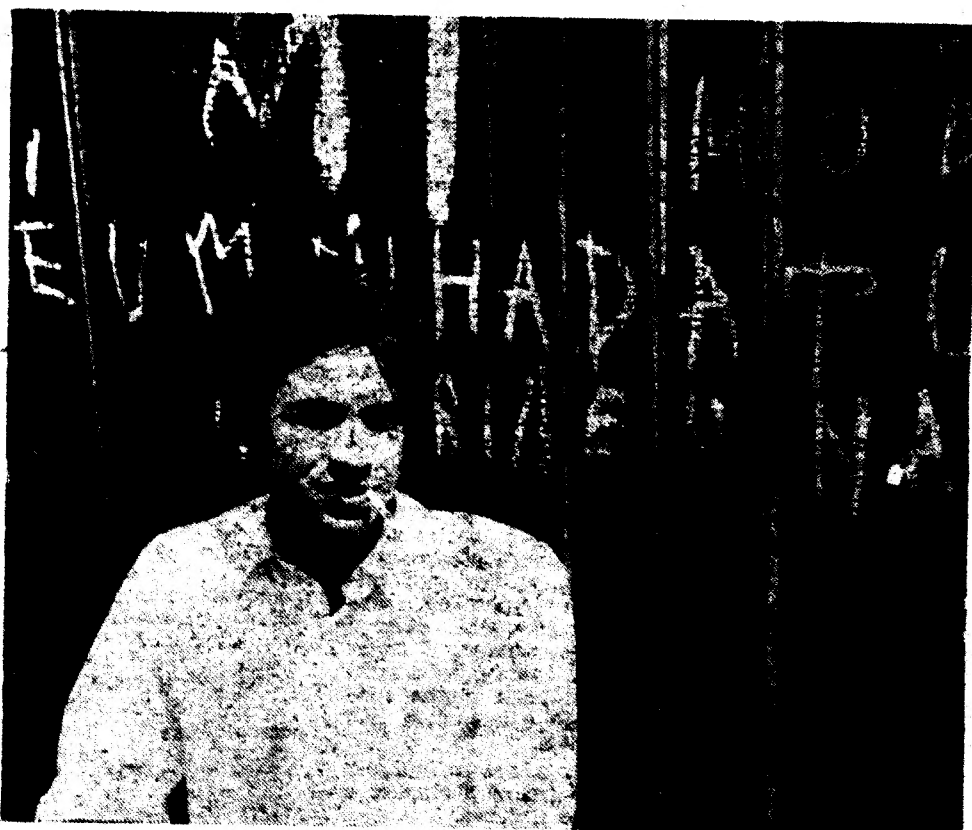
— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol mata-a para prosseguir...



Manuel da Silva Ramos: «rompeu-se a virgindade...»

trico das técnicas tanto produtivas como espaciais?

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-contemplação. De pressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultaneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à colaração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

sentindo desse desenvolvimento que todos e tudo parece querer abarcar?

— Um escritor verdadeiro nunca se chamará Noé, nem nunca seguirá o seu exemplo... Tenho também a certeza de que a literatura terá cada vez mais necessidade de outras artes que lhe facilitem a sobrevivência...

— Num texto do teu livro entaste desmistificar os astronautas.

— Por que o fazes?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?

5 DA LITERATURA

— Que pensas da literatura jovem portuguesa?

— É ela que dará a este século português a maior parte dos homens da primeira fila... É preciso que os editores arrisquem nos desconhecidos que estão na sombra todos urinados...

— Qual a corrente literária que mais te seduz?

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a dilatação dum surrealismo como a Álvaro de Campos aliado ao fôlego de Dostoiévsky e com uma fascinação vivencial a Górci...

— O neo-realismo impressionou-te de algum modo?

— Nada melhor, nada mais digno para o homem neo-realista que a agricultura e a indústria de panificação.

— Em que medida estás ligado a Herberto Helder?

— Herberto Helder é o mais esclarecido cultor da palavra portuguesa.

— Que é para ti a literatura de protesto, de contestação?

— Em todos os tempos houve sempre uma literatura de feição marcada-

mente social, renovadora, reivindicativa... Alguns grandes autores mesmo dissociando a sociedade em que vivem, são por ela idolatrados. Caso dum Ginzberg, dum Mailer, etc... Portugal tem também os seus escritores «comprometidos». Pessoalmente penso que no nosso meio a literatura ainda está na fase de que vale mais uma literatura que me leve do que uma literatura que me derrube...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um palmo de incituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

— Qual a função da literatura?